

YURI TOMAZ DOS SANTOS

**PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NOS ESTUDOS CULTURAIS EM COMUNICAÇÃO:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

VIÇOSA – MG
OUTUBRO – 2021

YURI TOMAZ DOS SANTOS

**PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NOS ESTUDOS CULTURAIS EM COMUNICAÇÃO:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Patrícia Vargas Lopes (DHI/UFV)

Co-orientador: Rennan Lanna Mafra (DCM/UFV)

VIÇOSA – MG
OUTUBRO – 2021



Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Perspectivas Decoloniais nos Estudos Culturais em Comunicação: uma Revisão Sistemática*, de autoria de Yuri Tomaz dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída por:

Dra. Patrícia Vargas Lopes de Araújo – Orientadora
Prof^a. do Curso de História da UFV – DHI/UFV
PhD em Urbanismo pela UFMG

Dr. Rennan Lanna Martins Mafra – Co-orientador
Prof. do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV – DCM/UFV
PhD em História pela UFOP

Eugene Oliveira Francklin – Examinadora
Prof^a. Subst. do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV (2018-2020) – DCM/UFV
Mestra em Comunicação pela UFJF

Elias José Mediotte – Examinador
Doutorando em Administração pela UFV – DAD/UFV
Mestre em Administração pela UFV

Viçosa, 13 de outubro de 2021

*Oxóssi é Rei Caçador
Ele toma minha alma e meu ori
Com o Caçador aprendo a atirar
E a Ele dedicarei minha evolução*

RESUMO

Tensões e tessituras nos estudos da área da Comunicação são frequentemente observadas nos contextos científicos e pragmáticos em função de sua dinâmica mutável e flexível. Essa flexibilidade, no entanto, não significa que a Comunicação seja um campo científico sem métodos e rigores ou que os sentidos da sociabilidade não sejam oriundos de sua inter-relação com os indivíduos. Os Estudos Culturais se inscrevem nesse contexto na medida em que se considera as práticas comunicacionais que além de mediar os fenômenos socioculturais também fruem a partir deles. Todavia, nota-se, quanto à produção científica brasileira com relação aos Estudos Culturais, particularmente na sua intersecção com os estudos no campo da Comunicação, a ausência de investigações relativas à problemática da temática Decolonial. Nesse sentido, a presente investigação tem como objetivo compreender como as produções científicas brasileiras, dos últimos dez anos, têm convergido o debate entre Estudos Culturais e estudos de orientação Decolonial, tendo a Comunicação o campo central das interposições socioculturais, realizando uma Revisão Sistemática de Literatura, munido, também, pela Revisão Integrativa de Literatura. Para tanto, tomou-se como bases preliminares os estudos canônicos realizados acerca dos Estudos Culturais, buscando inserir os autores seminais na articulação dos antecedentes Estudos Culturais até seu assentamento na América Latina e no contexto brasileiro. Adjacente a isso, realizou-se um levantamento da literatura acerca dos Estudos Decoloniais, sua genealogia e proposições, a partir da matriz de colonialidade proposta pelo sociólogo peruano Anibal Quijano e do Grupo Modernidade/Colonialidade. Embora esse seja um estudo de caráter descritivo e exploratório, o que é da ordem do método qualitativo, procurou realizar mensurações quantitativas para que os dados fossem tratados com mais rigor e sem inferências triviais. Para atender ao objetivo proposto de sistematização de dados a partir de uma revisão, a técnica adota foi a Análise de Conteúdo. O *corpus* foi constituído por um conjunto de obras que se dividem em artigos, teses e dissertações, sendo que a coleta e os critérios de elegibilidade das produções foi realizado com base nos métodos da Revisão Sistemática de Literatura, sendo que o universo da pesquisa é rigorosamente planejado, articulando filtros pré-determinados para obtenção do conjunto amostral final. Em função da proposta inédita e original, optou-se pelo uso do *software IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2* para o tratamento dos dados versando, como supramencionado, evitar enviesamentos científicos e por se tratar de um *corpus* consideravelmente amplo e denso. Concluiu-se que os Estudos Culturais e os estudos de orientação/perspectiva/proposição/chancela/aporte Decoloniais têm sido tratados de forma atomizada pela academia brasileira, havendo dissociações entre os objetos de estudo – que embora não sejam totalmente os mesmos, são imbricados. A pesquisa constatou, a partir da apresentação do estado da arte, que a produção científica brasileira se instaura numa produção do saber colonial e que há um caráter universal da ciência sob a perspectiva da ciência positiva, havendo ausência de presença do autor para com críticas ou caráter reacionário aos objetos de pesquisa que poderiam ser suscitados, verificando forte necessidade de uma produção científica objetiva. Como proposição, sugere-se a criação de uma Matriz Epistemológica de avaliação e prevenção dos fatalismos científicos e concretos nas práticas e veículos comunicacionais contemporâneos no que diz respeito à manutenção da colonialidade do ser, do poder e do saber que se assenta em narrativas e experiências/mediações proporcionadas pela inter-relação entre a esfera pública, dissidências e a cultura das distopias.

Palavras-chaves: Estudos Culturais. Estudos Decoloniais. Comunicação. Colonialidade. Revisão de Literatura. Produções Científicas.

ABSTRACT

Tensions in the studies of the Communication field are frequently seen in scientific and pragmatic contexts due to its flexibility and mutable dynamic. However, this flexibility does not mean that Communication is a scientific field that lacks methods and rigors or that the senses of sociability are not from its interrelations with individuals. The Cultural Studies fit in this context insofar as communication practices, that not only mediate sociocultural phenomena but also come from them, are considered. It is noticed a lack of investigations regarding the Decolonial problematics in the Brazilian scientific productions on Cultural Studies, particularly in its intersection with studies in the field of communication. Because of that, this investigation has the objective of comprehend how Brazilian scientific productions of the last ten years have converged the debate between Cultural Studies and Decolonial oriented studies, having Communication as the central area of sociocultural interpositions, making a Systematic Literature Review and also a Integrative Literature Review. In order of doing that, canonic studies about Cultural Studies were used as preliminary basis, including the seminal authors in the articulation of the Cultural Studies predecessors until its settlement on Latin America and in the Brazilian context. Adjacent to that, a survey of literature regarding Decolonial Studies and its genealogy and propositions was done, having as basis the coloniality matrix proposed by the Peruvian sociologist Anibal Quijano and the group Modernity/Colonialism. Even though this is a study of descriptive and exploratory character, which is from the qualitative method, quantitative measurements were performed so the data would be treated with rigor and without trivial interferences. To meet the proposed objective of systematization of data using a review, the chosen technique was the Content Analysis. The *corpus* was constituted of a group of works such as articles, thesis and dissertations, being that the collection and eligibility criteria for the productions was defined according to the Systematic Literature Review method, being that the search universe was rigorously planned, using pre-determined filters to obtain the final sample set. Because of the unpublished and original proposal, the software *IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2* was used for data treatment in order to avoid scientific biases, as mentioned before, and because it is a dense and considerably broad *corpus*. It was concluded that Cultural Studies and the studies of Decolonial orientation/perspective/proposition/seal/contribution are being treated in an atomized way by the Brazilian academy, having dissociations between the objects of study - that even though are not equal, are embroiled. From the presentation of the state-of-the-art, this search found that the Brazilian scientific production was established in a production of colonial knowledge and that there is a universal character of science under the perspective of the positive science, with absence of authors with criticism or reactionary character in the research objects that could be raised, verifying strong necessity of an objective scientific production. As proposition, is suggested the creation of an Epistemological Matrix of evaluation and prevention of scientific fatalisms and concrete in the practices and contemporary communication vehicles regarding the maintenance of the colonialism of being, of power and of knowing that settles in narratives and experiences/mediations provided by the interrelation between the political sphere, dissidences and the culture of dystopias.

Key-words: Cultural Studies. Decolonial Studies. Communication. Colonialism. Literature Review. Scientific Productions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura das Fases e Procedimentos da Elaboração da Pesquisa.....	25
Figura 2 – Frequência de palavras.....	77
Figura 3 – Gráfico gerado a partir do Dendograma, a partir da Classe de Palavras da distância de desvio entre os <i>clusters</i>	78
Figura 4 – Grafo de Similitude das correlações lexicais	80
Figura 5 – Relação gênero-obra em artigos científicos	82
Figura 6 – Relação de quantidade de autor por obra em artigos científicos	82
Figura 7 – Relação gênero-obra em dissertações.....	83
Figura 8 – Relação gênero-obra em teses	83
Figura 9 – Relação da quantidade de artigos publicados por ano	84
Figura 10 – Mapeamento dos Programas de Pós-Graduação por região brasileira	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese dos Campos de Investigações	26
Tabela 2 – Delimitação da Pesquisa	28
Tabela 3 – Constituintes do <i>corpus</i>	29
Tabela 4 – Descrição das tipologias de estudos	35
Tabela 5 – Relação de conformidade das produções, com base nos Estudos Culturais, e apontamentos prognosticados	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EC	Estudos Culturais
ED	Estudos Decoloniais
EUA	Estados Unidos da América
EUG	Universidade Estadual de Goiás
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
RIL	Revisão Integrativa de Literatura
UFCG	Universidade Federal de Campo Grande
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USP	Universidade Federal de São Paulo
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ESTUDOS CULTURAIS E DECOLONIALIDADE	6
1.1 Estudos Culturais e Pós-Modernidade	6
1.2 Colonialidade e Decolonialidade na América Latina	15
CAPÍTULO 2 – MÉTODOS DE PESQUISA	24
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3.1 Da Revisão Sistemática.....	34
3.1.1 Representações	36
3.1.2 Gênero e Sexualidade.....	47
3.1.3 Identidades e Etnia	51
3.1.4 Currículos Pedagógicos.....	55
3.1.5 Consumo e Mediações Midiáticas	57
3.1.6 Literatura, Cultura Popular e Práticas Culturais	64
3.2 Da Sistematização do <i>corpus</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
BIBLIOGRAFIA	89

INTRODUÇÃO

A chegada tardia da orientação pós-colonial nas ciências sociais brasileiras, pode evidenciar dificuldades do rompimento de ideologias cristalizadas no país, haja vista o desinteresse pela desmistificação dos poderes e o comodismo no que tange os grupos hegemônicos em suscitar as formas de opressão, proferidas após o processo de descolonização. Tais formas de opressão se manifestam não só em marcadores sociais como raça¹, como também nas relações de gênero e etnia, isto é, ainda que alguns dispositivos sociais não estejam diretamente ligados ao colonialismo com as raças como o âmago que seria o marcador da diferença entre Norte e Sul global, estabelecendo uma relação de mando *versus* subserviente, essa herança maniqueísta perpetua em outros condicionantes a partir da égide da naturalização do poder e da opressão (BALLESTRIN, 2013).

O pós-colonialismo encontra-se em algumas literaturas como provento teórico oriundo dos estudos pós-estruturalistas², desconstrutivistas³ e pós-modernos⁴. Ballestrin (2013) e Mignolo (2007) salientam que pensadores pós-coloniais já eram encontrados antes da fundição da perspectiva Decolonial como escola de pensamento, isto é, face a essas explicações torna-se necessário compreender os termos não como um sendo sinônimo do outro. Enquanto conjunto de reflexões teóricas, o pós-colonialismo é uma corrente oriunda da Crítica Literária e dos Estudos Culturais.

¹ Entende-se por raça uma demarcação política das diferenciações e intervenções sociais dicotômicas nos corpos do conjunto total que compõe os grupos étnico-raciais, isto é, o léxico é mobilizado a partir de uma perspectiva pseudo-sociológica oriunda de uma cosmovisão político-identitária da diferenciação sociocultural e sócio-histórica da cor como dispositivo que demarca o lugar dos sujeitos na sociedade contemporânea, eximindo-se de concepções biológicas e genéticas na mobilização do termo. Ver SANTOS (2020).

² O Pós-estruturalismo é uma corrente de pensamento oriunda do estruturalismo como movimento teórico que proporia a centralização dos sujeitos do ponto de vista universal e essencialista. Tal movimento compreende os sujeitos, bem como a linguagem e as formas simbólicas, como provenientes de uma sociabilidade e, portanto, os valores são constituídos na esfera coletiva. O pós-estruturalismo transcende as concepções binárias, que acabam por legitimar uma dicotomia abstrata convencionalizada como “comum” e reduzidas à dimensão capitalista do sistema de dominação, isto é, o pós-estruturalismo se desdobra em estruturas sociais outras, para além da capitalista, colocando a cânone produção científica como lugar que estabeleceu uma paridade exclusiva de poder – capitalismo e sujeitos. Ver AGUIAR (2017).

³ Orientado pelo filósofo argentino Jacques Derrida, o Desconstrutivismo questiona o conceito de ciência ao investigar o cânone da Filosofia e Ciências Humanas. A corrente supracitada subverte a paridade entre os termos, assim como o Pós-estruturalismo, se valendo como uma corrente teórica que desconstrói a lógica do pensamento metafísico ocidental, orientado pela dicotomia das coisas (corpo/mente; natureza/cultura etc.). Ver JUNIOR [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/2RTil6A> (Acesso em 20 de abril de 2021).

⁴ O pensamento Pós-Moderno é oriundo do Modernismo (1900-1950) e, assim como todas as correntes orientadas pelo ‘pós’, tem suas raízes orientadas pelo termo subsequente. O pós-modernismo é, então, uma atualização do pensamento moderno e a inserção de valores e modos de compreensão inovadoras. Se por um lado o pensamento moderno pautar-se-ia na lógica progressista, de segurança e universalista, por outro lado o pós-modernismo proporia uma relativização do discurso universalista e essencialista. O termo refere-se ao período em que transformações nos valores clássicos são implementados, bem como da emergência do tratamento da cultura e revisões dos pensamentos pelas ciências. Ver BONÁCIO (2012).

Mais que uma Escola de Pensamento, a Decolonialidade, por meio da sobrepujança dos objetos de investigação, e conseqüentemente dos atores que nela tramitam, tensiona os estudos e discursos sobre grupos e elementos sociais “subalternos”⁵ (SPIVAK, 1985) orientados por estudiosos convencionados como seminais, embebidos por uma ótica investida de poder condicionadas pela cosmovisão eurocêntrica, isto é, o movimento rompe com o modelo epistêmico de perpetuação do vislumbre dos sub objetos estudados pelas ciências sociais por meio de lógicas coloniais afetadas pela naturalização da dicotomia entre dominadores e dominados. Nesse contexto, o domínio do conhecimento que tem autoridade dada aos pensamentos europeus é o tônico que chancela o Pensamento Decolonial.

Como campo interdisciplinar, os Estudos Culturais, por sua vez, possibilitaram que estudos de orientação do que mais tarde foi instituído como corrente pós-colonial fossem viabilizados, uma vez que a análise cultural não é uma teoria e sim um campo de investigação que concentra pesquisadores de múltiplos campos de saberes e descentralização de métodos. Assim, os estudos culturais têm a cultura de uma sociedade, e suas distintas formas de expressão e interação, como elemento fundante das investigações (BAPTISTA, 2009).

Emergidos contemporaneamente na era midiaticizada e em que as relações e as interações dos sujeitos são estreitadas cada vez mais por uma mediação relacional dos meios de comunicação, os sujeitos são afetados, positiva ou negativamente, por ela [a comunicação]. Esse aspecto merece dois destaques. O primeiro diz respeito ao processo de formação de opinião pública e de uma sociedade civil criticamente organizada, oriunda dos discursos falaciosos de modernização, neoliberalismo e vistas à comunicação como ferramenta de controle e vigilância dos atores políticos das instâncias representativas.

Os meios de comunicação, no contexto brasileiro, ainda são vistos como mecanismos que devem se fazer valer apenas para a emissão de informações do emissor para o receptor e essa perspectiva é latente nos discursos políticos em que a priorização de fenômenos factuais e de valor-notícia sejam notórios. Portanto, a inserção de quaisquer outros elementos, sobretudo de grupos minorizados, que contrariem o poder hegemônico, são banalizados.

⁵ Termo apropriado como o antagonismo proposto pelos estudos de Spivak (1985) em que propõe conceber uma subalternização do subalterno a partir da afonia. A autora reflete sobre o papel de intelectuais que falavam “em nome” dos subalternos e concebe a ideia de que estes não eram devidamente representados, haja vista a impossibilidade do próprio subalterno falar e servir apenas como objeto, esteticamente, cênico. No entanto, não insere, neste contexto, sujeitos e grupos “subalternos” que poderiam assumir, junto deste primeiro adjetivo, o papel de intelectual e dizer sobre o “nós subalternos”.

Os objetos de estudo dos Estudos Culturais têm emergido, ainda que não diretamente por meio das reflexões teóricas e aplicabilidade de suas proposições no contexto empírico, como fenômenos sociais nos espaços e ferramentas de comunicação. Comumente representado em novelas, gênero midiático que permite uma construção narrativa seriada e problematizada, alguns marcadores permitem identificar as culturas e os signos que a envolvem como *locus* das diferenças (STEFFEN, 2019) e espaço de poder. Todavia, a reverberação emergente desses marcadores rompe com a proposta de unicidade cultural, visto que esses elementos corroboram a formação das identidades dos sujeitos, que escolhem convir ou repelir o que é enunciado.

No entanto, o fetichismo por espetacularizar tais objetos se faz presente quando os estudos sobre o materialismo cultural (HENRIQUES; FILHOS, 2019), e mesmo dos Estudos Culturais, se apropriam do feminismo, antirracismo, movimento LGBTQIAPKN+, gênero, etnia, imigração, religião, ensino, economia, entre outros, não concebendo esses elementos como parte das identidades e *modus* de socialização plurinacional, subvertendo os valores desses grupos e desmistificando o estrangeirismo do “nós nacional” – os vendo como objeto de investigação ou pautas comunicacionais a partir da camuflagem do modo de produção de sentido e fruição estética baseadas em poderes e heranças europeias, não recorrendo, portanto, à perspectiva Decolonial para reafirmar as singularidades do território nacional.

Na América Latina, a Decolonialidade surge no final do século XX como proposição do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) e, sobretudo, com a figura do sociólogo peruano Anibal Quijano, sendo um movimento constituído a partir da experiência do Grupo de Estudos Subalternos, da Índia, o qual possibilitou a reconstrução histórica da América Latina (BALLESTRIN, 2013). Constantemente confundido com pós-colonialismo⁶, a Decolonialidade é um movimento que, para além de questões étnico-raciais, se propõe a pensar as relações de poder em diversas esferas. A saber: econômicas, gênero e sexualidade, autoridade, recursos naturais e controle da subjetividade/conhecimento.

É nesse contexto que se insere os Estudos Culturais que, convergindo com os objetos de estudos da Decolonialidade, também pauta-se sobre as esferas supramencionadas. Sendo o campo de investigação que dá origem aos estudos Decoloniais, a partir da crítica do *ethos* dos Estudos Culturais, isto é, se os Estudos Culturais, fundamentalmente instituído na Inglaterra e nos Estados Unidos, vai demarcar um modo de reflexão teórica ainda sobre a égide do poder

⁶ O Pós-colonialismo pode ser entendido como o período posterior à descontinuidade da colonização nos territórios e a emancipação destes. Pode ser compreendido também, segundo Ballestrin (2013), como o conjunto de contribuições teóricas emergidas pelos estudos literários e culturais. O pós-colonialismo, sob a égide científica, rompe com a doutrina filosófica essencialistas, as concepções dominantes e o descentramento dos sujeitos.

monocrático e pensado os condicionantes sociais a partir de uma visão, epistemologicamente, europeia, a escola de pensamento Decolonial apresenta, portanto, reflexões sobre esferas macroestruturais interseccionais que têm o poder como dispositivo central que caracteriza as relações sociais, formando uma macroestrutura hegemônica de poder.

Assim, acredita-se que, supostamente, os Estudos Culturais em Comunicação consideram inclinações propostas pela corrente Decolonial na sociedade contemporânea, bem como apresentam, para além das reflexões teóricas imbricadas, evidências/modelos/proposições aplicáveis aos veículos de Comunicação que pautam sobre elementos de identidade, política, raça, território, economia, ciência etc. A escassez de evidências teóricas e empíricas que relacionem as cisões e rupturas do “fazer comunicacional” e do “fazer científico”, seja na produção epistemológica ou empírica, como oriundas dos movimentos científicos que rompem com a centralidade do poder, coadunam para uma inquietação teórica no que diz respeito às articulações entre os dois campos de investigação, já que apresentam objetos de estudos semelhantes – quando não, iguais. Fato é que os Estudos Culturais, a partir de seus desdobrados e inovações nas Ciências Sociais e Humanas, corrobora para a estruturação de um movimento latino-americano emancipado e emergente, face à ruptura canônica de poder (do ser e do saber, atualizado pela própria dimensão de poder). No entanto, partindo do pressuposto de que as produções científicas brasileiras dos Estudos Culturais em Comunicação apresentam fortes influências norte-americanas e europeias, desvela-se uma incipiência dialógica entre ambos os campos – a qual se dá, sobretudo, pela carestia de obras traduzidas para o português (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014; BOAVENTURA, 2009; BOAVENTURA; MARTINO, 2010).

Essa circunstância apresenta uma lacuna teórico-empírica a ser explorada por futuras pesquisas, e sobre ela pretender-se-á debruçar a presente proposta, ensejando responder à seguinte questão: **Como são estabelecidas as inter-relações entre os Estudos Culturais em/ Comunicação e a Escola de Pensamento Decolonial nas produções científicas brasileiras nos últimos dez anos?**. As possíveis respostas a este questionamento oferecem possibilidades para o *background* teórico e a articulação entre ambos os campos, refletidos como inflexíveis entre eles mesmos e, sobretudo, na Comunicação, nas principais pesquisas realizadas na área, a partir das emergências e inquietudes que eclodem das inter-relações das esferas supraditas, a partir da apresentação do estado da arte da literatura brasileira.

Acredita-se que a importação do *modus operandi* de se realizar reflexões científicas no

contexto brasileiro acabam por dissociar o contexto epistemológico do empírico, o que impossibilita tanto a proposição de um Modelo Epistemológico que possa ser aplicado para avaliação nos veículos, quanto à necessidade de reaplicação de modelos outros na comunicação brasileira, isto é, tornar estrangeiro aquilo que é nacional – ou territorial, considerando a América Latina como *locus* do pioneirismo da Decolonialidade como objetos aqui propostos – , seja no contexto científico, seja no contexto empírico.

Destarte, os esforços de pesquisa aqui dispostos permitem alcançar ao objetivo geral de **analisar e compreender as inter-relações estabelecidas pelos Estudos Culturais em/ Comunicação e Escola de Pensamento Decolonial nas produções científicas brasileiras dos últimos 10 anos**. Espera-se, nesse sentido, oferecer uma sistematização concatenada do estado da arte dos principais levantamentos oriundos das análises da literatura acadêmica a ser exploradas. Essa proposta se configura importante, uma vez que na literatura preliminarmente consultada observou-se que ambos os campos de investigação se apresentam distantes e atomizados.

Além da Introdução, este trabalho está estruturado em três partes. *A priori*, discutir-se-á brevemente, na Parte 1, sobre a origem dos Estudos Culturais, seus enfoques na América Latina e no Brasil. Posteriormente, o conceito de Decolonialidade é explicado a fim de distingui-lo de descolonização, assim como é apresentado um panorama na América Latina, mais especificamente no Brasil. Em síntese, a Parte 1 refere-se à Revisão de Literatura que ofereceu subsídio para a construção da base epistemológica do presente estudo.

A Parte 2 refere-se aos procedimentos metodológicos. A compreensão da correlação entre os objetos dar-se-á por meio da Análise de Conteúdo, proveniente da Revisão Sistemática de Literatura (RSL), em bases de dados a serem especificadas no tópico supradito, bem como o uso do *software IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2*. *A posteriori*, são discutidos, na Parte 2, os resultados subdivididos em tópicos que contemplem a reflexão teórica da ciência brasileira frente aos Estudos Culturais e Escola de Pensamento Decolonial, resultante da RSL.

CAPÍTULO 1 – ESTUDOS CULTURAIS E DECOLONIALIDADE

1.1 Estudos Culturais e Pós-Modernidade

Com emergência consolidada na década de 1960, na Inglaterra, mais especificamente em 1964, com a fundação do *Center for Contemporary Cultural Studies* (ESCOSTEGUY, 1998)), da Universidade de Birmingham, os Estudos Culturais têm como objetos de estudos demarcadores socioculturais e sociopolíticos que, a miúdo, podem ser compreendidos, em síntese, tendo como epicentro o que Nascimento (2018, p. 84) sumariza como “gênero e sexualidade; raça, etnicidade e representações culturais; estudos históricos; e cultura popular e cultura nacional”, sendo estes imbricados aos ideais modernos e pós-modernos – esta última é considerada por Grosfoguel (2007) como um projeto crítico eurocêntrico que critica o eurocentrismo, uma vez que reproduz os mesmos arranjos da modernidade/colonialidade. Posto isto, entender-se-á os Estudos Culturais neste trabalho como um conjunto de investigações socioculturais de caráter multidisciplinar e transdisciplinar pertencentes aos campos de saberes, majoritariamente, atravessados pelo ramo das ciências sociais.

Oriundos da “percepção crítica em relação às correntes do pensamento moderno ocidental que contemplavam uma educação para as classes detentoras, sejam do poder econômico, sejam do poder cultural, com a exclusão das classes menos favorecidas” (MIRANDA, 2017, p. 40), os Estudos Culturais vislumbravam, em seu estágio embrionário, a cultura como espaço de dominação delegado pelos meios de comunicação. Após abandonar o paradigma denominado por Miranda (2017) de crítico-radical, os Estudos Culturais introduziriam métodos de investigação originais em que a cultura seria *locus* de investigação a partir de lentes teóricas diversas.

Em *Dez lições sobre Estudos Culturais* (2003), de Maria Elisa Cevalco, a concepção de cultura apresenta diversos conceitos a partir de diferentes períodos históricos e compreensão das sociedades sobre o léxico. De acordo com a autora, até o século XVI o termo, de origem latina, está associado à dimensão colonial, e mais precisamente ao sentido de habitar. Além disso, o termo se referia também ao ato de cultuar e cultivar. Já a partir do século XVIII, aliado ao termo “civilização”, o termo *cultura* passou a expressar a faculdade intelectual e que mais tarde seria usado para a disparidade entre o que foi considerado povos bárbaros e civilizados. Com relação aos Estudos Culturais, Cevalco (2003) concebe o termo como oriundo da mudança sociocultural e sociopolítica causada pelo período pós-guerra na estrutura das sociedades. Posto

isso, nos Estudos Culturais a *cultura* passa a ser concebida a partir da perspectiva antropológica, isto é, modo de organização da estrutura social e que é relação estabelecida pela esfera cultural que condiciona tal estrutura – antes demarcada pelas tensões políticas e econômicas.

Faz-se mister considerar os Estudos Culturais, portanto, como grande área emergente de campos de saberes marginais e que têm a sociedade, política, cultura e arte como pilares intrínsecos e indissociáveis (CEVASCO, 2003). Ademais, é inevitável desconsiderar os Estudos Culturais como corrente crítica ao capitalismo, haja vista o estabelecimento desse movimento de manutenção de poder na produção de bens em todos os segmentos mercadológicos, inclusive da produção cultural.

Stuart Hall (1932-2014), ex-diretor do primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais, no *Center for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham (CEVASCO, 2003), foi um dos grandes expoentes dos Estudos Culturais e um dos mais convocados nas pesquisas sobre a corrente supramencionada. De acordo com Cevasco (2003), para Hall não deveria haver divergências quanto às origens dos Estudos Culturais, sendo que o pesquisador considerava que a emergência do campo seria oriunda da tríade inglesa Edward Thompson (1924-1993), com a publicação de *The Making of the English Working Class* (1963), Raymond Williams (1921-1988), com *Culture and Society* (1958) e Richard Hoggart (1918-2014), com *The Uses of Literacy* (1957). Esses autores propõem não só a implementação de um *modus* de compreender a cultura como *locus* de investigação que concentra grandes constructos, como também implementou reflexões no campo teórico das Teorias da Comunicação.

Face ao capitalismo e à configuração do pós-guerra, os Estudos Culturais, a partir da tríade seminal supracitada, propor-se-ia estudar a cultura como objeto de investigação sob a distintas lentes teóricas, visto que a combinação entre ciência política, antropologia, comunicação, literatura, sociologia, semiótica e outras áreas estigmatizadas como sendo de “humanas” – vista como área de concentração em que os debates seriam tentativas de falar para e com os marginalizados intelectualmente, não tendo, portanto, nenhuma contribuição efetiva para a ciência (CEVASCO, 2016) –, e, mormente, romper com o cientificismo a partir da cultura e sociedade como esferas intrínsecas e que diz não apenas de uma unidade de análise mas também do valor sociocultural, sócio-histórico e sociopolítico.

Dispensando a elitização intelectual e o cientificismo, os Estudos Culturais emergem da cultura como epicentro fundamental para a composição do eixo também triádico: cultura, sociedade e história (MIRANDA, 2017). Reside aqui então a negação da modernidade como

projeto universalista, uma vez que percebida do ponto de vista histórico, social e cultural, e considerando que acresce um ‘s’ na palavra *cultura*, a modernidade se tornaria uma utopia enquanto mecanismo de instauração de discurso de universalismo, progresso e ocultação da emergência das diferenças.

Assim sendo, deve-se considerar que a apropriação e a emersão das diferenças – e que neste estudo está sendo referido à raça, gênero, nacionalidade, cultura popular e outros demarcadores – se faz no que Hannah Arendt (*apud* TELLES, 1990) chama de “mundo comum”, devendo ser visto como cenário de “partilha”, resistência e união dos sujeitos, sendo que a configuração do cerne do dissenso e consenso é resultante das experiências destes no espaço público e de suas interações comunicativas.

Como proposta utópica, o ideal de moderno de vida pública se funde com a vida pública e a vida privada. A primeira, seria o espaço de incerteza e insegurança até que fosse desprivatizada e compartilhada com os outros, já que para assegurar a realidade é preciso o compartilhamento da vida como forma de torná-la visível e dotada de significados. A segunda, seria o espaço do próprio aparecimento como construção artificial de um outro que substitua o sentido.

Não obstante, as noções de espaços, e sujeitos neles alocados, convergem com a concepção de cidadania e direito. Isso porque mesmo que todos os sujeitos acessem o espaço público, como espaço de tomada de decisão e ação coletiva, cada indivíduo é único, ainda que politicamente tidos como iguais. Já o direito, se torna um dispositivo necessário para a tematização das coletividades por novos padrões culturais de entendimento, ou seja, a dimensão da política como denominador imbricado no controle, estabelecimento de regras e normas e institucionalização do “poder fazer” a partir das agonias, incômodos e emergências (MARQUES, 2011; TELLES, 1990).

A dissolução do espaço público, resultante da fruição estética da diferença gera, no entanto, possibilidades de realização, rompendo com o projeto de vida proposto pela modernidade a partir do discurso de segurança, progresso e justiça. Assim, faz-se necessário compreender o espaço público como um espaço político, haja vista a subversão do projeto político da modernidade para um projeto político de emergência de dramas existenciais.

Contudo, as concepções apresentadas por Arendt sobre o projeto utópico da modernidade com relação aos sujeitos, espaço público e espaço privado, de acordo com Telles (1990), convergem com o debate liberal que traz consigo a noção de espaço/esfera público(a) e privado(a) como dicotomias ainda utópicas na contemporaneidade. É também aqui que reside

a crítica da Escola de Pensamento Decolonial com relação à expressão “Pós-Modernidade”, uma vez que ela remete a sucessão superada de um projeto universal, o que provoca tensões retóricas como ver-se-á no próximo tópico. A diluição do espaço público como oriunda das emergências das diferenças, encontra na esfera pública e privada uma nova perspectiva: a de equidade entre os sujeitos que compõem o coletivo, como o feminismo, racismo e nacionalismo, compreendido aqui como o esforço inédito dos Estudos Culturais em tratar esses temas sob a perspectiva sociocultural e sócio-histórica.

Conforme supramencionado, os Estudos Culturais, enquanto campo interdisciplinar de investigação, estabeleceu fruições valorosas e elementares às Teorias da Comunicação. De acordo com Souza e Vieira (2017), as décadas de 40 e 50 foram marcadas por estudos em comunicação que buscavam desenvolver metodologias relacionadas à Comunicação de Massa a fim de responder as relações sociais como oriundas do efeito e da ação que a comunicação⁷ enquanto processo industrial e que, portanto, instrumentalizava os sujeitos, definindo os valores destes e se fazendo valer como meio de regulação.

Além da corrente positivista⁸ e funcionalista⁹ dos pesquisadores dos Estados Unidos, Souza e Monteiro (2017) e Miranda (2017) ressaltam que paralelo ao desenvolvimento dessas metodologias norte-americanas estariam outros pesquisadores da Escola de Frankfurt, na Alemanha – principalmente identificada por Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1892-1940) como representantes pujantes – em que também subsidiavam a comunicação e os canais de reverberação em massa, ou seja, cinema, rádio e TV, como campo em que “a produção de bens culturais era analisada como uma produção de mercadoria, num paralelo com a produção de automóveis em série, deslocando a clivagem da discussão tecnológica para a econômica” (SOUZA; MONTEIRO, 2017, p. 142), sobre as quais a Indústria Cultural seria o

⁷ Oriunda do modelo epistemológico norte-americano conhecido como *Communication Research*, os estudos dos efeitos desdobravam sobre a compreensão dos efeitos da mensagem emitida ao receptor. De acordo com Boaventura (2009), os estudos dos efeitos emergem a partir da associação de comportamentos delinquentes como provenientes do consumo da cultura estrangeira por meio do cinema – conforme relatório expedido em 1933 pela fundação Payne. Para esses estudos, a comunicação causa persuasão e manipulação (Teoria Hipodérmica).

⁸ O Positivismo é uma corrente filosófica atribuída ao filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), cujo meio de compreensão da organização social e política é concentrada nas experiências humanas e concretas para a ciência, abandonando, portanto, a lógica metafísica ou métodos não admitidos pela ciência enquanto condição concreta. Pauta-se em questionar conceitos postos como canônicos, como o de ‘ciência’, por exemplo. Comte e outros positivistas consideravam que a ciência poderia sanar as arbitrariedades sociais. Ver Costa (1950).

⁹ O Funcionalismo tem várias definições e tipologias distintas na literatura. Mas, de acordo com Macedo (1998), o funcionalismo, oriundos dos trabalhos de Malinowski e Radcliffe Brown, emerge da análise da cultura e das relações coletivas dos sujeitos, abandonando a lógica de civilização dos seres como provenientes do evolucionismo cultural e social destes. Essa corrente filosófica busca, portanto, valorizar as variantes simbólicas e depreender o uso e a função de cada elemento ou denominador para o grupo.

locus da manutenção do poder e dominação que a comunicação exerceria sobre os sujeitos, ao lado dos estudos semiológicos da Comunicação de Massa, a partir da Teoria Crítica.

Nesse ínterim, em contraposição ao funcionalismo e à crítica literária – nascente com a corrente estruturalista – o conjunto triádico de pesquisadores seminais, na perspectiva de Stuart Hall, interviriam com métodos de pesquisa e compreensão do condicionamento social como proveniente das relações socioculturais, que não subjaz as tensões da cultura como denominador pertencente aos campos disciplinares condicionados como responsivos pelos estudos socioculturais, isto é, a embrionária corrente dos Estudos Culturais romperiam com o *modus* e *ethos* de produção de conhecimento que transferiria aos estudos da cultura, bem como seus respectivos objetos de estudo, a campos de saberes extraordinariamente únicos. Assim, os Estudos Culturais, consolidado como ciência de política aberta, multi e interdisciplinar, e que se valia como “uma abordagem em que as ferramentas disciplinares – teórico e metodológicas – estavam a serviço de sua compreensão [da cultura] e não o contrário” (VILELA, 2016, p. 10, grifo nosso), inserir-se-ia a comunicação, enquanto processo de discurso/linguagem e ciência, como campo de compreensão imbricado à cultura, ou seja, estabelecer-se que a comunicação é o objeto capaz de fomentar impactos na cultura.

O oferecimento inédito de investigação e problemas de pesquisa dos Estudos Culturais diluiu a visão funcionalista da Escola de Frankfurt ao considerar que cultura é inerente à comunicação. Embora estas sejam indissociáveis, considerar que a cultura é subjacente à comunicação e que é ela a responsável pela manutenção dos valores e formas de organização social é desconsiderar que a relação entre emissor e receptor é estabelecida de modo passivo e instrumental. Na perspectiva dos Estudos Culturais a comunicação, enquanto campo científico e produção discursiva pelos meios de comunicação, reflete uma conjuntura em que a tomada do consumidor/receptor da mensagem como processo independente da capacidade cognitiva, mobilização de repertórios e de sua inserção em um território de valores, normas e organização do *cluster* social, diz-se da tomada dos sujeitos como entidades irracionais, excluindo a retórica como processo de relação e, sobretudo, da existência de uma cultura supostamente homogênea.

Assim sendo, os Estudos Culturais corroboraram as Teorias da Comunicação, que estabeleceu que por mais que emissor, receptor, cultura e comunicação não sejam *sui generis*, a tomada dos sujeitos como instrumentos passíveis de manipulação, e, portanto, irracionais, e isentos da mobilização de repertórios construídos coletivamente em determinado território cultural, transferira à comunicação um espaço de poder marcado pela produção e manutenção do ser. Aliado aos Estudos Culturais, as Teorias da Comunicação substancializou intervenções

de atualização de valores dos sujeitos – e não de produção e manutenção – oriundos da relação estabelecida entre os atores e exonerando o paradigma informacional¹⁰.

Nascente no período convencionado como pós-moderno, os Estudos Culturais traziam consigo uma ruptura com o projeto universalista (GALLO, 2006). Nesse sentido, a emergência das identidades, a globalização, relações de poder emergidas a partir das diferenças, o discurso, as relações midiáticas e os espectros culturais como *lócus* capazes de fomentar transformações sociais e estabelecer compreensão da sociabilidade de um *cluster* social, foram os meandros pelos quais os Estudos Culturais se ancorou e se firmaria como campo de investigação, tendo como objetos de estudos ações coletivas (movimento negro, movimento feminista, nacionalismo etc.), relações de gênero, sexo, classe, raça, ideologia, nacionalismo/imigração/migração etc. Posto isso, faz-se necessário ressaltar, no entanto, que os Estudos Culturais se erguem a partir da emersão da cultura popular, haja vista o tratamento irrelevante aos fenômenos culturais em detrimento de produções científicas socioculturais e sociopolíticas que privilegiavam dimensões como modernização, industrialização e partidos políticos (ORTIZ, 2004).

Os Estudos Culturais, bem como a filosofia pós-moderna, são vistos por Castro-Gómez (2005) como correntes críticas do ocidentalismo, convergindo na interpretação do poder como denominador responsável pela crise moderna, haja vista o arranjo da modernidade como um projeto que tem o Estado – este composto por sujeitos não-aleatórios – como condutor da sociabilidade, promotor do resguardo da segurança e da manutenção internacional do poder, bem como do “controle e organização da vida humana” (CASTRO-GÓMEZ, 2005).

No contexto latino-americano, há divergências quanto à gênese dos Estudos Culturais. De acordo com Martín-Barbero (*apud* ESCOSTEGUY, 2018, p. 100), se referindo aos estudos latino-americano, “nós fazíamos estudos culturais antes que essa etiqueta aparecesse”. Contudo, outros pesquisadores salientam sobre o perigo da redução dos Estudos Culturais aos estudos sobre cultura, uma vez que, ainda que este não exista como área disciplinar (NORONHA, 2019; ORTIZ, 2004), sobretudo no Brasil, eles seguem uma articulação metodológica baseada em

¹⁰ O Paradigma Informacional é um dos paradigmas que compõem as Teorias da Comunicação. Para este modelo, sobre o qual está associado a *Communication Research*, Teoria Hipodérmica e Estudos de Efeitos, os meios de comunicação são persuasivos e manipuladores e a relação existente entre os atores envolvidos é o de emissão da mensagem e recepção da mesma, isto é, não existe nenhuma interferência na recepção da mensagem. Deste modo, considera, implicitamente, os receptores entidades irracionais. Este paradigma restringe a comunicação como sinônimo de informação, a qual chega aos seus receptores sem intervenção (ruído), sendo os sujeitos, portanto, instrumentalizados pelos meios de comunicação de massa e subserviente aos seus domínios.

pilares programáticos e etnográficos. Na tentativa de compreender a afirmação de Martín-Barbero, Escosteguy (2018) amplia essa consideração para que o pesquisador gostaria de estabelecer como estudos autóctones e que não se legitimaria com a expressão oriunda de outros países – o que de alguma forma pode ser visto como uma atitude Decolonial. Mas, por outro lado, “ao adotar tal posicionamento corre-se o risco de ser prescritivo e normativo, legitimando uma determinada concepção e, portanto, obliterando a pluralidade teórica reivindicada por esse campo de estudos” (ESCOSTEGUY, 2018, p. 101), isto é, essa concepção chancela modos de compreensão do projeto dos Estudos Culturais de modo a esmo, bem como a investigação da cultura, sociedade e história como eixo triádico oriundos da subjetividade abstrata dos sujeitos, sem aparato epistemológico.

Comunga também da existência dos estudos sobre cultura no Brasil a pesquisadora Maria Elisa Cevasco, afirmando que “como muitos outros países, o Brasil teve formas de estudos culturais bem antes de a disciplina se transformar em mais uma grife acadêmica a ser exportada pelo mundo anglo-saxão” (CEVASCO, 2003, p. 173). Não obstante, a autora considera que a institucionalização dos Estudos Culturais como campo de investigação dar-se-ia nos anos de 1998 a partir de um debate em que pesquisadores e literários brasileiros debatiam a relação da Literatura Comparada com os Estudos Culturais.

Se a emergência dos Estudos Culturais evidenciava um campo de investigação restrito a determinadas áreas do conhecimento, sobretudo da Sociologia, Antropologia e Crítica Literária, compartimentando, assim, os campos de saberes e transferindo a eles seus devidos espaços de atuação, atualmente os Estudos Culturais estão imbricados não só em diversos campos de saberes como também apresenta um rompimento com os objetos de estudo europeu e anglo-saxão. Destarte, as pesquisas latino-americanas revelam agenda de investigação particular dos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2018) e estão estreitamente relacionados à identidade nacional, isto é, na América Latina estes fazem parte de um projeto político que reverbera uma análise sociopolítica a partir da investigação da cultura, pois “ dilema da identidade nacional levou a intelectualidade latino-americana a compreender o universo cultural (cultura nacional, cultura popular, imperialismo e colonialismo cultural) como alto intrinsecamente vinculado às questões políticas” (ORTIZ, 2004, p. 125).

A fim de melhor ilustrar o cenário brasileiro com relação a abordagem desenvolvida até aqui, os esforços agora serão concentrados em sinalizar a relação entre os Estudos Culturais e comunicação – delimitação essa que nos interessa como objeto de estudo e problema de pesquisa. Para não exaurir o leitor, faz-se necessário ressaltar que o subtópico que segue é

apenas uma síntese sobre a inserção do Brasil neste debate, no qual a intenção não é mesclar diversos argumentos dentro do que propôs-se correlacionar o embrionário projeto dos Estudos Culturais com a fracassado projeto de Modernidade. A separação não deve ser compreendida como a inserção de novos debates, e sim como uma extensão do que foi apresentado até aqui.

Um mapeamento levantado por Boaventura (2009) em sua dissertação de mestrado, evidenciou que algumas dissertações e teses defendidas entre 2005 e 2006 não abordam os Estudos de Recepção correlacionado aos Estudos Culturais. No entanto, faz-se necessário dilucidar a relação entre os Estudos de Recepção e Estudos Culturais.

Os Estudos de Recepção são oriundos do que Boaventura (2009, p. 16) identifica como “lacunas dos estudos literários e das pesquisas de bases sociológicas” e têm por objetivo compreender a relação entre mensagem, receptor e emissor a partir da concepção dos códigos e discursos como uma relação imbricada na cultura e que a interpretação e a recepção dos fenômenos prospectados são resultadas do sistema sociocultural do pacto estabelecido pelos atores e canais envolvidos, o que aproxima este aos estudos culturalistas, pois para este último “as mensagens são discursos referentes a códigos genéricos e culturais” (BOAVENTURA, 2009, p. 16).

Assim sendo, torna-se indissociável a relação dos Estudos Culturais e Estudos de Recepção, uma vez que na América Latina a comunicação passou a ser a unidade de análise para a investigação de objetos de estudos, rompendo com a tradição da convenção de cultura como campo de elitização e intelectualidade. Mais precisamente na experiência democrática que a América Latina passava, bem como o reconhecimento de todos os sujeitos como fomentadores da configuração social e da relação estabelecida pelos agentes sociais – e que por isso estão diretamente inseridos numa lógica discursiva –, instituiria novos objetos de estudos ao lado de emergências advindas da conjuntura políticas de lutas populares e da manifestação latente do papel do receptor na construção sociodiscursiva e sociocultural (BOAVENTURA, 2009; ESCOSTEGUY, 2018).

Aliado a isso, a produção científica latino-americana propria abordagem teórico-metodológica sobre a comunicação a partir das correntes do consumo cultural. Um dos autores de grande influência no Brasil é Martín-Barbero, “considerado um dos mais importantes teóricos da comunicação e da cultura na América Latina” (BOAVENTURA, 2009, p. 25). Essa abordagem teórico-metodológica é, no entanto, identificada a partir de uma lacuna nos Estudos Culturais brasileiros em que o levantamento supramencionado por Boaventura (2009) reflete na ausência verificada pela estudiosa na correlação entre os Estudos Culturais e os Estudos de

Recepção, sendo que este último desempenha papel fundamental na fundamentação e crítica da realização dos Estudos Culturais, bem como romperiam com a incongruência do “emprego imediato e instrumental de categorias de análise tão complexas” (BOAVENTURA, 2009, p. 31), isto é, face à compreensão da realidade é indispensável que os Estudos Culturais, indissociável aos Estudos de Recepção, ofereçam um repertório teórico e epistemológico ante ao que a realidade pode oferecer para ilustrar a teoria.

A relação entre os Estudos Culturais e a Comunicação estreita laços a partir da discursividade e narrativa como epicentro capaz de concentrar grandes aportes culturais. Elementos como heterogeneidade cultural, mediações e dinâmicas de desterritorialização são apontados por Boaventura como novos objetos de estudos que surgiriam na América Latina com a ascensão dos estudos realizados por Martín-Berbeiro e Nestor García Canclini. Esse estreitamento de laços revela não só o paradigma relacional como pilar da relação dos atores envolvidos no processo de emissão, recepção, canal, meio, mensagem e ruídos, como também colocaria em cheque o modelo canônico de cultura e sujeito, fazendo emergir identidades e atualizar os valores sociais a partir dos meios de comunicação como espaço de poder e formação de valor simbólico e ideológico dos sujeitos.

No Brasil, Cevasco (2003) compreende os anos de 1930 como marco dos primeiros movimentos culturais em que a crítica literária e a relação entre arte e sociedade eram esferas imbricadas e tratadas assim pelos jovens estudantes, com vistas a depreender dessa correlação a interpretação do contexto brasileiro no crescente projeto de industrialização. Para a autora, entre os principais¹¹ nomes que proporia o que será definido aqui como uma tentativa de progresso sociocultural e ruptura com os meios canônicos de produção cultural no Brasil ao longo dos anos, estão Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Emilio Salles Gomes, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.

Dez anos depois do mapeamento realizado por Boaventura (2009) pelas teses e dissertações brasileiras, a fim de verificar as correlações apresentadas sobre os Estudos Culturais e os Estudos de Recepção, um artigo publicado, em 2019, por um grupo de pesquisadores sulistas apresenta considerações sobre os Estudos Culturais brasileiros a partir de uma revisão de literatura. *A priori*, os autores identificam esta como uma publicação de interesse fundamental no contexto brasileiro, uma vez que consideram que entre as principais revistas de publicação dos Estudos Culturais estrangeiras, a *Cultural Studies*, registrada na

¹¹ Ver CEVASCO (2003, pp. 176-179).

Inglaterra e no País de Gales, a *International Journal of Cultural Studies*, dos Estados Unidos, haveria o que chamam de “silenciamento” da produção científica brasileira, isto é, o objetivo o artigo foi identificar não apenas a produção epistemológica do objeto supramencionado, como também estabelecer uma crítica à insuficiência do Brasil frente ao projeto latino-americano de produção científica sobre os Estudos Culturais nas publicações que decorrem nos anos 2000, no principal e canônico periódico americano (WORTMANN *et al.*, 2019).

O estudo destaca que no contexto do Brasil, os Estudos Culturais em Comunicação se fazem presente, do ponto de vista científico, desde 1986 com a Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais ligado à UFRJ e outras iniciativas semelhantes em programas de pós-graduação. Na tentativa mapear algumas instituições brasileiras e em que medida os Estudos Culturais em Comunicação corrobora a emergência do campo enquanto área interdisciplinar, constatou-se que Wortmann *et al.* (2019) identificam as relações da comunicação, enquanto discurso e objeto de investigação, com pautas/movimentos/dimensões diversas, desdobrando-se em publicações sobre identidades¹², representações femininas, *reality shows*, cultura e mídia de consumo, infância e juventude contemporânea, grafites urbanos, poesias marginais etc. Esse mapeamento revelou que, no Brasil, os Estudos Culturais têm se valido de um campo interdisciplinar, composto por especialistas de diversos campos de saberes e concebem, de forma ilimitada, em quais meandros a cultura pode ser observada, o que reforça a ruptura da convenção inicial das ciências sociais como campo de saber responsável por esses desdobramentos – e talvez seja pela inclinação dos Estudos Culturais na Política, Saúde, Educação, Antropologia, Arquitetura, Literatura, Comunicação etc., e as especificidades de repertórios teóricos é que não haja uma definição para os Estudos Culturais, ainda que existam algumas premissas e a tomada da cultura e relações sociais como *locus* de concentração da compreensão das dimensões socioeconômicas, sócio-históricas, sociopolíticas e socioculturais.

1.2 Colonialidade e Decolonialidade na América Latina

A colonialidade pode ser entendida como a imposição de um modelo canônico que desconsidera as particularidades de coletivos outros a fim de estabelecer um controle e aplicação de métodos baseados nas experiências de um *cluster*, ignorando, portanto, a existência dos sujeitos como indivíduos dotados de peculiaridades identitárias, econômicas,

¹² Refere à compreensão dos Estudos Culturais da construção das identidades dos sujeitos com base em gênero, sexualidade, etnia, raça e outros condicionantes. Ver SILVA (2000).

culturais, políticas e sócio-históricas próprias e vistas como inexistentes ou inacessíveis, conforme concepções pré-estabelecidas e que é inerente ao *ethos* tribal.

Aliada ao projeto de modernidade (BALLESTRIN, 2013; NORONHA, 2019) e estabelecendo, em sua máxima, estratégias de dominação, sobretudo, do desenvolvimento (STEINBRENNER; CASTRO, 2018), a colonialidade rompe com os pressupostos pós-coloniais e “apontar que as relações de poder colonial não se limitavam apenas ao domínio econômico-político e jurídico-administrativo dos centros nas periferias, mas também tem uma dimensão epistêmica, isto é, cultural” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOGUEL, 2007, p. 19).

A colonialidade do desenvolvimento supramencionada, baseia-se principalmente nas estratégias de dominações econômicas, em que países com maior jurisdição econômica e, portanto, convencionados como soberanos, classificam, por exemplo, países que se encontram em outras margens, a partir de critérios efêmeros, como subdesenvolvidos, o que implicitamente diz de um atraso econômico (STEINBRENNER; CASTRO, 2018) que precisa de uma redenção despreziosa dos países canônicos.

Contudo, há uma subversão de valores entre a dicotomia colonizador *versus* colonizado atualizado para dominante *versus* dominador, ou, em outras palavras, desenvolvido *versus* subdesenvolvido. Um dos exemplos mobilizados por Steinbrenner e Castro (2018) e Assis (2014) é a noção do extrativismo e agrocombustíveis como exemplo de agregação de valor econômico a partir da apropriação de recursos naturais em que os bens são exportados como matéria prima. Confirmando o apontamento feito acima com relação à permanência do modelo colonial, e considerando que o rompimento desses modelos diz sobre a valorização nacional, o exemplo supradito subverte a ideia nacionalista, uma vez que desapropria grupos – indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outros – com finalidade mercadológica, assistindo e suprindo a necessidade de outros países. Assim, a colonialidade exerce um frenesi em que os recursos naturais, a exemplo do extrativismo e agrocombustíveis, não sejam dotados de valor simbólico ou de capital endógeno e sim para atender às necessidades de outrem.

Não obstante, a colonialidade reproduzir-se-á numa tríade que Quijano (2000), Mignolo (2007), Castro-Gómez & Grofosguel (2007), Walsh (2007) e outras pesquisadores classificam como colonialidade do poder, do saber e do ser. Para Ballestrin (2013), a colonialidade e a colonialidade do poder, conceito difundido por Quijano em 1989, são oriundas e operadoras da colonialidade do século XVI, com vistas da América como *locus* de dominação e exploração, a partir da raça como condicionante que legitimaria a dominação, pois ela seria o

denominador que proporia alocar os sujeitos em posições, bem como o poder de mando que na pirâmide racial seria sustentada pela ideia de “superioridade e da pureza de sangue da raça branca” (BALLESTRIN, 2013, p. 101). Todavia, disposições como gênero e trabalho corroborariam para a fomentação da dinâmica social global, chancelada pelo projeto de modernidade e do capitalismo.

Assim como Quijano, Mignolo distingue colonialismo de colonialidade, uma vez que para ele,

“Colonialismo” se refere aos períodos históricos específicos e à lugares de domínio imperial (espanhol, holandês, britânico e, desde o início do século XX, estadunidense; “colonialidade”, contudo, denota a estrutura lógica do domínio colonial que subjaz o controle espanhol, holandês, britânico e estadunidense da economia e a política do Atlântico, desde onde se estende o mundo (MIGNOLO, 2007, p. 33).

Em resumo, o colonialismo seria o período em que a dominação e exploração de determinados grupos, compreendida sobre uma dicotomia entre raças, em que a legitimação do poder e controle se efetivaria pela lógica, de um lado, desenvolvimentista e progressista e, por outro, de expropriação, domínio, hostilidade e tentativa, assim como o projeto moderno, de universalização. Por outro lado, diz sobre colonialidade a configuração atual de sociabilidade, pautada, sobretudo, na lógica capitalista, que mantém o poder de determinados *clusters* sobre um clã, manifestos em novos padrões e ordenações outras.

Ao considerar a modernidade como um projeto de nações progressistas e seguras, tem-se então a América Latina como laboratório de experimentação e *locus* de manutenção do ideal moderno e universal. Se a modernidade surge com a emergência da Revolução Industrial, ou seja, a partir das consolidações de nações europeias sistematicamente organizadas e supostamente estratificadas, e advertidos de que a modernidade está diretamente associada à colonialidade, uma vez que para que a primeira se cristalize será necessário a manutenção da lógica colonial (NORONHA, 2019), as sociedades latino-americanas estariam diante de uma pirâmide subalterna suplantada pela relação de trabalho e desenvolvimento econômico, ou seja, para os teóricos da Decolonialidade a modernidade tem sua gênese no século XV com a colonização da América. Isso significa, e o objetivo aqui é o de reafirmar os resquícios oriundos da descolonização, que a dicotomia entre dominantes e dominados prevalecer-se-á no sistema em que a Europa, o capitalista e o sujeito masculino estarão no epicentro do modelo canônico que deva ser replicado ou usados como parâmetros para a organização mundial, como se fosse

a única organização social, política, econômica, cultural, ética, moral e progresso consumada.

Adverte-se ainda que a colonialidade do poder, do saber e do ser, refere-se aos campos de experiência humana (MIGNOLO, 2007) pelos quais o modelo canônico europeu, ou o “sistema-mundo europeu/euro-norte-americano capitalista/patriarcal moderno/colonial”, como proposto por Castro-Gómez & Grosfoguel (2007), isto é, econômico, político, social e epistêmico. Mignolo (2010) adiciona a tramitação da colonialidade do poder, além dos supraditos, na dimensão do gênero e sexualidade, autoridade e recursos naturais. A universalidade referida no presente, é oriunda da proposição, ou melhor, da imposição, refletida como um processo de colonização configurado em novas e sagazes articulações, unificadora de um espaço comum. Esse espaço comum impossibilita que determinadas emergências apareçam e desconsideram os atravessamentos coletivos e individuais, a fim de fazer ressurgir a incorporação de valores sem o uso da força pois, como já dito, a colonialidade atualiza-se com ideais cidadãos e democráticos do bem-comum.

A naturalização dessa ideia, epistemologicamente residente nos territórios e lógicas subjetivas que ultrapassam a limitação continental da Europa, faz com as mesmas atualizações e convenção do poder baseado no “sistema-mundo europeu/euro-norte-americano capitalista/patriarcal moderno/colonial” seja replicado no interior de cada Estado-nação, inerente à Europa. É essa configuração que Casanova (2007) define como colonialismo interno, que é o *modus operandi* de como o Estado se articula e coexiste ao lado do corpo social que desvela uma reconstituição do domínio colonial.

No colonialismo interno, o Estado chancela e corrobora a reprodução de dominação na lógica da distribuição de poder a determinados nichos, uma vez que para fazer manter a máquina capitalista e a ordem – e o colonialismo interno é proveniente da ideia do trabalho como elemento ambivalente de exploração e sustentação/manutenção das bases econômicas – faz-se necessário elencar as diferenças a partir de demarcadores como raça e detenção dos meios de produção, para legitimar o mando, por exemplo, e instituir a dicotomia necessária para o poder.

Reside neste ponto a contradição entre a luta pela libertação nacional e o nacionalismo, uma vez que o colonialismo interno seria, mais uma vez, a atualização da colonialidade dentro de determinado território autônomo, isto é, assim como a colonização internacional, já exemplificada contemporaneamente pelo extrativismo, a colonização interna também colabora com as “expropriações e saques de territórios e propriedades agrárias existentes, e contribuem à proletarianização ou empobrecimento por depredação, desemprego, baixos salários, da

população e dos trabalhadores das zonas subjugadas” (CASANOVA, 2007, p. 446). Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que o que aqui se propôs foi delimitar um recorte para exemplificar o arranjo do colonialismo interno, uma vez que ele se manifesta também nas dimensões de gênero e sexualidade, militares, culturais, judiciais, entre outras.

Visando promover uma ruptura do *ethos* colonial dos valores agregados à América Latina, as ciências sociais latino-americanas iniciam, de modo analítico e sistêmico, reflexões teóricas, com valorização das experiências coletivas, a fim de oferecer um *background* teórico acerca do *modus operandi* da colonialidade na região colonizada por impérios europeus. Emergências de demarcadores já tidos como objetos de estudo dos Estudos Culturais serão remodelados a partir da experiência moderna, uma vez que a teoria política europeia se eximiu, e não ao acaso, em reportar a configuração do projeto de modernidade como manutenção da colonialidade (CASTRO-GÓMEZ, 2005; MIGNOLO, 2007).

A crítica que vem dos estudos culturais e do período pós-colonial caracteriza o sistema-mundo moderno/colonial como um sistema de significado cultural. Eles acreditam que domínios semióticos como o imaginário de massa e “discurso sobre o outro” são um elemento *sobredeterminante* das relações político-econômicas do sistema capitalista, e que a luta pela hegemonia social e política do sistema passa necessariamente pelo controle desses códigos semióticos. Para eles, relacionamentos econômico e político não fazem sentido em si, mas adquirem, significado para atores sociais de espaços semióticos específicos (ou ‘Epistemes’). Em vez disso, a maioria dos pesquisadores do sistema mundial enfatiza as relações econômicas em escala mundial como determinantes do sistema-mundo capitalista. Para eles, os imaginários, discursos e epistemes são esferas derivadas de processos de acumulação capitalista. O fato é que os teóricos do sistema mundial têm dificuldades em pensar sobre cultura, enquanto teórico anglo-saxões da pós-colonialidade têm dificuldades em conceituar processos político-econômicos. Muitos pesquisadores do sistema mundial reconhecem a importância da linguagem e da dala, mas não sabem o que fazer com eles ou articulá-los à análise da economia política sem reproduzir um economismo vulgar. Da mesma forma, muitos pesquisadores do pós-colonialismo reconhecem a importância da economia política mas não sabem como integrá-lo à análise cultural sem reproduzir um culturalismo vulgar. Ambas as correntes flutuam ente os perigos do reducionismo econômico e os desastres do reducionismo culturalista (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007, p. 16, grifo do autor).

Para a perspectiva Decolonial do Grupo Colonialidade/Modernidade, a cultura é intrínseca aos processos de economia política, com constatou Quijano, por exemplo, sobre a

exploração dos povos do Norte sobre os do Sul, em que a exploração se dá pelo grupo étnico-racial como condicionante fundante da relação que legitima o poder, a partir da perspectiva de europeus e não-europeus, ou seja, brancos e não-brancos (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007). Surge então inquietudes acerca do universalismo, padrões canônicos, modernidade e, sobretudo, o pecúlio do(s) poder(es), não apenas europeu, mas também pelo que Noronha (2019) classifica como poder anglo-americano.

Ainda que a gênese do pensamento Decolonial seja efetivamente institucionalizada e transferida como criação da América Latina, Mignolo (2007), localiza experiências Decoloniais em diferentes momentos históricos e retira do pós-estruturalismo francês o crédito de que a tímida emergência da Decolonialidade é oriundo do pós-estruturalismo, haja vista experiências latentes anteriores no pensamento indígena, na América, e movimentos de decolonização da Ásia e África ao lado da ascensão dos Estados Unidos no pós-guerra. Para o pesquisador, a gênese do pensamento Decolonial inicia seu impulsionamento a partir da dissolução da Guerra Fria, entre Estados Unidos e União Soviética. Demarca ainda o reconhecimento por parte das reflexões teóricas Decoloniais nas iniciativas manifestadas nos “tratados políticos decoloniais” (MIGNOLO, 2007, p. 28) presentes no século XVI e XVII, nos vice-reinados hispânicos, a partir do envio da obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno*¹³, de Guaman Poma de Ayala, ao Rei Felipe III, e em 1787 com a publicação, em Londres, do tratado *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*¹⁴, de Otabbah Cugoano, um escravizado liberto que confrontaria, por meio de suas próprias experiências, o projeto de modernidade.

Por outro lado, há em algumas literaturas uma convenção do pensamento pós-colonial ligada à tríade francesa representada por Franz Fanon, Albert Memmi e Aimé Césaire, considerados seminais ao postularem, quase que simultaneamente, contribuições que, de alguma forma desvela a produção do conhecimento como dispositivo de dominação (BALLESTRIN, 2013). No entanto, faz-se necessário explicitar que as obras selecionadas para a compreensão da Decolonialidade se dão por meio de autores latino-americanos, o que evidencia uma escolha, pelo menos neste subtópico, em não mobilizar autores europeus para

¹³ Crônica de 1200 páginas escrita pelo indígena peruano Felipe Guaman Poma de Ayala, no início do século XVII. Foi endereçada aos reis da Espanha como oferecimento da cultura indígena contada a partir de experiências próprias. Propunha ainda o que viria a ser um bom governo. Ver MERINO (2019).

¹⁴ *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery* foi escrito em 1787 pelo ex-escravizado Quobna Otabbah Cugoano. Na obra, o autor, que fora sequestrado aos 13 anos e posto na condição de escravizado, denuncia as mazelas e as experiências dos sujeitos negros subjacentes aos brancos e contrariava as concepções em prol da escravidão, incluindo aquelas que defendiam que os escravizados das índias levavam uma vida melhor do que a dos europeus. Ver CUGOANO (1999).

legitimarem a produção científica, isto é, esta foi uma escolha Decolonial para este recorte. Se a tese da pós-modernidade encaminha-nos para a ideia de uma configuração social e global estritamente associada à colonialidade (CASTRO-GÓMEZ; GROSOGUEL, 2007), torna-se indispensável que os Estudos Decoloniais tenham como objetos de estudos, além dos já supramencionados pelos Estudos Culturais, a pós-colonialidade, a modernidade e o capitalismo – na lógica do sistema-mundo e divisão do Norte e Sul global (NORONHA, 2019; CASANOVA, 2007) – como espectros que corroboram a compreensão macroestrutural, no que tange aos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos imbricados ao poder. Entende-se por Decolonialidade, portanto, um projeto epistemológico que busca transcender “certos discursos acadêmicos e políticos, segundo os quais, com o fim das administrações coloniais e a formação dos Estados-nação na periferia, vivemos em um mundo descolonizado e pós-colonial” (CASTRO-GÓMEZ; GROSOGUEL, 2007, p. 13).

Em 1992, com a reimpressão da obra *Colonialidad y modernidade-racionalidad*, do sociólogo peruano Anibal Quijano, foi fundado, nos Estados Unidos, o Grupo Latino-Americano Sul-Asiático dos Estudos Subalternos, concatenando pesquisadores latino-americanos e americanistas. O grupo teve sua fundamentação motivada pelo modelo e reflexões mobilizadas pelo Grupo de Estudos Subalternos, proposto pelo historiador Ranajit Guha, na Índia (BALLESTRIN, 2013). Em 1996, lecionando na Universidade do Estado de Nova Iorque, Quijano, realizava conferências e palestras organizadas pelo Grupo de Trabalho Colonial, do departamento de Sociologia, onde lecionavam também Kelvin Santiago e Ramón Grosfoguel.

Mais tarde uniriam-se ao grupo outros pesquisadores com interesses de pesquisa convergentes e em 1998 organizaram um evento em Caracas em que participaram Walter Mignolo, Anibal Quijano, Kelvin Santiago, Enrique Dussel, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Agustín Lao-Montes, Fernando Coronil e Arturo Escobar. O evento deu origem ao livro *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*, coletânea composta por um conjunto de artigos oriundos de reflexões teóricas sobre as relações sociais a partir de hegemonia e contra hegemonia que legitima as dominações e poder, a partir visão eurocêntrica da epistemologia, lançada em 2000 (CASTRO-GÓMEZ; GROSOGUEL, 2007).

Em 1998, com a tradução do Manifesto Inaugural do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, o semiólogo argentino Walter Mignolo iniciou uma reflexão crítica acerca da importação do modelo asiático de Ranajit, trazendo proposições de originalidade peculiares ao grupo. A crítica de Mignolo é a importação epistemológica do saber, uma vez que pensar o período pós-colonial na América Latina sob a cosmovisão asiática incorporada no contexto

latino-americano desconsideraria as singularidades do território, bem como poder-se-á considerar que a reverberação epistemológica suscita “estrangeirizar” o nacional, local e territorial.

Com a consolidação do Grupo Modernidade/Colonialidade, oriundo de reuniões entre os principais nomes seminais da América Latina que desenvolvia, individualmente ou em poucas parcerias, as reflexões apresentadas neste capítulo, torna-se mais evidente o que os estudiosos propunham como produções e perspectivas decoloniais. Se a colonialidade é um recurso aliado à modernidade, “visto que a retórica salvacionista já pressupõe a lógica opressora e condenatória de descontentamento, essa lógica opressiva reproduz uma energia de descontentamento, desconfiança e distanciamento entre aqueles que reagem em face da violência imperial” (MIGNOLO, 2007, p. 26), o Grupo Modernidade/Colonialidade tinham não só a colonialidade latino-americana como objeto de análise, como também a América Latina como invenção da modernidade e, portanto, *locus* de dominação e subordinação. Na intenção de romper com as utopias modernas é indispensável que o Grupo Modernidade/Colonialidade mobilizasse a correlação indissociável da Modernidade e Colonialidade, advertidos de que “a própria conceituação de colonialidade como constitutiva da modernidade já é o pensamento decolonial em movimento” (MIGNOLO, 2007, p. 26), fortalecendo as tensões retóricas da modernidade e colonialidade que emergem a partir da lógica universalista. Todavia, a proposição moderna, chancelada pelos ideais liberais, propõe uma bipartição social que tem, por um lado, aqueles que desempenham a função de controle, tanto nas dimensões econômicas (mercado, ambiente/extrativismo, indústrias, relações comerciais/importação e exportação, entre outros) e epistemológicas quanto na dimensão do controle policial e leis do Estado de manutenção da ordem – que por sua vez irá subverter a lógica da modernidade enquanto projeto de liberdade individual.

Para Nascimento (2018), os estudos decoloniais são oriundos dos estudos pós-colonial e dos estudos culturais. Para ela, essa é uma perspectiva dirigida e desenvolvida epistemologicamente aos colonizados a fim de romper com reflexões eurocentradas. Todavia, para Mignolo (2007), o pensamento decolonial não está atrelado ao pensamento pós-colonial, haja vista o surgimento deste último associado à modernidade, isto é, se por uma lado o pós-colonialismo atrela suas críticas frente ao pós-modernismo, por outro, o pensamento decolonial confronta, empiricamente, a modernidade nascente no tempo-espço, no XVI, a partir das memórias indígenas de Waman Poma na retórica da modernidade já assentada a partir das experiências de Otabbah Cugoano.

Os estudos do Grupo Modernidade/Colonialidade oferecem subsídios para considerar que as experiências coloniais ultrapassam fronteiras geográficas de territórios que foram materialmente colonizados e formula um *ethos* global, chancelado pelo transmodernismo¹⁵ e pluriversalismo¹⁶, oferecendo, portanto, preservação do modelo epistemológico da modernidade ocidental. Frente a isso, a conservação do pensamento moderno nos períodos de descolonizações fomenta a universalidade imperial, sendo a universalidade um princípio legalizador da colonialidade, tendo, por outro lado, a transmodernidade como um projeto de colonização inacabado (GROSFOGUEL, 2007; MIGNOLO, 2007; CASTRO-GÓMEZ, 2007; DUSSEL, 1994). No Brasil, obras com a perspectiva decolonial podem ser encontradas nos estudos de raça, gênero e sexualidade (BARBORA; D'ÁVILA, 2017), dos recursos naturais (ASSIS, 2014), pedagogia e educação (ABREU, 2020), artes (MOURA, 2019; RODRIGUES, 2019), além de obras, a exemplo de *Decolonialidade a partir do Brasil* (2020), *Desobediências e democracias radicais: a potência comum dos direitos que vêm* (2019).

¹⁵ A Transmodernidade, para Dussel (2016) seria o momento de surgimento e emersão de culturas distintas, que não euro-americanas, tendo um embate com a universalização cultural e com a pós-modernidade, uma vez que muitas dessas culturas não assumiram a posição moderna. De acordo com Dussel, a transmodernidade seria a retórica de culturas que são pré-modernas, ou seja, que não são assumem o roteiro moderno, mas que trariam experiências culturais de um outro lugar que seriam contemporâneas à modernidade.

¹⁶ A Pluriversalidade é a alteridade cultural, ou seja, o conjunto do universalismo que emerge das culturas latino-americanas, islâmicas, europeia, budista etc. Ver DUSSEL (2016).

CAPÍTULO 2 – MÉTODOS DE PESQUISA

Caracterizada como qualitativa, para a presente pesquisa foram empregados como instrumentos metodológicos a Revisão Sistemática de Literatura (RSL), Revisão Integrativa de Literatura (RIL) e a Análise de Conteúdo, em conjunto com a meta-análise, a fim de mapear o estado da arte da literatura nacional acerca da relação dos Estudos Culturais, particularmente na sua intersecção com os estudos Decoloniais no campo da Comunicação. A meta-análise é uma abordagem metodológica que possibilita a concatenação de estudos realizados individualmente sobre determinado objeto, a fim de sistematizar os resultados oriundos destes para que as interpretações das produções já realizadas ofereçam subsídios consistentes dos conteúdos, considerando, conforme Bicudo (2014) o método aplicado em cada estudo. De acordo com Lovatto *et al.* (2007), a meta-análise considera as condições experimentais dos estudos, o que diferencia este método das revisões tradicionais. Os autores salientam que essa técnica pode ter objetivos diferentes, cada qual com seu rigor, que podem responder a necessidade de obter novos resultados à geração de uma nova hipótese.

Considerando as considerações de Lovatto *et al.* (2007), neste estudo a meta-análise pauta-se sobre o objetivo de aumento da comparação analítica, ou seja, aliada à Revisão Sistemática, a técnica da meta-análise possibilitar-se-á a melhor comparação entre os temas dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais, fortalecendo o rigor metodológico que responde às perguntas de pesquisa. Posto isso, faz-se necessário salientar que a escolha pela Revisão Integrativa de Literatura (BOTELHO *et al.*, 2011) é eficazmente notória e indispensável neste estudo, uma vez que a Revisão Sistemática de Literatura tradicional apresenta arbitrariedades e técnicas distintas, além de ser uma escolha não trivial dos trabalhos realizados na área e por ser tratar de um estudo que verificará trabalhos de áreas distintas, ainda que os trabalhos selecionados versem a Comunicação enquanto campo científico, discursivo e *lócus* de formação dos sujeitos.

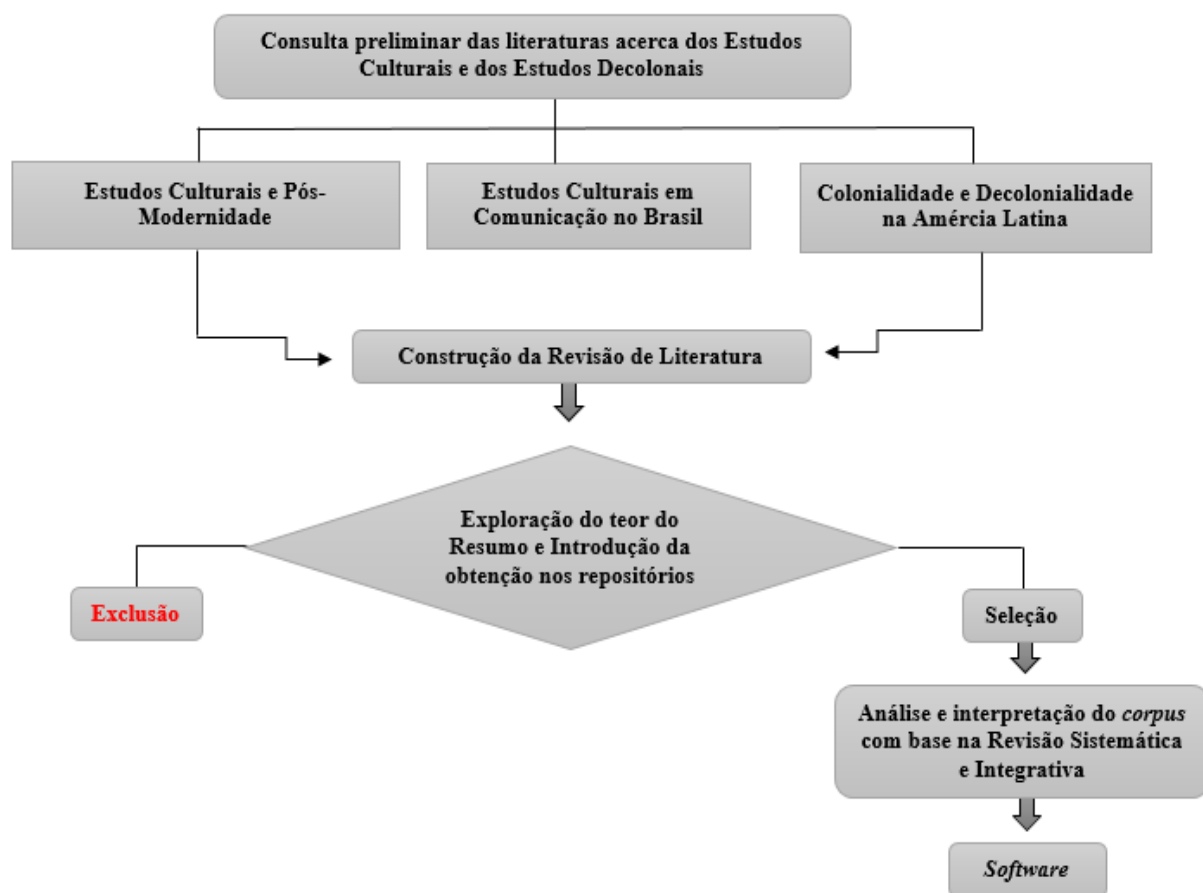
Deste modo, o presente estudo é o resultado de uma sistematização de pesquisas realizadas individualmente. Mais que verificar o estado da arte da literatura nacional, o objetivo dessa pesquisa é descrever emergências na área da Comunicação, na produção científica, mais precisamente sobre em que medida os estudos realizados em Comunicação têm se apropriado dos estudos Decoloniais, nos últimos dez anos, e quais as convergências e divergências entre ambos os campos. Para isso, a Análise de Conteúdo, como técnica de interpretação do teor do que é enunciado (VERGARA, 2006), é posta como metodologia aplicada para interpretação do

corpus oriundo dos trabalhos selecionados.

Devido à necessidade de delimitar o escopo da pesquisa, diante do vasto número de periódicos e eventos na área da Comunicação, foram estabelecidos critérios de elegibilidade do *corpus* com base nos seguintes critérios: I) Os periódicos e eventos serem de alta qualidade com base nas métricas confiáveis do meio acadêmico, *QUALIS* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e/ou alto fator de impacto; II) Produções publicadas com base no idioma nacional (Português); III) Serão inclusos como componentes do *corpus* apenas teses e dissertações oriundas de Programas de Pós-Graduação nacionais com conceito igual ou superior a 4, de acordo com a CAPES; e IV) Selecionar-se-á apenas produções publicadas a partir de janeiro de 2010 a dezembro de 2020 (últimos dez anos).

Chancelados pelas ideias de Bardin (1979), as fases da Análise de Conteúdo foram organizadas, cronologicamente, em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A figura abaixo possibilita uma melhor visualização dos métodos utilizados no presente trabalho.

Figura 1 – Estrutura das Fases e Procedimentos da Elaboração da Pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

As pesquisas foram realizadas em cinco bases de dados, sendo três nacionais e duas internacionais. A saber: *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*, *Scientific Periodicals Eletronic Library (Spell)*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *SciVerse Scopus* e *Web of Science*. Para fins de refinamento, foram mobilizadas palavras-chaves nas bases de dados. A saber: Decolonialidade/Decolonialismo e Estudos Culturais; Estudos Culturais em Comunicação; Decolonialidade/Decolonialismo em Comunicação; e Estudos Culturais e Decolonialidade em Comunicação. Nota-se que a expressão “Decolonialismo” está sendo apresentada neste trabalho como sinônimo de “Decoloniadade” para ampliar o número de resultados – considerando que o uso da expressão “Decolonialismo” pode, para alguns teóricos, estar associada ao pós-colonialismo como momento de emersão do conjunto de contribuições teóricas iniciadas a partir de 1980.

A escolha do *corpus* foi norteada com base na síntese dos principais objetos e dispositivos dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais, conforme a literatura preliminarmente consultada, a fim de reduzir os riscos de arbitrariedades e ineficiência da investigação, nos estudos relacionados à Comunicação. Assim sendo, a leitura dos resumos e introduções dos artigos, teses e dissertações, para seleção e leitura completa ou descarte das obras, se deram com base na Tabela 1.

Tabela 1 – Síntese dos Campos de Investigações

	Estudos Culturais	Estudos Decoloniais
Surgimento	<p>Emerge na década de 1950 nos Estados Unidos e Inglaterra como área que produz novos efeitos sobre as produções científicas oriundas do pensamento moderno, sobretudo no que tange à ideia de cultura universal. Propõe uma visão crítica acerca das relações sociais com vistas à cultura como denominador fundamental. Sendo a cultura, então, este denominador, os Estudos Culturais são provenientes da Teoria Crítica e subverte a consideração das correntes de pensamento moderno ocidental universalista. Para os Estudos Culturais, a cultura é esfera intrínseca à sociedade e economia – o que fundamenta as críticas desse campo de investigação no que versa a produção de bens de consumo, isto e, subsidia críticas ao capitalismo.</p>	<p>Provenientes de correntes e campos de investigação anteriores, incluindo dos Estudos Culturais, os Estudos Culturais despontam-se na América Latina. É proposto com base nas experiências realizadas pelo Grupo de Estudos Subalternos, da Índia. Os estudos iniciam-se nos Estados Unidos a partir de um conjunto de pesquisadores norte-americanos e latino-americanos. A consolidação dos Estudos Decoloniais se estabelece com a criação do Grupo Modernidade/Colonialidade (1998), após a reimpressão da obra <i>Colonialidad y modernidade-racionalidad</i>, do sociólogo peruano Anibal Quijano, em 1992. A corrente de pensamento decolonial é também relacionada aos estudos de Franz Fanon, Albert Memmi e Aimé Césaire.</p>

Continua...

Propósito/áreas de estudo	<p>Campo interdisciplinar que objetiva investigar a cultura como <i>locus</i> que concentra apontamentos para a compreensão das relações socioculturais e sociopolíticas dos sujeitos. Valoriza aspectos como raça, gênero, identidades, sexualidade, etnicidade, cultura popular, dentre outros. Na Comunicação, investiga a relação entre a reverberação midiática na construção dos sujeitos, bem como a inclusão das produções culturais, sobretudo massivas, no cerne da cultura, sobre a qual se alinha à Indústria Cultural. Além disso, problematiza a produção científica canônica. Oferece subsídios para as Teorias da Comunicação a partir do rompimento com da corrente positivista e funcionalista que no <i>Communication Research</i>, a partir dos Estudos de Efeitos, considera os meios de comunicação manipuladores. Os Estudos Culturais auxiliam na ruptura da consideração dos sujeitos como entidades irracionais e propõe que a relação entre mídia e sociedade sejam vistas a partir das relações culturais e produções de sentido.</p>	<p>A Escola de Pensamento Decolonial propõe uma revisão crítica da manifestação do <i>modus</i> de colonização. Considera que o período de ruptura da colonização nos territórios faz emergir um modelo na sociedade contemporânea de domínio sobre o conhecimento (colonialidade do saber), das relações socioeconômicas e políticas (colonialidade do poder) e da subjetividade e identidade dos sujeitos (colonialidade do ser). A Decolonialidade é um campo de investigação interdisciplinar que propõe a relativização da produção científica euro-americana e a valorização de um olhar centrado nas experiências. Valoriza aspectos como raça, identidades, nacionalismo, imigração/migração, exploração e desapropriação de territórios, além de problematizar a produção científica canônica.</p>
Principais autores seminais relacionados aos estudos	<p>Stuart Hall (1932-2014); Edward Thompson (1924-1993); Raymond Williams (1921-1988); Richard Hoggart (1918-2014)</p>	<p>Anibal Quijano (1928-2018); Walter D Mignolo (1941-presente); Edward Said (1935-2003); Ramón Grosfoguel (1956-presente); Santiago Castro-Gómez (1958-presente); Enrique Dussel (1934-presente).</p>
Localização do Brasil	<p>Os Estudos Culturais em Comunicação no Brasil conjecturam os objetos de estudo supramencionados, reverberando em estudos sobre identidades e produções e relações culturais prospectadas em cultura popular, <i>reality show</i>, telenovelas, representações (feminina, negra, de gênero etc.), literatura, entre outros. Autores nacionais majoritariamente citados são Maria Elisa Cevasco, Ana Carolina Escosteguy e Katrine Tokarski Boaventura.</p>	<p>Os Decoloniais no Brasil se debruçam sobre as relações de exploração, domínio e poder, a partir da colonialidade manifestada nas seguintes conjunturas: econômica, recursos naturais/ecológicos, no conhecimento científico canônico – incluindo a pedagogia decolonial nas instituições de ensino –, política, relações étnico-raciais, gênero, sexualidade, gênero, cultura, entre outros. Obras decoloniais podem ser encontradas em Matos & Lemos (2019), Rocha <i>et al.</i> (2020), Messias & Silveira (2019) e outros.</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em Ballestrin (2013), Mignolo (2007), Quijano (2000), Boaventura (2009), Cevasco (2003), Miranda (2017) e Escosteguy (2001).

A priori, a obtenção dos resultados se deu no universo de 354 amostras. Contudo, após leitura acurada dos resumos e introduções, inserção dos filtros/critérios já supraditos neste capítulo, e avaliação de títulos duplicados nas bases de dados, obteve-se uma redução do *corpus* de aproximadamente 85% do resultado inicial, sendo que a produção mais antiga data de 2010

e a mais recente de 2021, tendo apuração final de **53 obras, entre artigos, dissertações e teses, selecionadas para essa pesquisa**, conforme o Tabela 2.

Tabela 2 – Delimitação da Pesquisa

Base de Dados	Tipo de produção	Critério alternativo	
BDTD	Teses e Dissertações	Devido à quantidade extraordinária de teses e dissertações, para presente base optou-se por realizar a busca a partir do uso da expressão “Estudos Culturais E Decolonialidade E Comunicação” , obtendo 17 resultados . O termo ‘E’ ou ‘AND’ foi utilizado como critério adicional para reduzir o número de trabalhos que tratem os objetos de modo separatista.	13
Repositórios	Artigos	As expressões de refinamento descritas neste capítulo apresentaram resultados ineficientes quando usados como propôs-se inicialmente para algumas bases. Tendo em vista o número de nulo de resultados ou ineficientes, optou-se pela alternância de expressões nas bases, sendo que houve priorização da expressão “Estudos Culturais E Comunicação” , a fim de verificar, minuciosamente, a relação entre os Estudos Decoloniais fora citada ou adotada em alguma medida. Para o <i>Spell</i> o resultado foi nulo para todas as outras expressões-chave, havendo apenas 3 artigos a partir do uso de “Estudos Culturais E Comunicação” . Com relação ao <i>SciELO</i> , optou-se pelo uso da expressão “Estudos Culturais EM Comunicação” , uma vez que os usos das outras eram ineficientes ou resultavam em artigos que não atendiam ao objetivo dessa pesquisa, resultando em 63 artigos . Por fim, para o <i>Web of Science</i> e <i>Scopus</i> adotou-se “Estudos Culturais E Decoloniais” e “Estudos Culturais EM Comunicação” , saldo de 15 e 256 artigos, respectivamente, sendo que as produções do <i>Scopus</i> também são indexadas no <i>SciELO</i> . Ao total, as buscas nos repositórios somam 354 artigos . Após leitura duplicada do <i>corpus</i> e descarte de produções que tratavam de objetos distintos ou tomavam as expressões supradescritas como sinônimo de outras, bem como a verificação de duplicação dos títulos nos repositórios, mensurou-se que aproximadamente 15% constituiria o <i>corpus</i> , sendo que nenhuma das obras do <i>Spell</i> se inscrevia no objetivo proposto.	40

COMPOSIÇÃO FINAL DO CORPUS

Fonte: Elaboração própria.

Posto isso, o Quadro 3, confere, cronologicamente, à delimitação da pesquisa, subdivididos em Artigos em Periódicos, Dissertações e Teses, autoria e ano de publicação, sendo que as mais antigas se referem ao ano de 2011 e as mais recentes datam de 2021.

Tabela 3 – Constituintes do Corpus

Artigos						
Ano	Periódico	Título	ISSN	Qualis CAPES	Autoria	Código
2010	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	Educação em saúde da pessoa idosa em discursos e práticas: atividade física como sinônimo de saúde	1414-3283	A4	Santos e Siqueira	1
2010	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física	1414-3283	A4	Neira	2
2011	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Criatividade e pensamento crítico	0102-6453	A2	Tremblay	3
2012	Linguagem em Dis(curso)	Referenciação e hiperestrutura em textos de divulgação científica para crianças	1982-4017	A1	Geiring	4
2012	Revista Gaúcha de Enfermagem	Mídia e doação de órgãos: a produção de sujeitos doadores	0102-6933	A2	Pruinelli e Luce Kruse	5
2012	Revista Brasileira de Ciência da Comunicação	Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas	0102-6453	A2	Lima e Santos	6
2013	Revista Brasileira de Ciência da Comunicação	‘De primeiro, a gente lembrava...’ – Comunicação e interação de moradores do Assentamento Itapuí com o Movimento Sem Terra	0102-6453	A2	Oliveira e Cogo	7
2014	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	Os jovens homossexuais masculinos e a sua saúde: uma revisão sistemática	1414-3283	A4	Cunha e Gomes	8
2014	Revista Brasileira de Ciência da Comunicação	A abordagem cultural da Comunicação de James W. Carey	0102-6453	A2	Subtil	9
2015	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niños y Juventud	O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo	1692-715X	A3	Orofino	10
2015	DADOS – Revista de Ciências Sociais	Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte	1678-4588	A1	Fernandes	11
2015	Organizações & Sociedade	Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiências nas telenovelas brasileiras	1413-585X	A2	Faria e Casotti	12
2015	Revista Brasileira de Educação Especial	As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico	1413-6538	A1	Bruno e Lima	13
2015	Revista Brasileira de Ciências da	Comunicação, economia criativa e desenvolvimento local: a experiência do ‘Núcleo de Comunicação Bombando	0102-6453	A2	Barbosa e Santos	14

	Comunicação	Cidadania'				
2016	Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso	Representações da ciência e da tecnologia na literatura de cordel	2176-4573	A1	Almeida <i>et al</i>	15
2018	Arquivos Analíticos de Políticas Educativas	Linguagem, Literatura e Construção de Identidades em Práticas Pedagógicas: O Ensino de Línguas Estrangeiras em uma Perspectiva de Resistência	1068-2341	A1	Silva <i>et al</i>	16
2018	Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea	A representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos	2316-4018	A1	Costa e Ribeiro	17
2018	Estudos Avançados	Sobre conquistas e tensões	1806-9592	A1	Oliveira	18
2019	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa	1414-3283	A4	Raimondi <i>et al</i>	19
2019	Educação & Realidade	Educação Ambiental e Estudos Culturais: entre rasuras e novos radicalismos	2175-6236	A1	Sampaio	20
2019	Revista Brasileira de História	Narrativas e amazonialismo: representações da Amazônia nos relatos de viagens de Paul Walle	0102-0188	A1	Silva e Albuquerque	21
2019	Comunicação e Sociedade	Diálogo intercultural e relações intergrupais na Europa: contributos dos Estudos Culturais e da Psicologia Social	2183-3575	B2	Brasil e Cabecinhas	22
2019	Cidades – Comunidades e Territórios	Imigração, patrimônios culturais e coesão social em contexto de subdiversidade	2182-3030	A4	Dias	23
2019	Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana	Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG	2175-3369	A1	Guimarães e Diniz	24
2019	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	A produção do currículo do final da vida por meio do dispositivo pedagógico da mídia	1414-3283	A4	Cordeiro e Kruse	25
2019	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	A transição da crítica imanente para a transcendente nos estudos de Douglas Kellner sobre cinema e televisão	0102-6453	A2	Daros	26
2020	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	Performances de gênero e raça no ativismo digital de Géledes: interseccionalidade, posicionamentos e interacionais e reflexividade	1984-6398	A1	Silva	27
2020	Revista Brasileira de Políticas Públicas	Quem pariu a Améfrica?: trabalho doméstico, constitucionalismo e memória em português	2236-1677	A1	Lopes	28
2020	Educação em Revista	Culturas da Infância: os modos como as crianças assistem e interagem com as séries de animação	1982-6621	A1	Nery e Rego	29
2020	Educar em Revista	Narrativas dos professores nas redes: o percurso dos professores na Educação Básica	1984-0411	A1	Carvalho e Alves	30
2020	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação	0102-6453	A2	Steffen <i>et al</i>	31
2020	Galáxia	Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos intepistêmicos	1519-311X	A2	Oliveira <i>et al</i>	32

2020	Revista Estudos Feministas	Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano	1806-9584	A1	Dimenstein <i>et al</i>	33
2021	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Práticas comunicativas, mídias e tecnologias: estudos cruzados entre Brasil e Angola	0102-6453	A2	Moura e Araújo	34
2021	Práxis Educativa	Paulo Freire e os estudos culturais: Pistas para convergências possíveis	1809-4031	A1	Backes <i>et al</i>	35
2021	Revista Ilha do Desterro	Vozes Ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação	2175-8026	A1	Walter	36
2021	Athena Digital	Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África	1578-8946	B3	Danfá <i>et al</i>	37
2021	DADOS – Revista de Ciências Sociais	Tecnicidades e Identidades Migrantes nos Usos Sociais das Mídias: Uma Aproximação à Diáspora Senegalesa no Sul do Brasil	1678-4588	A1	Brignol	38
2021	Athena Digital	Corpos que vendem produto: catálogos de cosméticos e assimetrias com a atual publicidade inclusiva	1578-8946	B3	Malta <i>et al</i>	39
2021	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre a economia política e estudos culturais	2316-901X	A1	Bolaño	40

Dissertações

Ano	Titulação	Título	Instituição	Conceito CAPES		
2016	Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea	Ciência brasileira nos principais sites de notícia: Um retrato colonial	UFMT	4	Cardoso	41
2018	Mestrado em Estudos de Tradução	A representação da personagem Antoinelle em <i>Wide Sargasso Sea</i> (Jean Rhys – 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro – 2012): uma crítica feminista pós-colonial	UFSC	6	Matos	42
2018	Mestrado em Letras	Memória e História em El país de la Canela de William Ospina	UFPA	5	Abreu	43
2018	Mestrado em Ciência da Comunicação	Pioneiros e duendes: desenvolvimento e integração na Amazônia a partir dos filmes documentários de Jean Mazon	UFPA	4	Santos	44
2018	Mestrado em Letras	Os Caciques Nheçu e Sepé Tiaraju – o Mau e o Bom selvagem às vistas da Literatura e da História	UNIOESTE	5	Hamermüller	45
2018	Mestrado em Ensino de História	América Latina Digital: o Ensino de História da América Latina e os atravessamentos da cultura digital na sala de aula	UFRGS	6	Salomón	46
2019	Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades	O Ensino da Arte no Ensino Fundamental a partir da Lei 11.646/08 e das Narrativas Indígenas	UEG	4	Silva	47
2019	Mestrado em Ciências	Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e	USP	4	Souza	48

Periférica em São Paulo e Medellín

Teses

2017	Doutorado em Comunicação e Linguagens	God Save The Queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook	UTP	5	Nunes	49
2017	Doutorado em Educação	Para além da aldeia e da escola: Um estudo decolonial de aquisição da Língua Portuguesa pelos indígenas Wai-wai da Aldeia Mapuera, Amazônia brasileira	UFPA	5	Câncio	50
2018	Doutorado em Ciências Sociais	Quando o território descontrói o mapa: um encontro entre ciências sociais, arte e comunicação	UFCG	4	Menezes	51
2019	Doutorado em Ciência da Informação	Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk	UFRJ	7	Silva Júnior	52
2019	Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea	DramaturgiaS a partir de criADORES: Desmontagens de percursos criativos nas artes da cena	UFMT	4	Silva	53

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Para o atendimento ao objetivo geral, elencou-se quatro objetivos específicos, quais sejam: I) Descrever o estado da arte da literatura nacional acerca das temáticas investigadas pelos Estudos Culturais, em interface com a perspectiva Decolonial; II) Estabelecer correlações entre os trabalhos selecionados com a produtividade relacionada ao gênero e quantidade de autores por obras; III) Mapear a localização dos principais Programas de Pós-Graduações nacionais que prospectam teses e dissertações acerca do objeto de estudo proposto por essa investigação; e IV) Verificar, discursivamente, a partir da Análise de Conteúdo, em que medida os trabalhos aproximam, e consideram complementares numa análise geral do *corpus*, os objetos de investigação dos Estudos Culturais e Decoloniais, com a Comunicação como premissa de mediação dos fenômenos reverberados por estes, por meio das variações em *clusters*, desviantes ou não, a partir do *software IRaMuTeQ Alpha 2*.

Para análise e interpretação dos resultados, utilizou-se o modelo de Análise de Conteúdo. A apreciação das produções seguiu conforme a Revisão Sistemática de Literatura aliada aos métodos da Revisão Integrativa de Literatura como técnica adicional, a fim de enobrecer o tratamento dos dados. Embora algumas literaturas tratem ambas as análises como metodologias distintas, neste estudo a RSL e a RIL serão consideradas complementares, pois adverte-se que a sistematização de dados em estudos qualitativos carece de uma integração coordenada dos conteúdos provenientes do *corpus*. Todavia, faz-se necessário salientar que os trabalhos preliminarmente utilizados para a construção do Capítulo 1 deste estudo não foram contabilizados nos repositórios, sob o critério de não repetição.

Além disso, optou-se pelo uso do *software IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2* para a legitimação das pressuposições e inferências, uma vez que a análise lexical do *software* dispõe de um rigor estatístico e possibilita análise tanto quantitativa quanto qualitativa do *corpus* (CAMARGO; JUSTO, 2013; SOUZA *et al*, 2018), tornando a Análise de Conteúdo ainda mais sofisticada e rigorosa. A partir da nuvem de palavras, análise fatorial e análise de similitude constatar-se-á não só os pressupostos básicos, oriundos da investigação do *corpus*, como também torna original e inédita essa pesquisa.

A proposta não trivial se insere na dimensão da proposição do objeto de estudo, sustentado pela pergunta de pesquisa, e premissa de mais de uma técnica de apuração de dados, os quais são a Revisão Sistemática de Literatura, aliada às prescrições da Revisão Integrativa de Literatura e da meta-análise. Além disso, a escolha do *IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2* como um *software* livre e gratuito garante a democratização da ciência.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de melhor sistematizar as análises e organizar a análise dos dados com base nas verossimilhanças do *corpus* optou-se pela divisão e classificação das produções de acordo com o tipo de pesquisa (empírica, descritiva e exploratória) e objetos de investigação, entendidas aqui como categoriais, dos Estudos Culturais, com base no Quadro 1 do Capítulo 2.

Com o propósito de responder à pergunta de pesquisa com base no método proposto, inicialmente foi adotada a análise versada na Revisão Sistemática de Literatura (RSL) dos artigos, dissertações e teses, conjuntamente com as orientações metodológicas prescritas pela Revisão Integrativa de Literatura (RIL), o que torna essa pesquisa inédita e original. Sob critério de dupla leitura, a fim de minimizar o viés científico, isto é, cada produção foi perscrutada duas vezes, optou-se pela escolha do método integrativo, em congruência com a sistematização, a fim de responder aos objetivos dispostos de modo opulento e conciso.

3.1 Da Revisão Sistemática

Para a sistematização supramencionada, o *corpus* foi categorizado de acordo com a tipologia dos estudos e os objetos de investigação que são abarcados pelos Estudos Culturais. Com base na literatura preliminarmente consultada, conforme apresentada no Capítulo 1 desse estudo, considerou-se que artigos, teses ou dissertações que tendiam a aproximar a investigação proposta à perspectiva Decolonial seriam catalogados como produções que atendiam inteiramente ao objetivo proposto e demarcadas como obras que uniria ambos os campos de investigação, ou seja, os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais.

Embora a Revisão Sistemática de Literatura seja uma técnica eficaz que corrobora critérios de inclusão e exclusão, fez-se necessário realizar a inserção de algumas obras que apresentassem acepções parciais ou trivialmente significativas e pertinentes, consideradas pelo autor da investigação. Assim sendo, as tipologias foram organizadas em empíricas, descritivas e exploratórias, considerando o caráter metodológico e o objetivo proposto pelos estudos.

Quanto aos objetos de estudo, foi possível notar emergências que podem demonstram a sofisticação dos Estudos Culturais nos últimos anos e como têm abrangido dimensões interdisciplinares que prospectam um *background* que suscitam o diálogo intercultural da Comunicação e torna-se, sobretudo, o suprassumo para mapear quais implicações erguem-se a partir das pesquisas científicas realizadas e de como as manifestações contra hegemônicas e a

crítica à ciência moderna tem sido preocupação em diversos campos de saberes. Faz-se necessário salientar que, como demarcado como objetivo central desse estudo, a Comunicação é o campo científico fulcral de interesse da presente proposta e, por isso e por isso o uso das palavras-chaves priorizam a alternância entre o termo “Comunicação” como primazia para as demais expressões adicionais.

Todavia, notou-se que a maioria das produções constituintes do *corpus* são oriundas de outras campos de saberes, o que pode ser compreendido como uma dificuldade dos algoritmos em filtrar obras específicas que não tratem da Comunicação como sinônimo de Discurso. Contudo, devido à baixa presença de obras que fossem estritamente da Comunicação, optou-se, ainda assim, pela inclusão dessas obras, que auxiliam na resposta para a resposta ao problema de pesquisa e questiona o papel da Comunicação na aproximação entre Estudos Culturais e Estudos Decoloniais.

A Tabela 4 ilustra a descrição das três tipologias evidenciadas nos estudos, bem como a associação das 53 produções selecionadas, caracterizadas conforme código (Vide Quadro 2), com os tipos de estudo.

Tabela 4 – Descrição das tipologias de estudos

Tipo de estudo	Descrição
Empírico	Estudo realizado com atuação ativa do pesquisador no problema de pesquisa. Os fenômenos analisados sofrem legitimações de uma pragmática, ou seja, de ações concretas que podem envolver o método qualitativo, quantitativo ou ambos. Estudos de caso, etnografia, observações participantes e pesquisa-ação são exemplos de pesquisas empíricas. Envolve, portanto, relação entre sujeitos ou objetos/materiais concretamente existentes e o ator interessado no problema/fenômeno.
Descritivo	Estudo que envolve da descrição e características de determinados fenômenos. Envolve questões explícitas do problema de pesquisa a ser descrito, tendo o pesquisador advertência de que o trabalho poder-se-á ser organizado para caracterizar hipóteses. Distingue da pesquisa explicativa “pois a pesquisa descritiva apenas captura e mostra o cenário de uma situação, expressa em números” (OLIVEIRA, p. 22, 2010). Em síntese, a pesquisa descritiva expõe o conjunto de dados levantados, não se preocupando com o tratamento/explicação desses dados é da ordem da pesquisa explicativa.
Exploratório	Estudo qualitativo com objetivo de explorar ideias e fenômenos, a fim de levantar um diagnóstico acerca do problema de pesquisa em questão. Envolve ampliação da capacidade do pesquisador em conhecer os fenômenos mesmo sem conhece-lo, <i>a priori</i> . Geralmente, não envolve hipóteses preliminarmente consolidadas, uma vez que essas podem surgir no decorrer durante o exercício da pesquisa, assim como o rigor do planejamento não carece ser envolto de tecnicismo pois o propósito é apresentar uma ideia geral acerca do problema em voga.

Fonte: Elaborado com base em Oliveira (2010).

Os objetos de estudo do *corpus* são diversificados e amplos, quais sejam: gênero, raça/etnia, identidades, representações, currículo pedagógico, cultura popular, literatura, mídia e consumo, cultura de massa, recepção, corpo, classe, ensino da arte, dentre outros. A fim de melhor oferecer um panorama geral sobre o teor do *corpus*, apresentar-se-á, de forma concatenada, chancelada na Análise de Conteúdo, uma síntese fracionada acerca das produções, conforme fenômenos, compreendidos nesse estudo como objetos de estudo dos Estudos Culturais, que enuncia o estado da arte das produções científicas brasileiras acerca do campo de investigação supracitado, tendo a Comunicação como *locus* das mediações.

3.1.1 Representações

Acerca da representação da história e cultura indígena em materiais didáticos para alunos do Ensino Fundamental, Silva (2019), em sua dissertação intitulada *O Ensino da Arte no Ensino Fundamental a partir da Lei 11.646/08 e das Narrativas Indígenas*, propõe que livros didáticos de autoria dos próprios indígenas sejam utilizados em comparação às obras canônicas, visando o rompimento com as representações estereotipadas dos povos indígenas nas obras constantemente utilizadas, ou seja, é proposto materiais didáticos de autoria indígena, o que se apresenta como uma característica e uma Pedagogia Decolonial, lançando mão para a história e memória dos próprios sujeitos que são os pontos das narrativas. Silva (2019) realiza um percurso histórico acerca do ensino de arte e cultura indígena no currículo brasileiro, incluindo elementos dos povos originários e da cultura afro-brasileira como constituintes da identidade do Brasil.

Para ela, a arte se faz valer no espaço de ensino como ferramenta de desconstrução de estereótipos eurocêntricos que conjectura a promoção de uma educação pluriétnica e diversa. A pesquisa versa analisar como são apropriadas as obras de autores indígenas que realizam um trabalho que pode ser entendido como Decolonial e ao mesmo tempo contra hegemônico, haja vista as novas formas de representações e as possibilidades de desmitificações de valores naturalmente convencionados.

Faz-se importante ressaltar que o próprio interesse da autora em verificar com o ensino da arte e da cultura indígena tem sido pautado no ambiente educacional, a proposta já se encaixa num objeto de estudo Decolonial, pois valoriza aspectos nacionais (cultura e história dos povos originários/nacionais) e que a própria legitimação dada ao trabalho a partir da mobilização de Leis demarcam um território de obrigatoriedade da valorização e ensino de povos que se

enquadram no que foi apresentado na primeira parte dessa investigação como subalternos e invisíveis.

A pesquisa conclui que o acesso restrito aos livros pedagógicos que são formulados para o ensino de história, arte e cultura preconizam um debate intercultural e limita os professores a terem contato com materiais diversificados. Para uma perspectiva Decolonial, Silva (2019) sugere uma atualização não apenas dos próprios materiais didáticos como também do imaginário social sobre os povos indígenas que são sempre idealizados como sujeitos não urbanos e com visões limitadas sobre o papel e o lugar da etnia na contemporaneidade, bem como em que medida a temporalidade social fornece caminhos para uma educação contemporânea crítica do contexto educacional, na qual os próprios sujeitos indígenas possam falar por eles mesmos.

Nesse contexto, encontra-se, novamente, apontamentos da perspectiva Decolonial ao mostrar que os indígenas, a partir de obras autorais e narrativas da memória, devem ser considerados no ambiente educacional e que se libertar das amarras da colonização é valorizar essas narrativas e visibilidade do oprimido e que até então teria sido laboratório de investigação e tratamento do oprimido/colonizador, emergindo novos discursos e novos protagonismos.

Apesar de a autora não tratar especificamente dos Estudos Culturais em proximidade com a perspectiva Decolonial, nota-se uma convergência a partir da escolha da literatura, representações e currículo – objetos de estudo constantemente abarcados pelos EC –, e sobretudo como uma estratégia que pode ser pensada para a própria Decolonização dos EC, quando pensado, por exemplo, sobre quais autores indígenas latino-americanos desenvolvem pesquisa acerca dos objetos de investigação dos Estudos Culturais. Esse ponto de proximidade lança mão para pesquisas futuras acerca dos Estudos Culturais em Comunicação que o objetivo seja não mais verificar representações indígenas na literatura, mas o lugar desse grupo étnico-racial na consolidação e contribuição de pesquisas em Estudos Culturais e em Comunicação como um todo.

Surgem, nesse ínterim, perguntas sofisticadas que são inquietudes a serem sanadas, quais sejam: I) Quais são os autores indígenas que desenvolvem investigações no campo dos Estudos Culturais?; II) Sobre quais objetos de estudo pautam? As pesquisas são centradas no próprio grupo étnico ou também estão desenvolvendo pesquisas não conhecidas e que chocam aqueles que esperam que falem apenas sobre representação indígena acerca de novelas, cinemas, feminismos? Qual o papel dos produtos culturais contemporâneos na desmistificação da etnia indígena e em que medida esses sujeitos são consultados para dar vida às obras, sejam

elas literárias, cinematográficas, audiovisuais, pesquisa científicas? Esses são problemas de pesquisa que a dissertação de Silva (2019) acaba por ecoar a partir do seu trabalho sistêmico e que permite, a partir do critério rígido de leitura possibilitado pela Revisão de Literatura Integrativa, apresenta ao leitor.

São frequentes os estudos que se debruçam sobre as representações de personagens. Matos (2018), analisa a representação da personagem Antoinelle – personagem da literatura inglesa em *Wide Sargasso Sea* –, e as alterações na obra para a tradução brasileira acerca da representação da personagem. A autora tem como aporte teórico Estudos Feministas, Estudos de Crítica Literária, Estudos Pós-coloniais e Estudos Decoloniais. A dissertação conclui que as alterações feitas na tradução, em detrimento da obra original, interferem na forma como a personagem é representada, construindo o que para Matos (2018) pode ser visto como uma imagem de uma figura de atenuado potencial feminista pós-colonial, o que certamente não é proposto na versão original, reverberando no viés político por parte da tradução.

Os Estudos Culturais se inserem no trabalho como proposta que serve como subsídio para compreender a tradução e a linguística como aspectos culturais. Contudo, não foi possível perceber como a autora propõe articular a cultura linguística com a proposta Decolonial, ou seja, a discussão é superficial e acaba por reduzir os Estudos Culturais a estudos sobre dimensões cultural e não como um campo de investigação que trata de objetos culturais com supassumos que alternam e envolvem conceitos políticos, econômicos, crítica à modernidade e ao positivismo etc.

Da mesma forma, é possível encontrar estudos sobre a representação, que envolvem narrativas e nacionalidade, do território brasileira na literatura internacional. Silva e Albuquerque (2019), tecem crítica sobre as obras de Paul Walle, geógrafo francês que explorou o Brasil em algumas de suas viagens e a partir de suas experiências formulou livros que relatassem o contexto brasileiro sob uma ótica eurocêntrica. Além disso, as críticas são feitas com base em ilustrações e títulos divergentes. O autor centra suas análises sob a perspectiva econômica, industrial e comercial, não estabelecendo suas opiniões diante dos expostos.

Diferentemente de outros autores viajantes que analisam o Brasil a partir da égide de um território retrógrado ou inferior, Walle, segundo Silva e Albuquerque (2019), irá incentivar a colonização do norte do Brasil pelos europeus que, *a priori*, teriam concluído que aquele território não era propício para investimentos.

Walle associava algumas doenças dos habitantes da Amazônia como oriunda de uma “degenerescência moral e comportamentos dos habitantes locais” (SILVA; ALBUQUERQUE,

p. 49, 2019), bem como Walle associa o atraso do norte do Brasil à presença negra. A conclusão é que Walle era um especialista que identificava pontos a serem explorados.

Ainda se tratando de estudo sobre representações na literatura, Costa e Ribeiro (2018) realizaram, no artigo *A representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos*, um estudo acerca da representação da surdez na literatura, constatando que a literatura produzida por pessoas surdas ou por pessoas que convivem com surdos tem uma grande constituição da representação dos modos de vida desses sujeitos. Contudo, de acordo com as autoras, a literatura surda não possui grandes quantidades de produções no idioma português de modo escrito, ou seja, essas produções são desenvolvidas majoritariamente na língua de sinais, mediada, sobretudo, pelas tecnologias. As obras literárias escritas são raras.

Com a ascensão e fortalecimento dos oralistas a partir dos anos 1880, as produções literárias que timidamente emergiam para os surdos, a partir das comunidades surdas, essas produções são enfraquecidas (COSTA; RIBEIRO, 2018). Isso significa um silenciamento dessas produções e dominação da literatura convencional e hegemônica.

Se a surdez era vista como deficiência na qual o problema só poderia ser resolvido se fosse trabalhada a oralidade com essa comunidade, como se os surdos fossem responsáveis por sua própria condição, a partir da década de 1960 os educadores passam a reconhecer a surdez como uma questão que devesse ganhar mais atenção. De acordo com as pesquisadoras, as políticas afirmativas dos últimos anos vêm trabalhando com a comunidade surda sobre a dimensão da diferença e não da deficiência porque engloba não só o sujeito surdo, mas os familiares e pessoas que convivem com essas pessoas, isto é, é uma condição sociocultural e não essencialista e individual que denota anormalidade.

Para a ciência histórica, sob a perspectiva do historicismo, os surdos eram representados na literatura como sujeitos que necessitava de reabilitação, na dimensão terapêutica, na qual a língua de sinais era prejudicial a esses sujeitos. Enquanto na história crítica eles eram representados como “coitados” e dependentes. Já na história cultural, eles são vistos como sujeitos dotados de experiências que moldam suas identidades.

As autoras apresentam duas obras, em que uma das obras é escrita por uma pessoa que teve contato com a oralidade portuguesa e conta suas experiências a partir de novas singularidades reveladas em comparação com a oralidade (a autora que foi perdendo a audição e optou pelo uso do aparelho auditivo), e a outra diz-se de um autor que conta as experiências

a partir de sua filha que nasceu surda e desnuda questões de medo, preconceito, qualidade de vida, solidão e diversos dilemas enfrentados por familiares.

Unindo representação e consumo, Faria e Casotti (2015) analisam representações de deficiência, bem como atores que são deficientes em telenovelas brasileiras. Em *Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiências nas telenovelas brasileiras* os autores compreendem as telenovelas como instrumentos de pesquisa cultural porque elas inserem vivências e experiências reais como forma de denúncias sociais, além de ter o curso da trama modificado de acordo com a influência dos telespectadores e dos acontecimentos.

Os textos culturais são ferramentas que possibilitam identificar como se dá o consumo e a cultura dos sujeitos. Contudo, existem uma escassez evidente sobre o desdobramento desse consumo pelas pessoas com deficiências, embora seja recorrente a presença de personagens deficientes na dramaturgia (FARIA; CASOTTI, 2015). Nesse sentido, as cenas analisadas revelam que existem poucos livros em braile (a personagem que ganhou um livro de presente, evidenciando ser uma coisa rara). Revelam ainda que as pessoas acham que as pessoas com Síndrome de Down podem ter gostos diferentes das crianças vistas como “normais” da mesma idade, bem como é difícil apresentar pessoas deficientes e a pessoa com deficiência ser presenteada.

Identificam que os personagens recebem presentes diferentes quando a deficiência é algo que acontece por motivos externos – cita o exemplo da personagem Luciana (personagem da atriz Aline Moraes), na telenovela *Viver a Vida* (2009), após sofrer um acidente e ficar tetraplégica –, ou seja, há uma mudança no comportamento e no imaginário sobre o que é presente para deficientes e que isso impossibilitaria eles de ter as mesmas experiências de antes.

Personagens sendo representados como dependentes como consumidoras, isto é, a escolha sobre o que comer e comprar partem dos familiares que nem sequer perguntam o que gostariam de comer. É como se as pessoas precisassem aceitar tudo e não fossem sujeitos ativos por terem alguma ligação com a dependência de terceiros. Isso evidencia também uma exclusão dos deficientes do mercado de trabalho que fortalece o imaginário de dependência. Mas para além disso e que as autoras não evidenciaram é que a representação desses sujeitos no mercado de trabalho auxiliaria na produção de bens e serviços para outras pessoas com deficiência.

Em *Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física*, acerca da representação de professores, sobre o viés do currículo cultural, Neira (2010) apresenta considerações essenciais ao apontar que a formação do professor não

deve ser vista a partir de uma cosmovisão essencialista, uma vez que para os Estudos Culturais é oriunda de experiências dialéticas que são constituídas a partir da socialização dos sujeitos. A pesquisa aponta que havia, grosso modo, por parte dos professores integrantes ao projeto, uma preocupação não só com a forma como as experiências escolares lidam com a cultura como a amalgama que é o suprassumo das construções dos sentidos e de sujeitos como também “ao reconhecimento do repertório acessado pelos estudantes nas experiências extraescolares” (p. 785).

Importante considerar, como ressalta a pesquisadora, que assim como a formação do professor é proveniente de trocas e construções socioculturais, o currículo também é um dispositivo que vai estabelecer o estatuto de controle, daquilo que aprendem e ensinam, haja vista a compreensão do sujeito e suas escolhas que essa ferramenta pode dizer, ou seja, diz da posição-sujeito.

As diversas formas de comunicação estão associadas às diversas identidades – entende-se por diversidades. Contudo, cancelada nas considerações de Hall (*apud* Neira, 2010), Neira chama atenção para a liquidez da identidade ao salientar que os sujeitos são mutáveis e transitórios. Ressalta ainda que a política da diferença se circunscreve na “inter-relação entre representação, identidade e poder”. Em outras palavras, é nas entrelinhas da sobrepujança entre hegemonia e identidades não-dominantes que essa estreita relação se dá, haja vista os embates dicotômicos das diferenças entre os *clusters* comuns e incomuns, semelhantes e opostos.

Um currículo comprometido com a visão cultural para a autora, em estudo anterior desenvolvido pela mesma autora, sinaliza a ruptura com a “reprodução consciente ou inconsciente da ideologia dominante, presente, por exemplo, nas propostas que deixam de questionar os inúmeros marcadores sociais que caracterizam as manifestações corporais” (NEIRA, p. 787, 2010).

Sendo o currículo uma esfera normativa e de formação daquilo que a sociedade espera que seja um cidadão, emerge, daí, a necessidade de ruptura com esse poder e saber que Neira vislumbra as experiências extracurriculares a partir da mobilização de outros repertórios, narrativas e a relação inerente da cultura com o poder. É nessa medida que o texto se aproxima da perspectiva Decolonial, quando a autora tem uma visão crítica e de subversão do “mundo comum”.

Quanto a representação da ciência na cultura popular pode-se dizer que este não é um fenômeno comumente visto pois, embora a popularização da ciência tenha se dado no século

XIX, essa mesma popularização ainda se deu num espaço majoritariamente tramitado pela elite socioeconômica. Contudo, ainda que a ciência não ocupe um espaço central na cultura popular, há algumas referências sobre as descobertas das ciências ou dos atores cientistas em literaturas, músicas e poesias (ALMEIDA *et al.*, 2016), como aponta o estudo intitulado *Representações da ciência e da tecnologia na literatura de cordel*.

Ao compreender o cordel como afirmação cultural – embora os usos das tecnologias tenham limitado seu papel primário –, o estudo realizado por Almeida *et al* (2016), demarca o papel da literatura de cordel na alfabetização dos nordestinos e ao longo do século XX se constituiu como ferramenta não só de entretenimento como também de divulgação noticiosa, além de abordam diversos temas que vão desde tramas amorosos às sátiras políticas.

A representação da ciência e da tecnologia na literatura de cordel, é posta a partir da dicotomia entre o cientista herói e da ação humana (o homem como vilão). Apresenta pontos de tensões na relação entre a ciência (crescimento industrial) e meio ambiente (poluição de máquinas etc.). Os sujeitos são apresentados, dentro das temáticas referentes ao meio ambiente e tecnologia, como “ignorante”, “ganancioso”, “destruidores”, “nocivos” e outros adjetivos pejorativos. Deus como figura suprema que criou a natureza e o homem são fortemente representadas nessas poesias.

Como ferramenta educacional, o estudo revela que os cordéis têm sido utilizados em sala de aula, incluindo nos cursos superiores. As autoras identificam cordéis sobre a Aids e consideram que mesmo que alguns especialistas apontem o uso errôneo de alguns termos, na tentativa de utilizar de uma linguagem mais acessível, tantos os profissionais quanto os autores desse artigo consideram a produção como grande competência de informação sobre a doença, sobre o qual os leitores consomem um conteúdo mais lúdico e prazeroso na prevenção e controle. Ao mesmo tempo, sinalizam outros autores que realizaram análise de conteúdo de cordéis que apontam erros graves nessas produções e chamam atenção para o uso responsável da disseminação de informações que circulam nesse tipo de produção. Destarte, o estudo sinaliza forte canonização dos cientistas, com necessidade de reforçar um status científico por parte dos poetas.

Assim como na literatura e em telenovelas, nota-se uma preocupação de os Estudos Culturais em se circunscreverem em reverberações de fenômenos que emergem no campo do jornalismo e da publicidade. Compreendendo a publicidade como uma produção cultural associada à comunicação (MALTA *et al.*, 2021), é indispensável tratar a indissociabilidade das representações de padrões de beleza na construção de identidades e incentivo ao consumo, bem

como quais as visibilidades dos padrões não-hegemônicos no espaço midiático. No ensejo de encontrar entrelaçamentos plurais acerca da representação das mulheres em propagandas de publicidades de empresas de cosméticos, Malta *et al* (2021) realizam uma pesquisa comparada da *Avon Products* e da *Natura Cosméticos*.

Os resultados da pesquisa, a partir das categorias escolhidas pelas autoras, demonstram que as campanhas publicitárias nos catálogos, no que diz respeito à representação e à publicidade inclusiva, não tem sido eficaz e inclusivo. A pesquisa revelou que 95% dos corpos representados nos catálogos são magros na *Natura* e 89% nas campanhas produzidas pela *Avon Brasil*, o que denota uma dimensão que fomenta a ideia de que o padrão de beleza ou o corpo belo é o magro e, indiretamente, coloca os corpos gordos no patamar do não-belo. Quando à idade, as campanhas corroboram um imaginário social que imbrica a beleza à juventude, sendo que nas campanhas das duas empresas visibiliza mulheres na faixa entre os 20 e 30 anos de idade.

Com relação ao grupo étnico-racial, concluíram que mulheres de pele clara são representadas com mais frequência do que as mulheres de pele escura e com cabelos lisos ou ondulados, o que enuncia e retroalimenta a noção dos sujeitos brancos como padrão de beleza ideal. Nota-se, nesse sentido, que as performances do belo estão diretamente associadas aos corpos magros, de pele clara e de cabelos lisos ou ondulados, fortalecendo estereótipos sobre os corpos que não se enquadram nessas variáveis como não-belo, universalizando a ideia de beleza.

Apesar de não citar os Estudos Culturais ou Estudos Decoloniais, o texto apresenta convergências com pautas investigadas pelos estudos culturais, bem como foi estruturado de uma forma Decolonial, uma vez que o próprio objetivo e as conclusões proporcionadas pela investigação fornecem subsídios para a compreensão de uma sociedade moderna pautada na lógica eurocêntrica sobre os padrões de beleza nas campanhas de publicidade. Ao questionar o lugar das mulheres gordas e negras nas campanhas da *Avon* e da *Natura*, as autoras já se aproximam da perspectiva Decolonial sobre a colonialidade do ser, entendidas aqui como promoção ou indução de padrões de beleza universais.

Em *Educação Ambiental e Estudos Culturais: entre rasuras e novos radicalismos*, Sampaio (2019) destaca a imbricação entre teoria e política ressaltada por Stuart Hall com relação aos Estudos Culturais, bem como a aplicação dessa amalgama na intervenção nas situações cotidianas. Além disso, salienta sobre o conhecimento simbólico que não é oriundo apenas das academias, na qual “a academia não é mais vista como o único local fidedigno de

produção do saber” (SAMPAIO, p. 2, 2019). Contudo, ao falar sobre a pesquisa em Educação Ambiental, o autor diz que ela se “estrutura a partir de uma relação peculiar e tensa entre teoria e prática”, em função desse campo de estudo não possuir “uma prescrição de modos corretos de pensar e agir”, o que acaba estabelecendo uma dicotomia entre teoria e prática.

Embora a autora subverta a própria lógica dos EC como um campo de investigação que intervém no mundo, parece haver uma supervalorização dos Estudos Ambientais quanto a sua exequibilidade na dimensão prática, como se os Estudos Culturais não apresentassem métodos concretos. Compreende-se o cuidado do autor em tratar desses dois campos de investigação, mas faz-se necessário chamar atenção para uma ponderação redobrada para que o leitor não destitua os EC como um campo de proposição prática.

A autora realiza uma crítica sobre as naturalizações que existem sobre “verdades ambientais que se naturalizam e se disseminam tanto nos discursos acadêmicos quanto nas ações educativas” (SAMPAIO, p. 2, 2019). Isso reflete numa crítica que permeia o espaço acadêmico como legitimação de um saber inquestionável e que também está ligado ao projeto de sociedade moderna e especificamente da colonização, que torna o saber científico como premissa irrefutável em função dos títulos acadêmicos dos atores que permeiam essa constituição do saber e, conseqüentemente, fomenta relações de poder entre aqueles que possuem e aqueles que não possuem esse saber.

Sampaio (2019, p. 4), aponta que a aplicação dos Estudos Culturais nos Estudos Ambientais trouxe contribuições inéditas no campo, com o que ela considera um “viés pós-crítico”, a partir da mobilização das correntes de pensamento oriundas do pós-estruturalismo, pós-construtivismo e pós-colonialismo. A teoria pós-crítica tem um papel relevante no abandono da universalização, sobre a qual não há uma prescrição ou uma vigilância sobre o ser, fazer e agir. Assim sendo, e alinhado ao Estudos Culturais, para Sampaio os Estudos Ambientais traçarão novas produções de sentidos, novas emergências no campo e subversão de naturalizações.

Os Estudos Culturais oferecem aos Estudos Ambientais subsídios para compreender a relação entre natureza e cultura e como se dá e por quais dispositivos e estratégias a naturalização sobre as relações socioculturais, sócio-históricas e socioambientais imbricadas uma a outra a partir de algumas estratégias de poder e do discurso salvacionista fomentado por diversos atores representados em posições demarcados por Sampaio como mídia, ambientalistas cientistas, consumo verde etc.

Wortmann, Costa e Silveira (2015) ressaltam a produtividade do conceito de representação em muitas pesquisas dos Estudos Culturais em Educação, o qual é acionado para mostrar que os artefatos (especialmente da mídia) criam padrões, modelos que educam e produzem sujeitos segundo seus preceitos. Desse modo, muitos estudos buscaram discutir as representações de natureza ou meio ambiente que circulam na cultura e como nós somos ensinados a estabelecer uma relação com essa natureza que é construída de múltiplas formas nessa época em que vivemos, mas também como algumas formas como a natureza foi construída culturalmente em tempos remotos ainda ressoam na atualidade (SAMPAIO, p. 6, 2019).

O debate pós-estruturalista dos Estudos Culturais oferece, portanto, meios para uma Educação Ambiental que ultrapasse os limites de uma crítica ineficaz e estrutura no campo modos de intervenções políticas que possam operacionalizar as mudanças necessárias. A utopia que permeia esse debate, em outras palavras, seria uma atuação no tempo presente de práticas e propostas intervencionistas que não sejam localizadas como pretensão do futuro como fim do mundo próximo.

Realizando um levantamento sobre a literatura, Sampaio observou como os discursos são tornados capazes e quais estratégias são utilizadas para que veiculem sobre uma dimensão quase que “educativa” sobre os cuidados com o meio ambiente e as estratégias de legitimidade buscadas para essa reverberação de ideias.

O trabalho de Silva (2016) analisa peças publicitárias provindas de campanhas de conscientização sobre o uso da água. A pesquisadora desenvolveu seu trabalho com os vídeos produzidos e veiculados por ocasião da crise hídrica (no final de 2014 e início de 2015). Por meio de uma análise minuciosa dos elementos presentes nestes materiais audiovisuais (vídeos de poucos minutos de duração), a autora mostra uma série de aspectos interessantes que passariam despercebidos por um olhar menos atento. Alguns aspectos problematizados por Silva (2016) foram: a opção por apresentadores homens de meia-idade (essa escolha transmitiria maior credibilidade sobre a necessidade de se economizar água num momento de escassez?); a estratégia de se apontar ações corretas e ações incorretas, em um tom narrativo que se aproxima de uma lição de moral que está sendo dada para o espectador; a busca por desenvolver a autoconsciência nas pessoas, atribuindo a elas a responsabilidade individual pela solução da crise hídrica; e até mesmo a tentativa de monetarizar a economia de água, associando a mudança de atitude menos a uma motivação ambiental e mais ao benefício de poupar dinheiro (Silva, 2016). O trabalho de Pereira (2016) enfoca blogs e sites que tratam do tema consumo consciente, buscando analisar de que maneira os discursos ambientais atravessam esses artefatos culturais. A autora selecionou blogs

e sites direcionados ao público jovem, sendo que alguns são relativamente populares, como o blog Um ano sem lixo e o site Mode.Fica . Ela constatou algumas estratégias utilizadas nestes espaços virtuais, como tratar de temas ambientais estabelecendo uma relação forte com o cotidiano da blogueira, de forma que ela seja vista como um exemplo a ser seguido; dar dicas, receitas e tutoriais, ensinando o internauta a ser um consumidor mais consciente por meio de ações concretas em seus hábitos rotineiros; lidar com a redução do consumo como uma atitude que está na moda, valendo-se de termos/conceitos que circulam bastante na internet e interpelam os jovens, como lowsumerism, minimalismo, upcycling; utilizar linguagem e design muito similares aos de blogs de moda, buscando capturar seu público leitor (especialmente jovens mulheres); divulgar marcas de produtos que se adequem aos requisitos ambientais estabelecidos nestes espaços virtuais (por exemplo, escovas de dentes biodegradáveis, copos reutilizáveis, canudos laváveis etc.) (SAMPAIO, p. 7, 2019).

Dentre as inquietações de Sampaio, estão questões que são tanto de ordem dos produtores desses discursos e os meios pelos quais eles circulam, quanto de uma dimensão coletivamente subjetiva sobre a recepção deles pelos atores espectadores. Em outras palavras, a autora se preocupa sobre em que medida os discursos e as representações auxiliam os sujeitos a pensarem e agirem com criticidade, sem que haja uma naturalização dessas representações e dos discursos subjetivos. Nesse ínterim, a autora considera inédita o uso do Estudos Culturais para se pensar nos Estudos Ambientais e a circulação de enunciados como um movimento que ela chama de “rasura”, desnudando práticas cristalizadas e ampliando o questionamento crítico sobre o campo dos Estudos Ambientais.

Em uma reflexão sofisticada sobre o *modus operandi* do conhecimento e da produção científica, Sampaio apresenta os reflexos da atualização dessa construção do saber, no que diz respeito aos Estudos Ambientais, no qual autores das Ciências Naturais pautavam sobre medidas ecológicas. Para ela, autores das Ciências Humanas ganharão espaço na problematização sobre as condições ambientais.

É exatamente nessa ruptura com atores canônicos que supostamente teriam maior legitimidade para tratar sobre tais pautas, que segundo a autora apresentariam teorizações frágeis, que há de se considerar que os Estudos Culturais e campos de investigações provenientes das Ciências Humanas – e idem para acréscimo das Sociais Aplicadas – que reside o que pode ser considerada uma estratégia também de decolonização do saber e do poder a partir da tensão estabelecida sobre as novas produções de conhecimento, não a partir de um jogo de quem diz sobre o quê ou disputas de se tornar legítimos, mas o que pode ser considerado uma crítica endógena da própria academia sobre o repertório da trans e interdisciplinaridade

dos campos de saberes e o compromisso modesto da mudança que priorize as relações imbricadas e amalgamada da esfera ambiental, política, social, cultural, econômica e ética.

Outro apontamento crítico feito pela autora diz respeito à dimensão capitalista, que tende a explorar os recursos ambientais visando o desenvolvimento econômico. Sampaio oferece subsídios para a crítica novamente do colonialismo interno, proposta por Assis, (2014), apresentado na primeira sessão dessa pesquisa, embora não diga explicitamente sobre essa perspectiva, quando diz, chancelada na concepção de outros autores, de guerras genocidas em países da África, do assassinato de ambientalistas na Amazônia e da mineração como provedora do desmatamento.

De acordo com Assis, o colonialismo interno é reflexo do desenvolvimento econômico em que os recursos naturais são expropriados de um território para o atendimento das necessidades de outros países. Ao conferir uma dicotomia que é estabelecida entre a política e ambiente, Sampaio diz da concepção inimaginável das relações capitalistas, que de alguma forma converge com os apontamentos de Assis, uma vez que o jogo de poder estabelecido entre a esfera política-econômica-capitalista e a disputa pela manutenção desse desenvolvimento econômico está atrelado, muitas das vezes, nas relações comerciais, que em sua maioria é configura pela ótica extrativista para firmar e sustentar a mercantilização internacional inconsciente e irresponsável.

3.1.2 Gênero e Sexualidade

Um estudo realizado para promover um levantamento sobre os termos ocidentais utilizados para categorizar as formas de homossexualidade indígena (FERNANDES, 2015), tece crítica à representação da homossexualidade indígena na literatura e os estigmas referenciados a esses sujeitos ao promover uma naturalização e divisão sexual do trabalho e estabelecer o lugar do indígena homossexual como pertencente às atividades convencionadas como pertencentes ao sexo feminino. Além disso, faz uma crítica sobre quem produz esses escritos científicos, evidenciando necessidade de autores indígenas que possam representar suas próprias experiências.

Contudo, o autor faz essa crítica à lacuna da literatura brasileira comparada à literatura e os estudos norte-americano, o que demonstra que o modelo canônico ou ideal a ser seguido é o de modo de produção científica norte-americano, não problematizando as diferenças culturais e os efeitos sobre a colonialidade do saber imbricada a essa comparação. A crítica posta aqui

não desconsidera as lacunas apresentadas na literatura brasileira que ultrapassem o *modus* de espetacularização do ativismo indígena homossexual. Se deve, portanto, à subversão de uma crítica colonialista que o próprio autor se propõe a realizar no artigo.

Fernandes (2015) se propõe a analisar o movimento ativista indígena não apenas como uma demanda na qual esse ativismo versará demarcar uma dimensão de gênero e corpo, mas como um movimento político que produz embate com a forma como que são os sujeitos da ação mantém relação com o Estado e com a sociedade, ou seja, diz aqui de uma subalternidade do que podemos considerar como duplo ser: ser indígena e ser indígena homossexual.

Embora o estudo seja fantástico, apresentando pontos cruciais sobre gênero, etnia, identidade, representações e sexualidade, por outro lado, apresenta pontos de tessitura tênues e de extrema delicadeza, inclusive sob a comparação do Brasil e América do Norte (Canadá e EUA). Ainda que não cite em nenhum momento os Estudos Culturais, o estudo foi selecionado porque dentre os objetos de investigação dos Estudos Culturais, convergentes aos Estudos Decoloniais, está a análise sobre a literatura – sobre a qual também critica as formas de representação indígena na literatura.

Estudos de gênero e sexualidade encontram construtos nas redes sociais, haja vista as possibilidades que esses espaços promovem de articulações coletivas de grupos subalternizados para reivindicarem novas visibilidades e denúncias oriundas de movimentos como o feminismo a partir da raça e gênero como demarcadores que contestam e subvertem as narrativas dominantes (SILVA, 2020). Esse ciberativismo possibilita que espaços criados por pessoas numa posição-sujeito legítima, fomentem debates interseccionais que envolvam objetos dos Estudos Culturais e questionem os marcadores de gênero como denominador estritamente ligado à classe, raça, sexo, afetividade etc.

Performances de gênero e raça no ativismo digital de Géledes: interseccionalidade, posicionamentos e interacionais e reflexividade, é um estudo realizado por Silva (2015) no qual o autor faz a união dos Estudos Culturais com os Estudos Decoloniais de forma consistente e harmônica. O autor, com o nome identificado como sendo um sujeito do gênero convencionalizado como masculino, mobiliza uma literatura de base que é majoritariamente feminina, o que denota sua preocupação com as posições-sujeitos, as legitimidades e credibilidades e os seus limites enquanto cientista, homem, falando sobre performances de gênero na página do Facebook do Instituto da Mulher Negra – Gedelés, ou seja, o autor está na posição de analista.

Todavia, acredita-se que se fosse uma mulher escrevendo, as possibilidades de o texto estar escrito com o mesmo rigor crítico seria considerável, uma vez que por mais que um

homem ou uma mulher estivessem, nesse caso, desenvolvendo papéis de analistas e produtores de ciência, as escolhas e ênfases não se dariam de modo inconsciente ou minimamente semelhantes, haja vista a necessidade de se considerar que antes de cientista os sujeitos são seres com vivência e são entidades racionais. Posto isto, chama-se atenção para a necessidade da decolonização dos sujeitos antes que esses performem seu papel de cientista, mostrando que é possível se desprender das amarras patriarcais e coloniais e subverter a ciência positivista.

Para Nunes (2017) o objetivo dos Estudos Culturais britânicos era apresentar novas identidades, que não as hegemônicas, e propor uma transformação política e social no campo da dominação e resistência e como esses grupos hegemônicos promoviam uma cultura racista, sexista, homofóbica e de ordem de outras intersecções.

Nesse sentido, em sua tese de doutorado intitulada *God Save The Queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook* compreende-se, então, que para o autor os Estudos Culturais surgem como um projeto político que propunha inquietações nas consolidações convencionalmente dianteiras. A cultura digital foi incorporada e benéfica para que a mobilização social dos grupos subalternos pudesse se fazer política. Ao mesmo tempo, Nunes (2017), pontua as formas como os grupos se organizam em torno da bolha e como, por outro lado, a cultura política reacionária hostiliza o ativismo.

A autora sabe e demarca o seu lugar (mulher, cisgênero, branca) para dar seguimento ao objeto de estudo. Essa demarcação da posição-sujeito é uma dinâmica escassa na produção científica, pois é de extrema importância que o sujeito se identifique e possa ser feitas considerações acuradas e críticas acerca de seus objetos de estudo, bem como quais as limitações discursivas, sociais e sociopolíticas envolvem esses sujeitos. A autora faz uma autocrítica e analisa o seu espaço de privilégio até mesmo para que pudesse construir a presente tese, ou seja, indiretamente questiona quem são os sujeitos produtores de ciência e que detêm títulos acadêmicos e quem pauta sobre a vida delas.

Ademais, Nunes realiza um resgate no campo de Estudos de Gênero e Sexualidade, perspectivas que convergem e têm sua gênese nos Estudos Culturais. A partir do século XX, com os Estudos de Gênero e Sexualidade, e o abandono da cientifização (rejeição ao determinismo biológico) e suprassumos hegemônicos, conhecimentos científicos começam a ser produzidos inserindo mulheres, gays, lésbicas e transgêneros.

Desse modo, fornece crítica o essencialismo, o universalismo, a mulher como a agente que seria pauta de histórias românticas pelos europeus etc. Os novos estudos vêm como uma crítica contra-hegemônica, dando eco aos subalternos até então não pautados pelos estudos

científicos. Esse é um debate que, para Nunes (2017), envolverá política, ideologia, categorias de identidade, nacionalidade etc. Além disso, chama atenção de que os estudos *queer* foram incorporados no Brasil a partir dos anos 20, mas que no campo da Comunicação Social “análises promovidas sob esse viés ainda são incipientes” (NUNES, p. 35, 2017), sendo mais constantes no campo da Educação, Cinema, Linguística, Estudos Pós-Coloniais, Estudos Feministas e Psicologia.

Uma Estudos Culturais e perspectiva decolonial de forma bem apropriada, realizando articulações entre gênero, etnia, corpo, representação, redes sociais e política, bem como esses aspectos dentro dos Estudos Culturais surgem como proposição de “subversão da ordem” e a ascensão dos sujeitos subalternizados e dominados pela lógica colonialista (do poder, do ser e do saber). Faz uma crítica de como os Estudos Culturais são apropriados, apenas pelo viés do surgimento, não considerando o contexto, o jogo político e econômico envolvido no contexto à época e quais suas implicações na contemporaneidade.

Assim como os apontamento de Nunes acerca da discussão sobre a subversão da cientificação nos Estudos de Gênero e Sexualidade no século XX, Raimondi *et al* (2019), em *O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”*: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa, tensiona a quebra a dicotomia entre natureza *versus* cultura a partir de suas próprias experiências e de sua formação em medicina – experiências essas traumatizantes sobre qual o lugar do médico ele devia corresponder. Enquanto sujeito gay e médico, Raimondi como o primeiro autor do artigo, diz de um lugar do sujeito silenciado e oprimido e levanta críticas sobre a produção de conhecimento a partir de experiências opressoras, refletindo pontos de tensões em suas vivências que sempre foram vistas como não condizentes.

Essa opressão e crítica à produção de conhecimento está ligada ao fato de todas as pesquisas científicas que tenham o ser humano como participante ativo que corrobora as tramas hipotéticas e conclusivas acerca de determinado fenômeno, é necessário que tenha a aprovação do Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), a partir do envio da proposta pela Plataforma Brasil. Embora o desejo de Raimondi fosse produzir ciência a partir de suas próprias experiências enquanto médico homoafetivo a reprovação da proposta despertou no pesquisador uma condição de não existência perante o outro que precisa legitimar/autorizar que suas vivências sejam narradas.

O estudo traz então uma crítica dos limites da produção científica. A pesquisa fere os modelos cartesianos e relembra que essa construção sobre ciência é oriunda de uma concepção universalista e neutra ocidental. Não se pode perder de vista, portanto, em como esse

posicionamento reacionário da ciência que se opõe a considerar as experiências dos próprios autores vai corroborar com os discursos médicos que ainda tratam da homossexualidade sob a égide biológica e natural do sexo e gênero e à patologização dos sujeitos LGBTQIAPKN+.

Além disso, suscita os seguintes questionamentos: Quais traumas são reconstruídos a partir da negação do corpo pela sua subjetividade? Como a reprovação de uma proposta de tese de doutorado de um médico gay que subverte todos os discursos convencionados a partir da lógica biológica impacta na dimensão sociocultural? Quais amalgamas estão envoltas na definição do poder e do ser a partir do relato de experiências vivenciadas com os sujeitos que, abre aspas, “fogem ao comportamento e que não correspondem as expectativas sociais”?

Raimondi *et al* (2019) revelam como os Estudos Culturais estão presentes no campo de saúde e como a proposição desse campo de investigação contribui para a ruptura da ciência sobre a dimensão de testes laboratoriais e como sua aplicabilidade corrobora a quebra de estigmas anteriormente postos no campo da saúde. Aproxima-se da perspectiva decolonial na medida em que critica a configuração da produção científica brasileira sobre uma perspectiva colonial de poder e saber sobre o que se valida como produção científica.

3.1.3 Identidades e Etnia

Em *Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk* Silva Júnior (2019) analisa a construção da identidade negra, por meios de blogs de funk, que fornecem subsídios para a construção de uma identidade que subverte as representações dos blogs convencionais, isto é, verifica como as narrativas reverberadas nesses espaços constituem uma re(construção) da identidade negra, que corrobora discussões acerca do racismo e do genocídio [da população negra], sendo que o funk, enquanto categoria musical, tem um papel fundamental no denunciamento às violências.

Os espaços de mídia digital, para o autor, é onde se dá a democratização de novos discursos que emergem a partir de práticas culturais, em que por um lado tem-se a enunciação de discursos hegemônicos e, em contrapartida, com a possibilidade de acesso e as novas possibilidades de informação, ecoam narrativas contra hegemônicas.

A aproximação entre Estudos Culturais e Estudos Decoloniais se apresenta nas estratégias de consumo de um produto cultural recortado por SILVA JÚNIOR (2019) e a emergência de narrativas/discursos que são enunciados em forma de denúncia por agentes que veem no funk formas de reconstruir a produção cultural sob a égide política e social. Ao trazer

Adorno e Horkheimer como aportes teóricos para os Estudos Culturais, a tese apresenta laços estreitados com a forma como esses produtos são pensados, quais seus objetivos, como são recepcionados e quais as interdisciplinaridades que envolvem estudos acerca da música.

Nesse contexto, a música é tratada na tese como uma forma de agrupamento e aproximações de sujeitos e como elas são denominadores essenciais para a construção das identidades. Indo mais a fundo, formas estigmatizadas do funk encontram raízes no processo de dominação e colonização que tende a associar o consumo da cultura por grupos marginalizados como ligação do “ser negro” a partir do viés de escassez de cultura e o fomento de estereótipos racistas, que desvelam uma desconsideração acerca das vivências e dos processos raciais que são evidenciados a partir da música.

A forma como os blogs canônicos abordam o gênero funk está inteiramente ligada ao processo de dominação e colonização, pois de alguma forma sacraliza produções culturais elitizadas ou clássicas enquanto contribuem para a formulação do imaginário social sobre o funk, adeptos e identidade negra como nocivos e hostis.

Embora o funk contribua para outras questões que também são problemáticas – pensando, por exemplo, na sexualização da mulher e do corpo apenas como objeto sexual –, SILVA JÚNIOR (2019) questiona se essas seriam as únicas formas que deveriam ser tratadas pelos blogs tradicionais, pois são exatamente esses blogs com alto número de consumidores que foram a opinião pública acerca do gênero musical.

A mediação da informação nos blogs levam desde os produtores de informações aos consumidores dessas informações, isto é, envolve uma relação dialética entre as partes envolvidas e na fomentação da construção da identidade dos sujeitos que consomem não apenas o funk enquanto gênero musical, mas as próprias formações étnico-políticas que os blogs suscitam, para além de conteúdos informativos e que “pode contribuir com o aumento e a intensificação das lutas políticas e reivindicatórias dos movimentos sociais” (SILVA JÚNIOR, p. 125, 2019).

As novas possibilidades apresentadas pela Tecnologia da Informação permitem não só que narrativas de vida sejam contadas e tenham processos de identificação/aproximação por parte dos leitores, como também, no caso de blogs, podem ser fonte de renda, como salienta Silva Júnior. Para além disso, os blogs servem como registros de existência e memórias dos sujeitos e do coletivo destinado, bem como criação de laços e possibilidades de tratar pautas interseccionais.

A imbricação entre decolonização e música é verificada na tese a partir da possibilidade de “vincular orgulho à (r)existência da população negra e, ao mesmo tempo, recusar os padrões eurocêntricos em vigor ainda hoje” (SILVA JÚNIOR, p. 192, 2019), isto é, as enunciações do rap, funk e produções que pautam sobre reivindicações e denúncias de violências contra a população negra disseminam empoderamento e reafirmam as formas de dominação e a nova configuração colonialista contemporânea que perpassam esses corpos políticos.

A tese conclui que as noções de opressão pelos blogs de funk são pautadas em menor grau, apesar de serem evidentes, construindo novas perspectivas de empoderamento e novas identidades da população negra, ou seja, para o autor esses blogs têm um caráter de rejeição da retroalimentação de uma história de subalternidade e de uma epistemologia eurocêntrica.

A socialização da juventude, a valorização da beleza, da música e da cultura da população negra são algumas das contribuições do funk ao seu processo de empoderamento. Assim, a marginalização do funk se mostra como uma recusa dessa conscientização. Entendemos então que, para que a (re)construção da identidade negra seja efetivada, é preciso se posicionar contra um discurso hegemônico que naturaliza, diariamente, o racismo. Ser negro/a continua sendo sinônimo do ato de resistir (SILVA JÚNIOR, pp. 216-217, 2019).

Em *Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre a economia política e estudos culturais*, Bolaño (2015), propõe uma harmonia entre a antropologia, estudos culturais e comunicação, apresentando debates emergentes sobre a ligação desses campos. O autor pauta-se sobre a obra de outros autores, realizando um trabalho exploratório-descritivo, e realiza aproximações entre diversos objetos de investigação dos Estudos Culturais com a perspectiva Decolonial, ainda que esta não seja mencionada nitidamente.

Verifica-se uma proposição de paralelos entre a ideia da modernidade – discutida não só pelos Estudos Culturais juntamente com a pós-modernidade, mas também problematizada pela Escola de Pensamento Decolonial como movimento de dominação do Norte para com o Sul global – e as tensões estabelecidas pela perda da identidade cultural, atualização de padrões orientados sob a égide europeia e o movimento capitalista como importante aspecto para problematizar a dimensão de cultura popular, classe, importação de modelos e da constituição latino-americana dos Estudos Culturais e sociabilidade.

Discute a relação entre a influência do estruturalismo francês e os pontos de tensões estabelecidos nas produções intelectuais brasileiras. Para Bolaño, Celso Furtado traça uma outra perspectiva do estruturalismo para a compreensão do contexto latino-americano, sofisticando o conceito de Lévi-Strauss para a compreensão de um outro lugar. Problematiza, sob a

perspectiva dos Estudos Culturais, a tensão cultural das identidades estabelecidas pelos povos europeus e não-europeus sob a égide da racialidade e da luta contra hegemônica e a permanência dos valores das culturas dominantes e a perda da identidade cultural.

Ao fazer uma revisão da aproximação e ruptura entre as obras de Celso Furtado e a antropologia, reavendo o histórico dos estudos culturais, Bolaño (2015) mobiliza a influência dos estudos literários, de raça e etnicidade, identidade e ideologia nos estudos culturais, além de detalhar a ligação da cultura popular e da identidade cultural e negra, bem como as dicotomias entre classes e raças.

Em *Ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação*, estudo magnífico realizado por Walter (2021), o pesquisador inicia o artigo localizando o lugar da América e como o continente foi constituído sob a égide da escravização e fatores de dominação de modo geral. Ressalta como a história do continente continua sendo fragmentada e os mecanismo de dominação e atualização dos moldes anteriores são oriundos de um processo histórico que atualmente só encontra novas facetas e modos de acontecer.

A polarização fomentada pelos embates e tensões étnicas, culturais e necessidade de dominação, bem como as lutas de gênero, raça e a dicotomia existente entre o Sul e o Norte Global inscrevem-se numa lógica neocolonial. A América foi assentada num processo de modernidade como *lócus* de emergência de dominação e poder, constituindo para Walter (p. 329, 2021), “espaços violentos onde esses processos de construção identitária dançam ao ritmo sincópico da “colonialidad del poder” (Quijano) enquanto efeito das diversas relações coloniais e imperiais/imperialistas”.

Walter tece críticas interessantes ao propor reflexões sobre a literatura ameríndia na América e a perda da tradição oral para “para a realidade sintagmática da linguagem escrita” (p. 329, 2021), sendo a capacidade de reelaborar as crises oriundas do genocídio ponto de convergência na literatura. Para o autor, os ameríndios não têm uma identidade para Walter (2021) pois para ele ter uma identidade é ter uma história inscrita na terra – o que não ocorreu com os povos ameríndios, uma vez que essa identidade foi fragmentada.

Dentre as formas de descolonização que Walter (2021) consegue verificar nas relações entre os povos ameríndios é a resistência na língua e a luta jurídica pela demarcação de terras, visando a minimizar os fenômenos de invasões. Em síntese, o estudo conseguiu aproximar Estudos Culturais e Estudos Decoloniais de modo consistente e sem cometer os fatalismos de comparações entre o contexto brasileiros e outros países, já que as literaturas consultadas pelo autor são de autores ameríndios do Brasil, Peru e Estados Unidos.

3.1.4 Currículos Pedagógicos

A produção textual envolve uma finalidade, as circunstâncias de produção e a temática envolvida, sendo que na divulgação científica feita por crianças o contrato da comunicação é feito entre o cientista, que é produtor do texto, e da criança, que é a leitora do conteúdo, ou seja, a estrutura textual é composta pelas identidades dos parceiros/interlocutores (GEIRING, 2012).

Analisando um conjunto de reportagens que tem a finalidade discursiva tanto de informar quanto de captar o público infantil, em *Referenciação e hiperestrutura em textos de divulgação científica para crianças*, Geiring (2012) conclui que os textos possuem uma simplicidade lexical, uso de iconografias e formas de estabelecimento de produção de sentido entre escritor e leitor de modo “mimético”.

O contrato textual passa para o contrato midiático quando a reverberação dos textos de divulgação científica passa a ser expresso a partir de outras variáveis que não a de leitura. Há uma atualização da credibilidade considerando a Análise do Discurso, em que o conjunto de imagem e produções de sentidos fazem o efeito de um creditar o discurso por meio do cientista que divulga a informação, o que leva à assimilação e produção de sentido balizada no imaginário infantil. Em outras palavras, o que Geiring (2012) quer chamar atenção é para a compreensão de que o discurso é mobilizado a partir de repertórios que possam produzir efeitos com base na assimilação lógica dos enunciados.

O estudo aproxima-se da perspectiva Decolonial na medida em que propõe que as divulgações científicas tenham uma linguagem acessível e adequada à determinado público, ou seja, rompe com a colonialidade do saber e do saber universal. A proposta do autor, nesse ínterim, é uma ruptura com a colonialidade do saber, que pode ser entendida tanto da ordem da apropriação de autores de nacionalidades outras quanto da monocracia acadêmica que dialoga apenas com os seus pares. Ademais, a autora aponta os meios de comunicação como dispositivo capaz de mediar a ponte entre produções acadêmico-científica, mídia, informação e sociedade (relações dialógicas).

Ao realizar um levantamento acerca da literatura brasileira que tem a perspectiva da Educação Escolar Indígena no Brasil como objetos de estudo, Cância (2019), constatou que a região norte do Brasil é a que mais tem produções nesse sentido. Além disso, mapeou também as áreas de pós-graduação de onde teses e dissertações são mais evidentes. Ao desenvolver a tese de doutorado junto aos indígenas Wai-wai, escola em que atuava como professor de

português, Câncio (2019) identificou que alguns processos de configuração colonialista se fazia presente, com evangelização, ensino de língua que não a nativa, relações de influência da língua portuguesa na forma de organização social – os indígenas precisam, por exemplo, compreender e falar o português para que possam estabelecer relações comerciais com os sujeitos não indígenas –, formas de resistência para a proteção do território e do meio ambiente.

Embora suas experiências como professor tenha inquietudes acerca da dificuldade dos alunos em ler e escrever o idioma português, constatou-se que as formas de resistência se estabelecem porque os próprios professores de português e inglês dos alunos são os próprios indígenas Wai-wai, ou seja, isso mostra uma certa ‘autonomia’ nos conteúdos a serem escolhidos.

A tese conclui que por mais que a língua portuguesa tenha sido uma necessidade e se configure pela lógica hegemônica, tendo em vista o Brasil como um território com mais de um idioma, a língua e a cultura indígena têm certa resistência na Amazônia, sobretudo no *locus* estudado pelo autor. Percebeu-se que há convergência com a literatura preliminarmente consultada acerca da perspectiva decolonial. Quanto à matriz colonial, o autor insere uma perspectiva inédita que é a colonialidade cosmogônica.

Apesar de não se aproximar da perspectiva Decolonial, *As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico* é outro estudo composto por uma metodologia rigorosa e que emerge de experiências educacionais com os povos indígenas foi realizado por Bruno e Lima (2015), a fim de verificar como as crianças indígenas Kaiowá surdas e mudas se comunicam no ambiente escolar – o que, inegavelmente, apresenta tensões socioculturais ao considerar que a tradição oral nas comunidades indígenas é um denominador extremamente valioso, fomentando, inclusive, sentimento de vergonha social por parte dos pais, uma vez que seus filhos não partilham dos mesmos dispositivos comunicacionais, sendo necessário a criação de códigos para comunicação, haja vista o desconhecimento e dificuldade de comunicação em Libras.

Articulando Estudos Culturais, Estudos Decoloniais e o Pensamento de Paulo Freire, Backes *et al* (2021), em *Paulo Freire e os estudos culturais: Pistas para convergências possíveis*, indicam que apesar de divergências existentes entre os EC e o Pensamento de Paulo Freire, há também convergências entre o campo de investigação e à linha de pensamento, apontando o papel de Stuart Hall na consolidação dos Estudos Culturais, bem como o reconhecimento do sociólogo e Freire no contexto internacional. A partir do incentivo dos estudos dos meios massivos e etnográficos, Hall (*apud* Backes *et al*, 2021), favoreceu grande

reconhecimento às obras de Freire, as quais são relevantes para a aproximação das mudanças no campo dos Estudos Culturais. Ademais, os autores salientam sobre a importância decisiva dessas novas “atualizações” dos Estudos Culturais para a consolidação do campo de investigação no contexto brasileiro, causando, inclusive, tensões sobre o modelo de pensamento intelectual e novas possibilidades (BACKES *et al.*, 2021).

Os autores ressaltam que Hall, um dos grandes nomes dos Estudos Culturais e figura imprescindível a eles, se preocupava com a institucionalização dos Estudos Culturais, que poderiam vir a formar um campo disciplinar monocrático e “um academismo bem-sucedido, mas com pouca relevância política e social, perdendo seu caráter transgressor e contestador” (BACKES *et al.*, p. 4, 2021). Contestador porque vai contra um projeto hegemônico e universalista de modernidade embebida pelo controle e poder.

E é exatamente nessa perspectiva que os Estudos Culturais se aproximariam do pensamento de Paulo Freire, segundo o qual “o trabalho teórico e intelectual precisa estar associado ao compromisso político de transformar a realidade injusta e opressora da sociedade capitalista”. Ademais, Backes *et al* acentuam que os Estudos Culturais se consolidaram no Brasil no momento em que havia grande embate e “desejo de desarticular a educação do pensamento freiriano” (BACKES *et al*, p. 3, 2021).

O estudo apresenta relações convergentes entre o pensamento de Paulo Freire e dos Estudos Culturais. Inclusive, alguns autores brasileiros pautam algumas discussões sobre a perspectiva de alguns teóricos da crítica pedagógica norte-americana. Isso demonstra uma alimentação de uma colonialidade do saber que sempre está atrelada ao contexto norte-americano, em que os autores não problematizam o porquê dessa retroalimentação dos saberes estadunidenses – ainda que estes autores norte-americanos vejam Paulo Freire como inspiração. Contudo, isso não subverte a lógica da colonialidade do poder e do saber.

As críticas à colonialidade do saber, ser e poder e a fazer aproximações entre Hall e Freire, demonstra as preocupações dos estudos de ambos os teóricos em desmistificar as lógicas de manutenção da dominação e do poder, tanto no que diz respeito à cultura e política quanto à educação e operacionalização do saber como ferramentas de embates e tensões.

3.1.5 Consumo e Mediações Midiáticas

A mídia começa a representar um papel de extrema importância nas vidas contemporâneas, protagonizando a revolução digital. Esse fato apresenta subsídios para que

estudos ancorados sobre a perspectivas das identidades história social, a cultura e diversas outras dinâmicas sejam de interesse da produção social de sentidos, o que é da ordem do fenômeno comunicacional e está ligado à temporalidade social (OROFINO, 2015).

Notando ausência de estudos que pautem sobre a égide do consumo infantil, em *O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo* a autora demarca essa temática como marginal e se propõe, portanto, a realizar um estudo sobre a relação das crianças com a mídia a partir do lugar da criança para a perspectiva do consumo – problema de pesquisa e inquietude elencada pela autora. Pauta-se sobre os estudos de recepção, que por sua vez tem relação umbilical com os estudos culturais, e a sociologia da infância (correte teórica que postula a criança como um agente social de direito).

Orofino trata do Paradigma Informacional, discutido brevemente na segunda parte do presente estudo, no qual os sujeitos são vistos como instrumentos ou entidades irracionais e que a recepção das informações reverberadas pelos meios de comunicação é unilateral. A necessidade da demarcação do pensamento ortodoxo sobre a comunicação é necessário para que a autora possa construir uma lógica que sustenta que a criança é “um receptor passivo “ e que isso tende a “permanecer como verdade universal” (OROFINO, p. 371, 2015), a fim de subverter a ideia de que as crianças são induzidas de modo irracional ou pautadas sob a égide da inocência, uma postulação que para a autora foi naturalizada como uma ideia de subordinação, o que compreende-se como uma crítica à visão essencialista.

Os estudos de recepção, oriundos dos estudos culturais e estudos de mediação, no contexto latino-americano, oferecem subsídios para a superação da “visão maniqueísta em suas frequentes oposições binárias (dominadores-dominados)” (OROFINO, p. 374, 015). Aqui reside a aproximação com os estudos Decoloniais, que aqui não vai reafirmar a lógica de dominação a partir da dicotomia dominadores e dominados, mas que vai apresentar uma ruptura, tendo o poder como determinante chave para a manutenção da ordem de dominação, como dimensões que pelo menos neste caso é relativizado a fim de recorrer à lógica de que a presente dicotomia não pode ser considerada quando se compreende, epistemologicamente, a comunicação como uma dinâmica de articulação relacional (Paradigma Relacional).

A autora faz uma excelente demarcação do contexto político de realização da pesquisa, quem são os sujeitos participantes da pesquisa. Além disso, apresenta minuciosamente as categorias de análise (competência cultural, imaginário infantil, economia moral e uso das tecnologias).

A pesquisa revelou que as crianças têm proximidade com programas jornalísticos, consideram que não podem participar de manifestações políticas (a etapa de entrevistas e imersão foi realizada durante as manifestações políticas de 2013) – apesar de se interessarem pela proposta de criar um programa de TV sobre a manifestação. A autora constatou que as crianças usavam referenciais, ou “bordões”, do programa Cidade Alerta, “um programa sensacionalista e de jornalismo mórbido o qual fica no ar por mais de três (3) horas por dia” (OROFINO, p, 379, 2015).

Orofino pôde concluir, a partir disso, que para essas crianças que vivem numa zona periférica, o jornalismo que seria consumido pelas classes populares de São Paulo seriam o jornalismo policial de cunho sensacionalista. Contudo,

embora estivessem brincando com o estilo do programa Cidade Alerta de Marcelo Resende pela metalinguagem utilizada pelo apresentador (Corta pra mim; Me dá a câmera 2) e pelo formato de jornalismo, em momento algum as crianças reproduziram o seu conteúdo (OROFINO, p. 379, 2015).

Concluiu-se a partir das experiências que o fato de as crianças não reproduzirem os discursos como são constantemente proferidos, não pode-se dizer da criança como uma entidade irracional, passiva, subordinada e que reproduz os conteúdos da forma como são reverberados, revelando uma agência autônoma e consciente das crianças.

Ao contrário das críticas levantadas por Orofino (2015) sobre a ideia convencionalizada que se tem dos veículos de comunicação como ferramentas de instrumentalização, ao analisar a influência e os discursos da mídia acerca da doação de órgãos, Pruinelli e Luce Kruse (2012), em *Mídia e doação de órgãos: a produção de sujeitos doadores*, trata das mediações midiáticas pela perspectiva instrumental, ou seja, pela égide do Paradigma Informacional ao dizerem que “a mídia influencia a vida das pessoas, vende ideias, dita modos de ser, reforça identidades, escolhe e aponta caminhos, veiculando discursos que nos atravessam e que vão nos constituindo como sujeitos” (PRUINELLI; LUCE KRUSE, p. 87, 2012), não apontando relativização quanto às formas de como essas ideias são recepcionadas ou compreendendo estas como fruto de um processo relacional entre emissores e receptores, como propõe o Paradigma Relacional, tratado na primeira parte desse estudo.

Dentre as conclusões das autoras, está a consideração do uso de pessoas famosas ou experts para enunciar, alavancar campanhas de doações de órgãos e discutir a Lei de Transplante, usando “linguagem de interpelação à emoção de leitores e leitoras” (PRUINELLI;

LUCE KRUSE, p. 88, 2012), com o objetivo de sensibilizar os receptores. Conclui que a representação dada ao sujeito com órgãos saudáveis para doação está associada à juventude “por não apresentarem doenças crônicas, sofrerem mortes violentas, o que causaria morte cerebral sem danos aos órgãos, e por viverem nas cidades, mais expostos a essas situações de risco” (PRUINELLI; LUCE KRUSE, p. 90, 2012).

Embora não tenha verificado no estudo aproximações entre a perspectiva Decolonial ou dos Estudos Culturais, optou-se por selecionar a fim de alçar críticas sobre o caráter reducionista que estudos realizados por sujeitos que não são da área da Comunicação têm utilizado os Estudos Culturais como aparato inconsistente para atender o objetivo proposto ou utilizado os EC como um pano de fundo utilizados por campos de saberes outros quando se trata de análises que versam sobre a mídia como objeto de análise. Quais são os limites da interdisciplinaridade da Comunicação e dos Estudos Culturais? Como tem sido utilizado por pesquisadores de outros campos de saberes?

De fato, o crescimento dos meios de transmissão se tornou uma atividade associada aos interesses políticos e comerciais. Nos EUA, segundo Subtil (2014), de acordo com Carey, a comunicação significa “compartilhar”, o que está associado à manutenção social e ruptura com da ideia de comunicação como informação. James W. Carey foi um autor que a partir dos anos 1960 começou a contestar a hegemonia canônica dos estudos sobre a sociedade e Comunicação. De acordo com Subtil (p. 20, 2014), a obra do autor é negligenciada para “meios universitários de língua portuguesa”, sinalizando uma necessidade de aplicação dos estudos de Carey em outros contextos, o que implicitamente desconsidera os estudos nacionais sobre o mesmo campo de investigação.

Para a autora, Carey fomentou uma virada cultural na Comunicação quando ela ainda não era uma tendência nos estudos das humanidades e da sociologia. Ele sugeriu que a Comunicação deveria ser vista como um processo de interação e troca de significados, ressignificando, conseqüentemente, a forma como os estudos em Comunicação eram guiados (pelo *Mass Communication Research*), lançando mão, portanto, para estudos de massa e cultura popular e se opondo à ciência positiva.

As produções culturais produzem sentidos simbólicos que é estabelecido pela relação mútua entre a mídia e os repertórios culturais individuais, coletivos e conseqüentemente da esfera social. Essa relação é uma relação de troca e interações entre os sujeitos, no qual há o rompimento das mídias e dos meios tecnológicos como instrumentos, passando a ser

ferramentas constituintes de uma relação dialógica e reconfiguração das práticas socioculturais (NERY; REGO, 2020).

As séries de animação apresentam sentidos culturais e moldam a infância contemporânea por meio da conexão das crianças ou de públicos infanto-juvenis com as programações lúdicas, narradas de formas fictícias, e que mobiliza imaginários e repertórios que são instituídos por meio do olhar, sentimento, audição etc. Conhecidas como desenhos animados, as séries de animação são veiculadas na TV, que são recepcionados e ressignificados pelos consumidores de múltiplas formas.

As dinâmicas estabelecidas entre aspectos de gênero, raça, classe etc., estão embutidas na infância como esfera geracional crucial para o estabelecimento de valores com relação aos denominadores supramencionados, pois como reforça Nery e Rego (2020) a infância é construída a partir de um conjunto de práticas sociais e culturais.

Nesse sentido, as crianças, ao interagir com as instituições de veiculação e reprodução culturais traduzidas sob a forma de produtos e conteúdos culturais para a infância (SARMENTO, 2003; 2004; 2008), apropriam-se desses produtos e conteúdos, reproduzindo-os de forma interpretativa (CORSARO, 2011) por meio de suas linguagens multimodais - verbais, gestuais, iconográficas, plásticas -, da imaginação, do jogo simbólico, do brincar as quais constituem ações fundacionais das culturas da infância. Especialmente nas culturas de pares, consideradas por Corsaro (2011, p. 39) como “[...] produções coletivas, inovadoras e criativas”, elaboradas e partilhadas pelas crianças em suas interações com outras crianças, esses modos representacionais ganham sentido. Por meio da ritualidade e da partilha no grupo geracional, as crianças estruturam o brincar, o jogo, as relações entre elas, pautando-as por negociações, lideranças e influências; exercitam suas capacidades de junção e de separação do real e da fantasia, assim como de transposição no espaço-tempo, rompendo com a linearidade temporal (SARMENTO, 2003; 2004; 2005). Nesse processo, de acordo com Sarmiento (2005, p. 373), o que ganha visibilidade é o fato de que as crianças são “[...] competentes e têm capacidade de formular interpretações da sociedade, dos outros, e de si próprias, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (NERY; REGO, p. 6, 2020).

Embora tenha sido desenvolvido com um rigor metodológico impecável e ser um estudo de suma importância para as investigações sobre audiência e consumo infantil, a pesquisa só deixou uma lacuna no que tange à perspectiva Decolonial ao não problematizar uma série de condições que demonstram aspectos da colonialidade como, por exemplo, a

preferência por parte de algumas crianças participantes da pesquisa por consumir produções animadas internacionais ou da TV Brasil – em que “são apresentados muitos programas de qualidade para o público infantil” (NERY; REGO, p. 13, 2020). Esse consumo evidencia uma valorização das produções culturais externas, o que na matriz de colonialidade proposta por Quijano (2000) se assenta no ser e saber, haja vista as referências socioculturais criadas no imaginário social infantil de contextos supranacionais, criando identidades a partir de modelos e performances culturais que não correspondem à realidade nacional.

Em *Educação em saúde da pessoa idosa em discursos e práticas: atividade física como sinônimo de saúde*, Fernandes e Siqueira (2010) trata dos discursos, orientados pelas diretrizes governamentais, pela ciência e pela mídia, que foram subvertidos do que são as pessoas idosas, em que antes eram vistos como “fardos” para os familiares e para o Estado e agora são acometidos pela ordem do sujeito saudável a partir das atividades físicas e ações ligadas à saúde e educação, no qual esses sujeitos são colocados como entidades autônomas a partir de suas habilidades tanto mentais quanto físicas, constituídas, sobretudo, com reconstrução do que é ser idoso do Programa Nacional de Saúde do Idoso (2006).

Essa mudança no pensamento e imaginário social foi possível a partir de 1960, quando “o “envelhecimento populacional no Brasil [...] produziu graves consequências tanto no âmbito das políticas públicas quanto na implementação de programas para a pessoa idosa”, a partir da redução da taxa tanto de natalidade – considerando pessoas de 0 a 14 anos – quanto de mortalidade, considerando pessoas com 60+ (FERNANDES; SIQUEIRA, p. 372, 2010). O estudo aponta que os profissionais ressignificam a prática da atividade física como sinônimo de qualidade de vida, e conseqüentemente de saúde, e que essa construção imaginária é refletida nos discursos e práticas absorvidas e replicada pelas pessoas idosas.

As autoras ressaltam que ainda que essa seja a população que mais vem crescendo consideravelmente em todas as regiões do Brasil, no país este é o grupo que sofre com problemas relacionados à violência, exclusão de gênero, desigualdade na distribuição de renda e outros fatores que diretamente implicam e “imprimem uma complexa diversidade aos modos de envelhecer brasileiro” (FERNANDES; SIQUEIRA, 2010, p. 373). Essa construção sobre um sujeito idoso ativo e eficazmente saudável não é um discurso que se dá a esmo ou sem alguma finalidade.

Com salientam as autoras, esses discursos estão associados à manutenção política que visa o controle de custos que são provenientes das assistências médicas a este público. E complementam: “O objetivo final seria a redução do papel do Estado no financiamento das

ações de saúde”, ou seja, retira do Estado a transferência de responsabilidade e fomenta a ideia de autocuidado e autonomia (FERNANDES; SIQUEIRA, 2010, p. 374). Sinalizam atenção para a transferência de responsabilidade que é sempre posta na dimensão da informação como um dos únicos meios capaz de educar as pessoas a terem uma vida saudável, não trazendo nenhuma proposta que seja eficazmente exequível em termos materiais de projetos e políticas que relacione saúde, sociedade e ambiente, isto é,

tal entendimento reducionista pressupõe um aprendizado instantâneo, por meio de processos unidirecionais de um polo que detém o conhecimento e informações para outro - o(a) educando(a) - destituído de história, de saberes e de motivações (FERNANDES; SIQUEIRA, p. 376, 2010).

A sofisticação do estudo, chancelado em Michel Foucault como base teórica, é importante para se pensar os EC, a partir da subjetivação dos indivíduos sobre a condição de saúde entrelaça-se com o biopoder e biopolítica, compreendidos neste estudo a partir da ordenação de um imaginário sociopolítico e sociocultural de responsabilidades, à dimensão de sujeitos ativos a partir da qualidade de vida, vida como responsabilidade tanto da esfera pública (Estado, políticas públicas, ciência, mídia) quanto privada (autocuidado, determinação, sujeito saudável).

Os discursos midiáticos que associam a prática de atividades físicas à saúde e a adoção de hábitos saudáveis desde cedo, preconizam a ideia de uma velhice saudável e só existem porque foram tornados possíveis que existam. Contudo, além de causar exclusão de alguns idosos que residem em zonas periféricas e não têm acesso às academias ao ar livre como política estatal criada para a promoção da saúde dos idosos, por exemplo, nada mais é que estratégias discursivas que permeiam os imaginários sociais sobre a patologização dessa faixa etária que conduz às práticas de atividades físicas como estratégia de redução de custos em saúde pelo Estado para com a terceira idade, sendo de responsabilidade estritamente do indivíduo as incumbências sobre sua saúde e boa qualidade de vida.

Fernandes e Nogueira (2010) se aproximam da perspectiva Decolonial na medida em que se propõe a questionar e problematizar os discursos oriundos da ciência biomédica do corpo saudável como associado à prática dos exercícios físicos. Questiona também o poder sobre os corpos (colonialidade do ser) quando um Estado retira de si a responsabilidade de algo que é da esfera público-privada e a transfere apenas para a dimensão do privado. O discurso de corpos saudáveis tem a ver com a economia, controle dos custos, diminuição dos investimentos em

cuidados curativos para pessoas idosas.

Os gastos previdenciários são colocados em jogo ao se pensar que os idosos vivendo mais teriam mais gastos com aposentadoria, mas é como se a aposentadoria fosse necessária e capaz de cobrir todos os custos com saúde, ou seja, não é de interesse do Estado investir em previdência e em saúde dos sujeitos idosos ao mesmo tempo. A informação para Educação em Saúde é colocada em cheque quando essa responsabilidade é também transferida como única capaz e responsável por fomentar uma condição da boa qualidade de vida, na qual experiências culturais, econômicas e políticas são deixadas de lado.

3.1.6 Literatura, Cultura Popular e Práticas Culturais

Desde 1984, a Comunicação tem sido uma ferramenta cara ao Movimento Sem Terra. Oliveira e Cogo (2013, p. 231), salientam que tal ferramenta tem sido utilizada como espaço de política comunicacional e tem especificidades nos assentamentos, acampamento e movimento. Os assentamentos, referem-se ao espaço conquistado. Já o movimento, é a organização genérica das lutas do MST, enquanto os acampamentos “é o resultado das ocupações empreendidas pelo movimento”.

A partir do levantamento de obras, Oliveira e Cogo (2013), identificaram trabalhos que relacionam o MST à mídia comercial, bem como a forma como são narrados os fatos do Movimento. Salientam que alguns trabalhos apresentam a importância de o MST estar aliado à mídia comercial para a visibilidade e difusão do movimento. Por outro lado, constatam ainda pesquisas que evidenciam o uso da mídia por pessoas ligadas diretamente ao MST, opondo-se à mídia comercial e fomentando um valor simbólico, narrativo e imagético a partir da construção da autoimagem, a produção de notícias por meio da Comunicação Comunitária e a emergência do movimento como luta política na esfera pública.

Os relatos coletados a partir de entrevistas mostram que não existe uma convergência entre os moradores no que tange aos noticiários veiculados nos meios de comunicação de massa. Uma das entrevistas, por exemplo, diz que há uma inversão dos fatos e uma representatividade extraviada das ocupações em que participou, enquanto outra entrevista diz que os filhos não gostam de ver cenas que invertem a ordem do que ela chamou de “paz” (OLIVEIRA; COGO, 2013), ou seja, os meios de comunicação massivos têm uma grande responsabilidade na forma como enunciam os fatos, sendo que a formação da opinião pública

se dá por meio daquilo que as pessoas recepcionam dos discursos orais e imagéticos a partir de suas próprias experiências e mobilização de repertórios criados individual e coletivamente.

Sob a égide Decolonial, afirmam que nas pesquisas dos Estudos Culturais ingleses pode-se perceber um convite para a aproximação das interações culturais e o contato com a realidade, mas que no contexto latino-americano os tipos de pesquisas sustentadas pelos Estudos Culturais essa dimensão é da ordem da evidência, uma vez que os estudos latino-americanos buscam aproximar e, sobretudo, compreender a relação entre Comunicação e movimentos sociais, isto é, nas pesquisas latino-americanas há uma abertura mais evidente pela construção de um “pensamento científico autônomo latino-americano frente à predominância de matrizes de pensamentos norte-americanas e europeias” (OLIVEIRA; COGO, p. 235, 2013).

O uso dos aparatos midiáticos além de serem objetos de investigação que permitem que os sentidos e as práticas comunicativas sejam investigados do ponto de vista social e cultural (MOURA; ARAÚJO, 2021), revelam também novas tensões quando se trata do uso desses dispositivos em lugares com difícil acesso. No ensejo de realizar uma pesquisa comparada entre Maranhão, Brasil, e províncias do sul de Angola, Moura e Araújo (2021) utilizam o conceito de hibridismo cultural, proposto por Nestor Canclini, sobre o qual a América Latina constitui-se em uma composição hegemônica de práticas sociais, culturais e ao mesmo tempo nas dicotomias das sociedades, pautadas, sobretudo, a partir do contato de troca entre as sociedades.

A comunicação oral, segundo os autores, é a principal ferramenta de comunicação entre os moradores locais, com costumes de irem de casa em casa, sobretudo os representantes comunitários que informam a comunidade sobre eventuais reuniões, informações sobre cadastramento e obrigações gerais da cidadania e todos os tipos de informação de interesse coletivo.

Quanto aos homens que narram os acontecimentos do dia anterior, são apresentados como homens héteros, acima dos 60 anos de idade e é comparado pelas autoras como uma espécie de ágora. Além disso, o uso do celular, ainda que com o uso restrito de acesso à internet para navegação na web e acesso à rádios e outros conteúdos não tradicionais (rádio e TV), permitem que as pessoas de diferentes espaços da ilha possam se “informar” a partir dos *smartphones*.

O estudo revelou que o Jornal Nacional e novelas da Rede Globo são as mais consumidas na comunidade estudada no Brasil. De acordo com os autores, é um horário de concentração de pessoas dentro de suas casas. As TVs são de última geração e a TV tem adesão

dos moradores locais. Do mesmo modo como essas pessoas se reúnem na praia para a contação de narrativas, o mesmo ocorre em festejos religiosos e carnavais (cultura popular).

Contudo, a pesquisa revelou que apenas os homens mais velhos fazem parte da reunião noturna para o compartilhamento dos ocorridos do dia na praia, o que leva Moura e Araújo (2021) a problematizarem gênero e sexualidade nesses espaços que acabam por reforçar a dimensão patricarcal.

Também ancorados em Canclini, além de outros teóricos dos EC e da Comunicação, e com o propósito de verificar a apropriação de jovens e adolescentes de Nova Olinda, Ceará, de práticas comunicacionais para fomentar o desenvolvimento local acordadas em uma rede social global – a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, ONG composta por jovens que realizam trabalhos de comunicação com web, rádio, televisão, música e teatro, Lima e Santos (2012) realiza um estudo de caso de como as práticas comunicacionais supramencionadas difundidas por pessoas que atuam no projeto encarando-o como forma de subsistência desnudam aspectos socioeconômicos e socioculturais que transcendem mediações tecnológicas.

O estudo conclui que Nova Olinda apresenta, de acordo com as autoras, oportunidades desiguais quanto ao acesso de bens materiais e uma taxa de analfabetismo considerável. Segundo elas, “a maior parte das informações acessadas pela população local advém das parabólicas que transmitem conteúdos de realidades distintas, de outras regiões do país” (p. 227). Contudo, constatou-se que o estudo versa sobre a cultura da internet, não sendo possível identificar traços dos Estudos Culturais e muito menos da perspectiva Decolonial no trabalho. A proposta de trabalhar com a recepção ficou confusa e não ficou evidente onde se insere.

O texto apresenta conclusões excelentes, mas pode-se dizer que está mais ancorado numa análise das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o desdobramento de uma comunicação virtual e profissionalização dos entrevistados a partir do uso das tecnologias do que propriamente propõe alguma reflexão sobre os Estudos Culturais e Estudos de Recepção.

Em *Pioneiros e duendes: desenvolvimento e integração na Amazônia a partir dos filmes documentários de Jean Manzon*, Santos (2018) analisa os filmes documentários do cineasta Jean Manzon, que a partir do incentivo da produção de documentários na Amazônia, nos anos 1950 pelo governo do então presidente Juscelino Kubitschek, junto à construção da estrada que ligava Belém à Brasília. Analisa essas obras cinematográficas a fim de identificar formas de visibilidades dos indígenas que viviam na região, sendo que essas obras para Santos

(2018 p. 8), eram “carregados de discursos sobre a Amazônia caracterizada pelo exotismo, ufanismo e ainda pela ausência de populações indígenas e outros povos”.

Chama atenção para os aspectos dos danos causados aos povos originários e demais povos que viviam na região a partir da constituição do que estaria sendo considerado o baluarte da época, sendo verificadas formas de colonização ao desapropriar os sujeitos de seus territórios e espaços. Verifica-se, nesse sentido, a colonização interna proposta por Casanova (2007), tratadas na primeira parte dessa monografia. Santos (2018) elabora críticas acerca de como essas construções que impactariam os povos da região também se emaranham de resistência dos indígenas e quilombolas, mas que são interdadas na visão do autor e realiza uma articulação sobre como esse processo converge com a colonização da América Latina em que as histórias são sempre contadas a partir da perspectiva do colonizador, enquanto a do colonizado é silenciada.

A produção de documentários seriam formas que o governo da época encontrou para que fossem feitas propagandas políticas acerca do projeto de governo, sendo que Jean Manzon, cineasta francês foi um dos principais. A pesquisa constata que pelos 16 filmes produzidos por Manzon pautava a Amazônia como *locus* da produção audiovisual, ignorando os povos indígenas e outros. Discursos que ligavam a Amazônia como lugar de prosperidade e possibilidades de obtenção de riquezas como se não fossem ocupadas são constantemente retomados por Santos nas obras analisadas.

Usa o conceito de dispositivo de poder de Michel Foucault, reportando essa base para fundamentar e defender a ideia da colonização e do domínio da Amazônia como território de execução desenvolvimentista, para além de outros processos de colonização (exploração da borracha, abertura de estradas etc.). Articula a história do passado com o tempo presente ao trazer pontos de convergência entre as formas de dominação e expropriação histórica com os interesses da bancada ruralista atual de posse de terra, exploração dos recursos naturais, exploração mineral, dentre outros. Para Santos (2018), a colonialidade do poder foi simplesmente atualizada e atualmente ganha novas configurações, o que novamente converge com a discussão apresentada na primeira parte desse trabalho no que tange à colonização interna.

Nesse sentido, concluímos que os discursos e representação da Amazônia e da pacificação dos povos originários e povos locais em geral foi uma espetacularização criada de um projeto político de governo moderno, que envolvia não só o governo de JK – que já atuava nas campanhas publicitárias da imagem de JK desde quando o futuro presidente ainda era

governador de Minas Gerais –, mas também as simpatias e aproximações de Manzon com lideranças responsáveis pela conspiração que faria emergir o governo pré-militar e militar a partir de campanhas político-ideológicas (SANTOS, 2018).

A manutenção do poder na contemporaneidade se dá a partir da continuidade das instalações das transnacionais na região amazônica. Faz articulações com as manutenções de poder políticos do período da criação da Transamazônica com o tempo presente – a retirada da ex-presidenta Dilma Rousseff para que poderes conservadores “impondo uma agenda que está alinhada apenas a interesses da pequena parcela rica dos brasileiros” (SANTOS, p. 98, 2018), levando a cabo a concepção progressista e liberal.

Embora Santos (2018) analise cinema e filme, produções que são da ordem da Indústria Cultural, ele não traz em nenhum momento aspectos dos Estudos Culturais para contribuir com o debate, o que deixa a pesquisa carente de referências sobre as representações, identidades e a crítica proposta pelos EC acerca de produções massificadas tendo em vista o desenvolvimento econômico ou capitalização da cultura – o que no objeto de estudo selecionado pelo autor auxiliaria na fundamentação teórica para que as críticas pudessem ser tecidas com maior sofisticação e rigor. Todavia, o trabalho foi bem estruturado e bem articulado com os aportes teóricos escolhidos pelo autor. Utiliza os conceitos de história contínua e estudos do discurso de Michel Foucault, colonialidade do poder de Quijano, e dispositivo colonial, de Ivânia Neves.

Fazendo uma união de gênero, corpo, sexualidade e classe, Menezes (2018) tem como objeto de tese a peça teatral *Agreste* combina elementos do pós-colonialismo, feminismo, diásporas, estudos *queer*, raça e gênero como marcadores da diferença da sociedade contemporânea. Analisa os efeitos e afetações nos imaginários sociais acerca dos contratos culturais e mobilização de referências individuais sob a peça. Discorre sobre as relações de gênero que suscitam as relações afetivas e a dimensão convencionalmente binária heteronormativa dos corpos. Critica as formas como alguns estudos são conduzidos acerca de gênero e corpo, que ao mesmo tempo que tecem críticas sob determinado aspecto, acabam por reproduzir as mesmas críticas lançadas.

A autora faz uma pesquisa acerca do público que frequenta o teatro que se torna *lócus* da pesquisa e verifica que são majoritariamente brancos, heterossexuais, que se identificam como sendo do gênero feminino e que tem uma renda acima de cinco mil reais. Isso demonstra que não é um público qualquer que tem acesso a esse espaço e à formação política cidadã que o espetáculo promove.

A pesquisa une Teoria Feminista, Estudos Pós-coloniais, Decoloniais e gênero às performances culturais como instrumentos de mobilização e embates sociopolíticos. A perspectiva Decolonial, no que tange à matriz colonial (do ser, do poder e do saber) converge com os Estudos Culturais, na medida em que subverte a lógica sustentada de dualidade e separação entre cultura e economia, no qual o conceito de colonialidade do poder corrobora a suplantação de um modelo epistemológico eurocentrado e do discurso liberal que emerge no XX como mecanismo de superação da ideia “das relações de opressão, exploração e pobreza perpetuadas nas relações de poder internacionais” (SANTOS, p. 68, 2018).

Além de *Quando o território descontrói o mapa: um encontro entre ciências sociais, arte e comunicação* (2018) ser uma tese que não se ancora em um método específico para legitimar o saber científico, como a própria autora diz, o estudo utiliza marcos conceituais da sociologia e da antropologia a fim de responder o objetivo proposto, ou seja, a metodologia é totalmente Decolonial (subversão da ciência positiva que legitima o saber), recorrendo aos estudos de orientação Decolonial porque para essa Escola de Pensamento, Cultura e Economia não se dissociam, tendo em vista a cultura hegemônica moderna como a que postula as identidades dos sujeitos e oprime, sob a égide da colonialidade do ser, as que não-hegemônicas.

3.2 Sistematização do *corpus*

Após apresentar um panorama geral do estado da arte da literatura, subdividindo em classe de objetos de estudos majoritariamente aportados, fazer-se-á uma síntese dos objetos das produções, conforme codificação apresentada no Quadro 3 (Constituintes do *Corpus*), a fim de ilustrar aspectos considerados relevantes, quais sejam: I) Objetos de estudo dos Estudos Culturais sempre são abordados a partir de intersecção/inserção de outros que o complementam, isto é, evidencia a indissociabilidade das dimensões dos EC e reafirmam o caráter interdisciplinar do campo; II) Embora alguns estudos selecionados para essa pesquisa não tenha citado os EC ou os ED, optou-se pela seleção, haja vista a constatação de que seriam obras que convergem com um ou outro, ou ambos, campo(s) de investigação(ões); III) Embora alguns estudos selecionados para essa pesquisa não se aproxime da literatura preliminarmente consultada acerca dos EC e dos ED, optou-se pela seleção, a fim de demonstrar falhas no algoritmo a partir do retorno de produções que não atendem ao objetivo da pesquisa mesmo após a inserção dos filtros e ao mesmo tempo de fomentar, ainda que seja uma proposta de

Revisão Sistemática de Literatura, críticas acerca de obras que trazem no título, resumo e introdução as palavras-chaves utilizadas para a seleção e exclusão de obras, evidenciando associação de estudos acerca de dimensões culturais ou raciais como sinônimo, e uso inconsistente, dos EC e dos ED.

Posto isso, a Tabela 5 ilustra os artigos, dissertações e teses nos quais são possíveis identificar os elementos e temáticas, tomando os Estudos Culturais como base primária, a fim de atender com rigor ao objetivo dessa investigação, trabalhados pelos autores e os apontamentos acerca desses no que tange às aproximações totais, parciais ou nulidade dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais.

Tabela 5 – Relação de conformidade das produções, com base nos Estudos Culturais, e apontamentos prognosticados

Código	Elementos/Temáticas/Objetos	Apontamento	Tipo de estudo
1	Discursos da representação sobre a terceira idade; Binarismos dos discursos que circundam as dimensões de gênero, etnia, sexualidade, classe etc.; <i>Modus operandi</i> do “bem-viver”	Se aproxima totalmente da perspectiva decolonial	Empírico
2	Representação; Identidades; Currículo Cultural	Se aproxima parcialmente da perspectiva decolonial	Empírico e descritivo
3	Indústria Criativa (esta sendo confundida com Indústrias Culturais)	Nulo. O conceito de Indústria Cultural foi demasiadamente utilizado de modo incipiente. Dessa forma, conclui-se que os Estudos Culturais como aporte teórico também foram utilizados de maneira equivocada.	Descritivo
4	Mediação midiática	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
5	Não identificado	Nulo. Não foi possível perceber entrelaçamentos dos Estudos Culturais na proposta das autoras. Analisam, sob a égide da Análise do Discurso, reportagens sobre as representações dos sujeitos doadores de órgãos.	Empírico e exploratório
6	Cultura da internet	Nulo. Não foi possível identificar o que está sendo analisado de acordo com os Estudos Culturais porque isso não ficou explícito no texto, uma vez que a abordagem dos EC não é possível de ser depreendida.	Empírico
7	Identidade do Movimento Sem Terra; Mediações midiáticas; Memória	Se aproxima totalmente da perspectiva decolonial	Empírico
8	Gênero e Sexualidade; Identidades; Representação	Embora não faça menção aos Estudos Culturais, o estudo abarca elementos dos EC, e, portanto, se inscreve como um estudo sobre EC. Contudo, a capacidade aguçada do autor em tecer críticas acerca de diversos elementos (universalização do sujeito heteronormativo, dissolução de informações, estigmas das diferenças etc.). considerou-se que a obra aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial.	Exploratório e descritivo
9	Comunicação (abordagem cultural da Comunicação enquanto campo científico)	Apesar de não tratar de uma investigação sobre os Estudos Culturais, corrobora elementos importantes para se pensar a EC o a	Descritivo

		configuração cultural da Comunicação na temporalidade social. Embora não seja sobre EC, notou-se aproximação parcial do artigo á perspectiva decolonial.	
10	Recepção; Mídia e consumo; Identidades	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Descritivo e empírico
11	Gênero e sexualidade; Identidades; Etnia	Ainda que não cite em nenhum momento os Estudos Culturais, o estudo foi selecionado porque dentre os objetos de investigação dos EC, convergentes aos ED, está a análise sobre a literatura. Faz um crítica sofisticada sobre a representação dos indígenas na literatura. Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial.	Empírico, descritivo e exploratório
12	Cultura de massa; Consumo; Representações	Nulo. Embora traga elementos sofisticados acerca dos Estudos Culturais e tenha uma metodologia rigirosa, não se aproxima da perspectiva decolonial.	Empírico
13	Comunicação e mediação (dispositivos de comunicação para crianças indígenas surdas)	Nulo.	Empírico e exploratório
14	Cultura popular	Nulo	Empírico
15	Cultura popular; Literatura	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
16	Literatura; Representação	Nulo. Embora o artigo trate de objetos ancorados nos Estudos Decoloniais, o mesmo foi selecionado porque abarca construtos dos Estudos Culturais. Contudo, não verificou nenhuma aproximação entre os dois campos de investigação na pesquisa.	Empírico e descritivo
17	Representação; Literatura	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Empírico e descritivo
18	Cultura de massa; Consumo	Nulo. O texto apresenta caráter elitista e mobiliza literatura majoritariamente fora do contexto latino-americano para tratar dos Estudos Culturais. Além disso, o método utilizado e o objetivo não ficaram explícitos.	Exploratório e descritivo
19	Identidade; Gênero; Etnia	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo
20	Representação; Mediações midiáticas; Consumo	Não cita decolonialidade, mas a forma como a autora desenvolve suas ideias demonstram uma criticidade sobre a produção do saber e do poder, por exemplo. O desenvolvimento da autora demonstra uma aproximação com os estudos pós-coloniais. Foi possível perceber a aproximação do debate decolonial pela forma como ela se posiciona de forma crítica diante dos expostos. Portanto, aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
21	Representação; Literatura; Nacionalidade	Embora o artigo trate de objetos ancorados nos Estudos Decoloniais, o mesmo foi selecionado porque abarca construtos dos Estudos	Exploratório e descritivo

		Culturais. Notou-se uma aproximação parcial de ambos os campos de estudo	
22	Estudos Culturais; Estudos Decoloniais	Articula ambos os campos de estudo de forma consolidada e sistêmica, sendo considerado, portanto, um artigo que se aproxima totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo
23	Inteculturalismo; Mediações comunicacionais e midiáticas	Nulo	Empírico
24	Consumo. Mediações comunicacionais e midiáticas	Nulo	Empírico
25	Mediações midiáticas e representações	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Empírico
26	Cultura da mídia	Nulo	Exploratório e descritivo
27	Representação e sexualidade; Identities; Etnia	Não traz os Estudos Culturais como aporte ou fundamentação, mas ao tratar de representação (sexo, gênero, raça, classe) a partir da visibilidade fomentada pelas redes sociais, bem como o ativismo que esses espaços fomentam, se inscreve nos estudos de interesses dos EC. Notou-se fortes convergências entre os objetos supratranscritos, que são da ordem dos EC, com a perspectiva dos EC, tornando o estudo totalmente compatível com a perspectiva decolonial.	Descritivo e empírico
28	Gênero; Identidade; Representação	Não traz os Estudos Culturais como aporte ou fundamentação, mas ao tratar de representação (sexo, gênero, raça, classe), identidade e direitos associativos das mulheres, se inscreve nos estudos de interesses dos EC. Embora trate da decolonialidade, os elementos de aproximação entre EC e ED e de acordo com critérios pré-estabelecidos para a avaliação que segue na presente tabela, optou por considerar este um estudo que faz uma articulação total entre EC e ED.	Descritivo
29	Recepção e audiência midiática	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial	Empírico e descritivo
30	Estudos Culturais; Espaços digitais	Nulo	Empírico
31	Não houve um objeto específico para análise primária. Citam objetos de investigação dos Estudos Culturais, sobre os quais foram citados identidade, gênero, raça, cultura popular	Nulo	Exploratório e descritivo
32	Identities e etnia; Gênero	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo
33	Gênero e sexualidade; Identities; Etnia	Não traz os Estudos Culturais como aporte ou fundamentação, mas ao tratar de representação (sexo, gênero, raça, classe), identidade e direitos associativos das mulheres, se inscreve nos estudos de	Empírico

		interesses dos EC. Embora trate da decolonialidade, os elementos de aproximação entre EC e ED e de acordo com critérios pré-estabelecidos para a avaliação que segue na presente tabela, optou por considerar este um estudo que faz uma articulação total entre EC e ED.	
34	Cultura popular; Gênero e sexualidade	Nulo	Empírico
35	Educação pedagógica; Objetos dos EC em geral envolve elementos de raça, gênero, sexualidade, classe, feminismo, identidade)	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
36	Identidades; Etnia; Literatura	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
37	Representação; Identidades; Etnia	Pauta a Teoria das Representações Sociais, mas não cita os Estudos Culturais nesses estudos de representação midiática. Aproxima-se, nesse sentido de estudos que se inserem no grupo de pesquisa confluentes com as desenvolvidas sobre o aporte dos Estudos Culturais. Contudo, não notou, a partir dos critérios utilizados para a avaliação, aproximações entre a proposta e a perspectiva decolonial, fazendo com que o trabalho fosse encaixado na categoria nulo .	Empírico
38	Identidades; Migração; Nacionalidade; Etnia	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Empírico e descritivo
39	Representação; Identidades; Gênero; Etnia	Apesar de não citar os estudos culturais ou estudos decoloniais, o texto apresenta convergências com pautas investigadas pelos estudos culturais, bem como foi estruturado de uma forma decolonial, uma vez que o próprio objetivo e as conclusões proporcionadas pela investigação fornece subsídios para a compreensão de uma sociedade moderna pautada na lógica eurocêntrica sobre os padrões de beleza nas campanhas de publicidade. Contudo, ao questionar o lugar das mulheres gordas e negras nas campanhas da Avon e da Natura, as autoras se aproximam-se da perspectiva decolonial sobre a colonialidade do ser, entendidas aqui como promoção ou indução de padrões de beleza universais. Posto isso, esse estudo foi consideração de aproximação parcial da perspectiva decolonial.	Empírico e descritivo
40	Estudos Culturais; Estudos em Comunicação	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Exploratório e descritivo
41	Representação; Mediações Comunicacionais	Aproxima a Comunicação totalmente à perspectiva decolonial.	Empírico
42	Representação; Literatura; Gênero	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo

43	Estudos Literários; Literatura; Representação; Gênero	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo
44	Cinema; Representação; Etnia	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo e exploratório
45	Representação	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial. Apesar de não citar os Estudos Culturais, o texto faz uma análise acerca de representações na literatura, o que permite identificar elementos, entendidos nesse trabalho como objeto de investigação (representação e literatura), dos EC. Articula boas proposições entre essas aproximações entre literatura, representações e decolonialidade, concluindo que há uma ruptura entre as representações feita pela História e pela Literatura.	Descritivo
46	Representação; Currículo Pedagógico; Práticas Educacionais	Aproxima-se parcialmente da perspectiva decolonial.	Empírico
47	Currículo pedagógico; Literatura; Representação; Ensino de Arte	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Descritivo e exploratório
48	Cultura popular; Representações; Periferia; Educação popular	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Empírico
49	Gênero e Sexualidade; Redes sociais	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Empírico e exploratório
50	Etnia; Linguística; Currículo escolar	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial. Contudo, não trata dos Estudos Culturais. Todavia, a obra se inscreve nos estudos de interesses dos EC. Não se pode dizer, no entanto, que essa aproximação entre EC e ED é da ordem da totalidade, considerando, portanto, um estudo que apenas insere elementos convergentes entre ambos os campos. Para que não haja enviesamento científico, considera este estudo na categoria nulo .	Empírico
51	Gênero e Sexualidade; Corpo; Classe	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Empírico
52	Cultura Popular; Literatura; Arte Contemporânea	Aproxima-se totalmente da perspectiva decolonial	Empírico
53	Literatura; Dramaturgia; Representação (diz-se de representação nesse estudo a capacidade de representar, atuar)	Nulo	Empírico

Fonte: Elaboração própria.

Os critérios utilizados para a consideração de aproximação das produções ancora-se em: a) capacidade do autor em estabelecer críticas sobre as formas de configuração das produções científicas e quais os fatalismos cometem no que diz respeito ao *modus* de realizar um trabalho sob a cultura positiva da ciência; b) quantidade do uso de autores internacionais e nacionais como base ou fundamentação teórica, objetivando verificar como esses usos podem refletir na busca por uma legitimação do saber a partir de referências supranacionais; c) capacidade do uso da subjetividade, a fim de subverter com a ideia de uma produção científica que considera objetividade e afastamento do autor do objetivo proposto; d) quantidade do uso de autores masculinos e femininos como aportes teóricos, visando romper com a retroalimentação de uma produção científica sexista e patriarcal; e) comparações entre experiências nacionais e internacionais em pesquisas comparadas; f) capacidade de estruturar o enredo da pesquisa a partir do uso de narrativas/discursos que reforcem ou não a colonialidade do saber, do ser e do poder, conforme evidências capazes de serem identificadas a partir do que a matriz colonial de Quijano (2000) subsidia como vestígios da manutenção colonial; e g) uso da Comunicação e das práticas comunicacionais como dinâmica relacional, alterando o entorno sociocultural mediados por elas como oriundos de uma mecanização/instrumentalização dos indivíduos.

Foi possível perceber que os Estudos Culturais aparecem nas pesquisas como subsídios para o aporte teórico, compreendendo o conjunto de práticas socioculturais que o permeiam como objetos capazes de oferecer contributos acerca das temáticas de análise. A fim de verificar quais léxicos e coocorrência de palavras estariam diretamente imbricadas aos EC, e advertidos de que essa seria uma tarefa difícil se realizada apenas a partir das inferências subjetivas, o *corpus* foi tratado pelo *software IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2*, gerando a nuvem de palavras abaixo.

Figura 2 – Frequência de Palavras



Fonte: Elaboração própria. Dados gerados do *IRaMuTeQ 0.7 Alpha 2*.

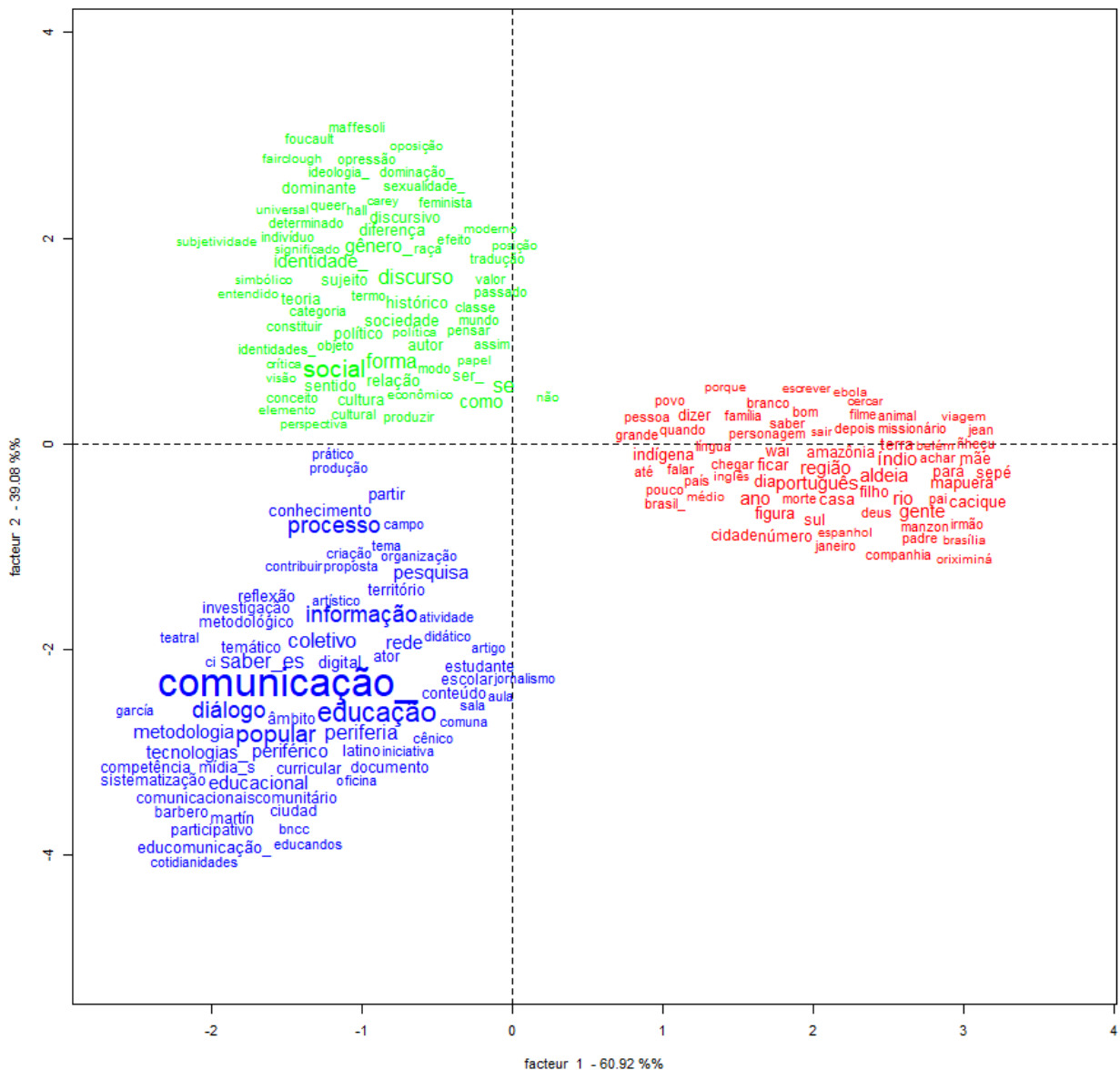
Nesse ínterim, constata-se que as expressões que mais se destacam, a partir dos Estudos Culturais como referência central, são **social** (n = 3062), **indígena** (n = 2622), **relação** (n = 2443), **cultura** (n = 2018) e **cultural** (n = 1812). Nota-se, portanto, que o termo de maior coocorrência no *corpus* é o termo *social*, referindo-se aos meandros sociais que abarcam os EC como denominadores envolvidos nas relações sociais, ou seja, as relações étnicas, de gênero, representatividades, identidades e as demais temáticas supramencionadas neste tópico. Além disso, o *corpus* demonstra uma maior quantidade de estudos que envolvem a etnia indígena, como objeto de estudo.

Percebe-se ainda que o termo Estudos Culturais (n = 241) aparece de forma sutil, uma vez que, como foi explicitado, o *corpus* foi constituído a partir das obras que envolvessem elementos dos EC ainda que não houvesse menção do campo de investigação em voga, concluindo fortes evidências de um tratamento atomizado entre os objetos de estudos dos EC e os EC como um campo de investigação de abordagem interdisciplinar.

Essa evidência é constatada a partir das classes geradas a partir do Método de Reinert do *software IRaMuTeQ* que ilustra uma atomização entre a abordagem das dinâmicas que

interessam os EC, como também dos Estudos Decoloniais, isto é, conclui-se que, de maneira geral, a aproximação entre Estudos Culturais e Estudos Decoloniais não tem sido eficazmente desenvolvida pela literatura brasileira, havendo dissociação entre eles, como verifica-se na figura abaixo, a partir do gráfico que elucida as distâncias entre os termos agrupados em Classes de Palavras.

Figura 3 – Gráfico gerado a partir do Dendograma, a partir da Classe de Palavras da distância de desvio entre os *clusters*

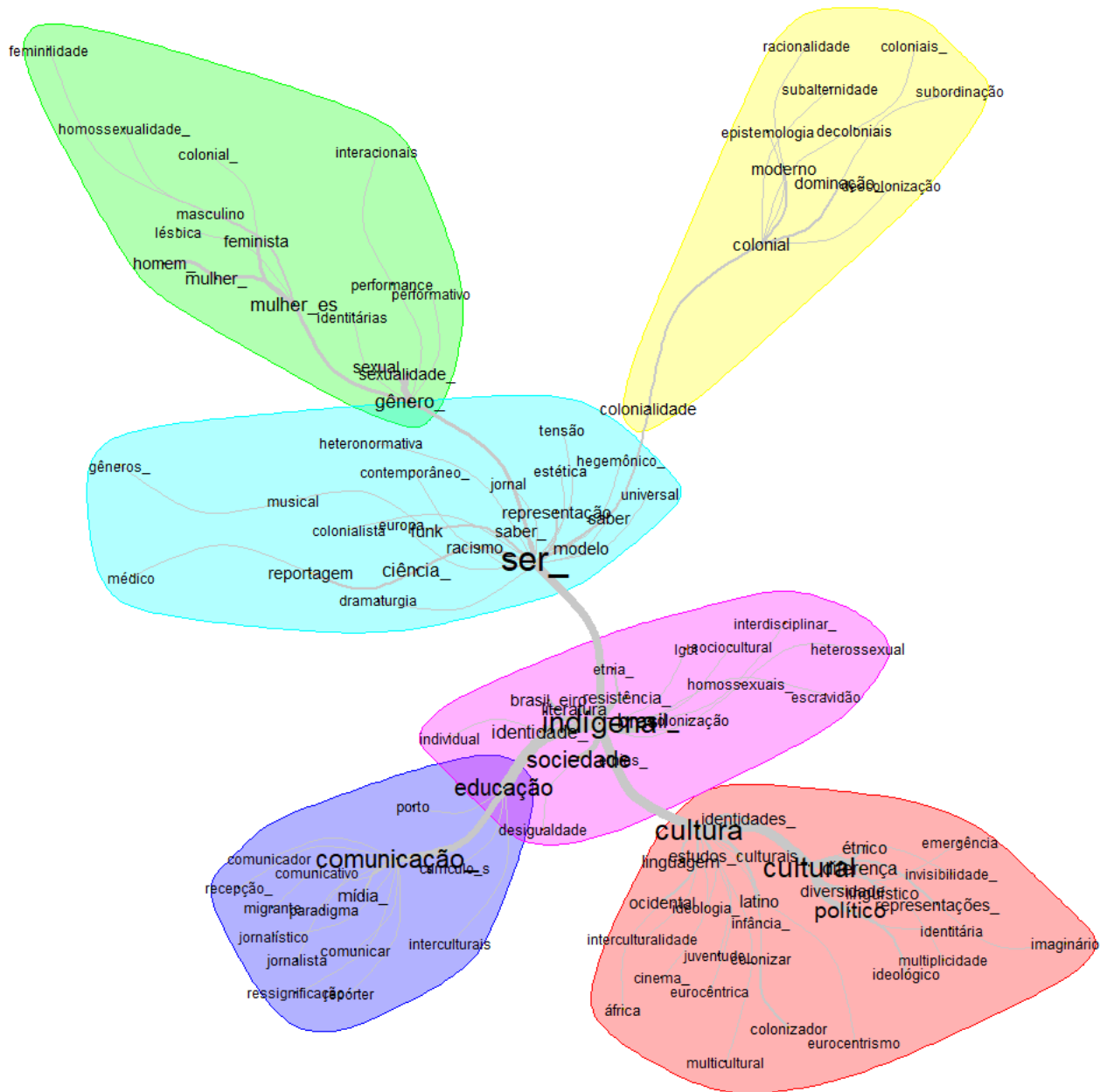


Fonte: Elaboração própria. Dados gerados a partir do *IRaMuTeQ Alpha 2*.

Com o auxílio do *IRaMuTeQ*, verificou-se que, a partir da análise completa do *corpus*, que as similitudes entre as estruturas textuais ocorrem de acordo com as correlações entre os léxicos, sendo que indígena está no epicentro e se desdobra em outros seis *clusters*. Os Estudos Culturais, inseridos dentro do *cluster* em rosa (Vide Figura 3) estão diretamente associados ao termo cultura, enquanto esfera pública das relações sociais humanas em que se desdobram os fenômenos sociopolíticos que regem as experiências coletivas que emerge de interrelações entre os fenômenos que interessam aos Estudos Culturais.

Constatando novamente as inferências apresentadas sobre a atomização do tratamento da produção científica brasileira entre os objetos dos EC e dos ED, nota-se que as ramificações que emanam do léxico *ser*, fazem parte dos ED e não apresenta aproximações correlacionadas, não sendo possível constatar nem mesmo relações próximas entre eles – tendo como referência o Diagrama de Venn –, como ocorre entre as cores em lilás (*cluster* para *indígena*) e azul-violeta (*cluster* para *comunicação*).

Figura 4 – Grafo de Similitude das correlações lexicais



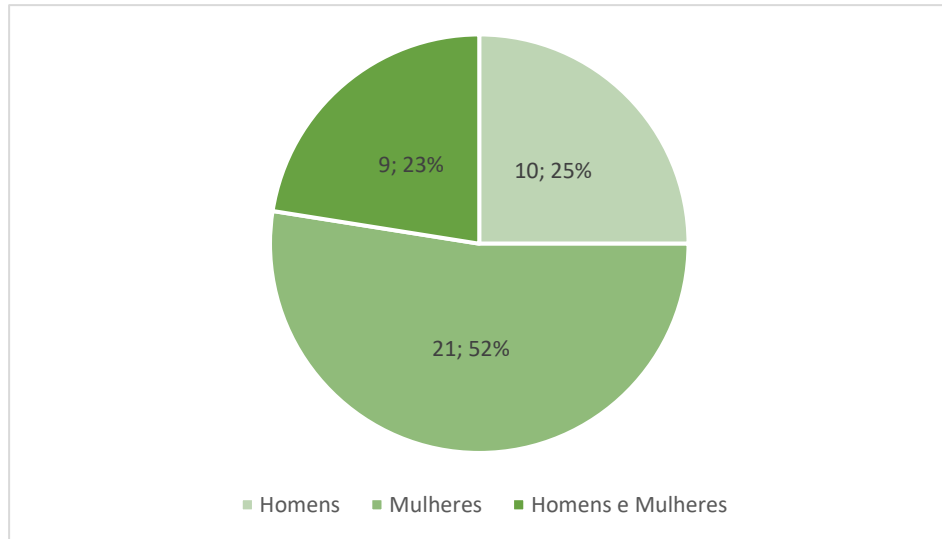
Fonte: Elaboração própria. Dados gerados do *IraMuTeQ 0.7 Alpha 2*.

Complementando a Revisão Sistemática de Literatura, a Revisão Integrativa de Literatura corrobora o requinte da investigação, uma vez que permite combinar técnicas amplas e concatenar estudos empíricos, teóricos e conceituais (SOUZA *et al*, 2010). Enquanto a RSL auxilia na síntese do conteúdo do *corpus*, conforme o supratranscrito, a RIL ornamenta aspectos caros para estudos que têm as revisões como propósitos, complementando as inferências primárias. Posto isso, aplica-se, em consonância à RSL, a RIL nessa pesquisa, transformando elementos extraordinariamente importantes de serem ilustrados a fim de oferecer subsídios para apontamentos e tratamento acurado da amostra, no qual os dados visuais sintetizam a pragmática da produção científica.

A pesquisa identificou que com relação aos artigos científicos (n = 40) o gênero feminino sobressai com relação à autoria dos estudos. Infere-se, portanto, que o campo dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais no Brasil, tem sido um campo de investigação de interesse majoritariamente feminino, convergindo com a relação gênero-obra das autoras que se destacam no contexto brasileiro, conforme apresentado na Tabela 1.

Faz-se necessário salientar que todas as Figuras apresentadas neste item envolvem todas as produções selecionadas para a constituição do *corpus*, ou seja, embora algumas obras não tratem dos Estudos Culturais especificamente, ao apresentar objetos de investigação que são oriundos dos EC, considerou-se que essas comporiam o conjunto amostral, haja vista o tratamento de indissociabilidade que essa pesquisa está considerando de elementos dos Estudos Decoloniais aos Estudos Culturais, uma vez que o segundo lança mão para que estudos do primeiro comecem a emergir, conforme descrito no Capítulo 1 do presente estudo acerca das premissas científicas de orientação pós-colonial que os EC promoverão.

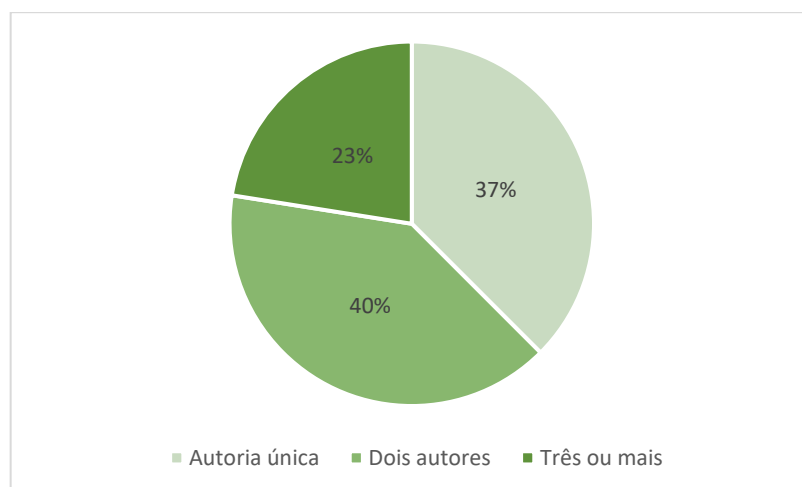
Figura 5 – Relação gênero-obra em artigos científicos



Fonte: Elaboração própria.

Para que a proporção de homens ($n = 10$) e mulheres ($n = 21$) da Figura 3 não fosse subjetiva e enviesada, a Figura 4 reafirma a hipótese supratranscrita ao considerar a quantidade de autor por obra, pois não foi duplicada a quantidade de homens e mulheres por produções. As mensurações receberam tratamentos diferentes; para a relação gênero-obra foi considerado se o artigo era de autoria masculina, feminina ou ambos, enquanto para a relação da quantidade de autor foi considerado apenas o número de atores envolvidos na produção. Conclui-se que tanto as obras de autoria única quanto àquelas que apresentam dois autores, são majoritariamente femininas.

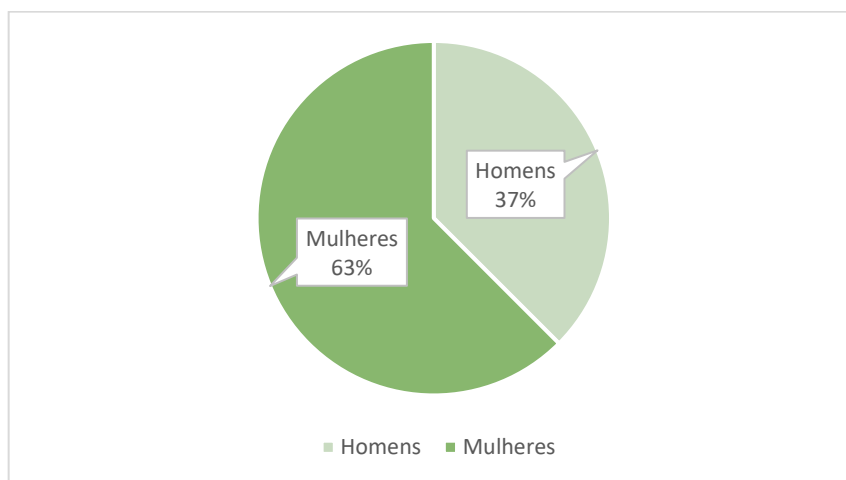
Figura 6 – Relação da quantidade de autor por obra em artigos científicos



Fonte: Elaboração própria.

Considerando que as produções desenvolvidas na pós-graduação (mestrado e doutorado) sempre são de autoria única, optou-se por não mensurar os dados de forma compilada, pois os resultados da Figura 3 e 4 seriam alterados e com margem de erro considerável. Tratando então essas produções de forma individualizada, constatou-se que as dissertações de mestrado (n = 8) também foram desenvolvidas majoritariamente por mulheres, sendo 5 produções realizadas por mulheres e 3 por homens.

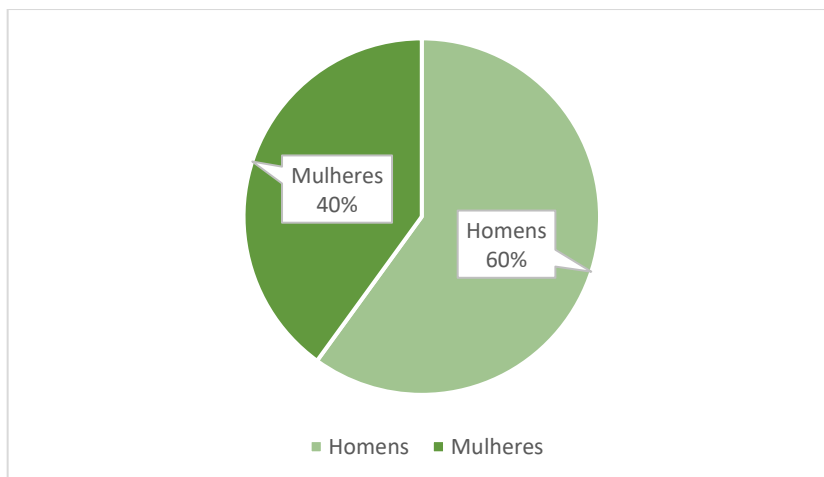
Figura 7 – Relação gênero-obra em dissertações



Fonte: Elaboração própria.

Sob a mesma justificativa, as teses de doutorado também receberam mensurações individuais. Foram 3 teses desenvolvidas por homens e 2 por mulheres, contrapondo, pela primeira vez na mensuração, a quantidade de obras desenvolvidas por homens e mulheres.

Figura 8 – Relação gênero-obra em teses

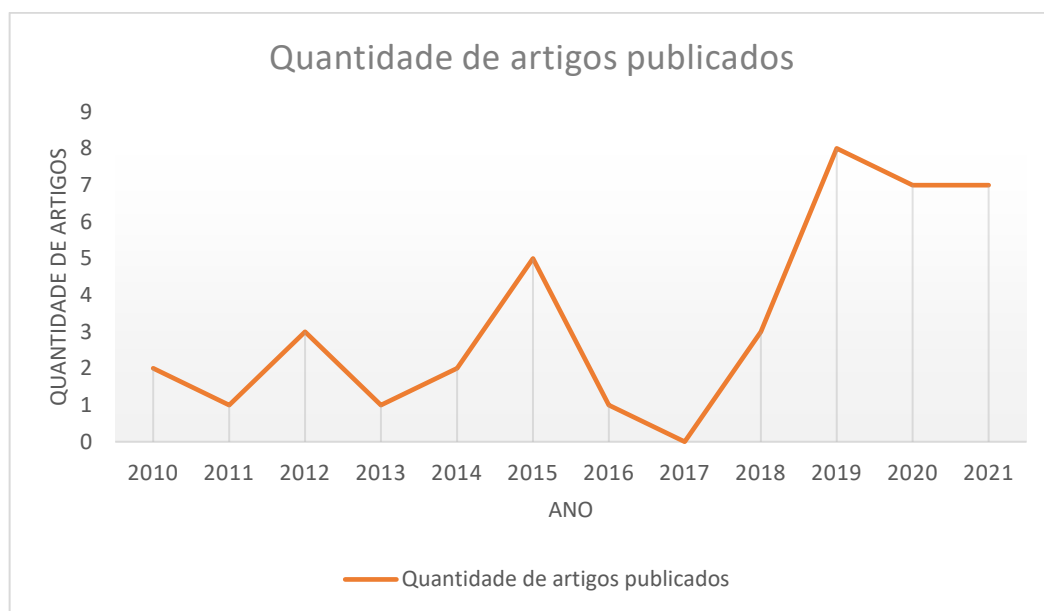


Fonte: Elaboração própria.

Conclui-se, portanto, que o *corpus* tem maior visibilidade feminina na autoria. Essa conclusão contraria as hipóteses preliminarmente inferidas, pois advertido que o espaço acadêmico ainda se instaura por uma cultura patriarcal, acreditou-se que o número de publicações reforçaria a estatística de que teriam mais cientistas do gênero masculino produzindo ciência do que cientistas femininas. Todavia, ressalta-se que não se pode perder de vista que os dados mensurados não têm o objetivo de constatar a presença de homens e mulheres na academia, o que, no contexto dos estudos em Comunicação, pode ser uma orientação de trabalhos futuros.

Quanto às publicações de artigos, e considerando os últimos 10 anos como recorte temporal para este estudo, apurou que estudos acerca dos Estudos Culturais tem tido acréscimos consideráveis, em comparação com o ano base, 2010, tendo queda entre 2016 e 2017. Conforme a Figura 7, as oscilações no número de artigos publicados revelam queda nos últimos dois anos, sendo que o ano que mais houve artigos publicados que convergem com a proposta e objetivo dessa pesquisa foi 2019. Em 2020 e até a data de encerramento dessa pesquisa em 2021, os números se mantiveram estáticos, com destaque para estudos de gênero e sexualidade, representações e identidades e etnia.

Figura 9 – Relação da quantidade de artigos publicados por ano

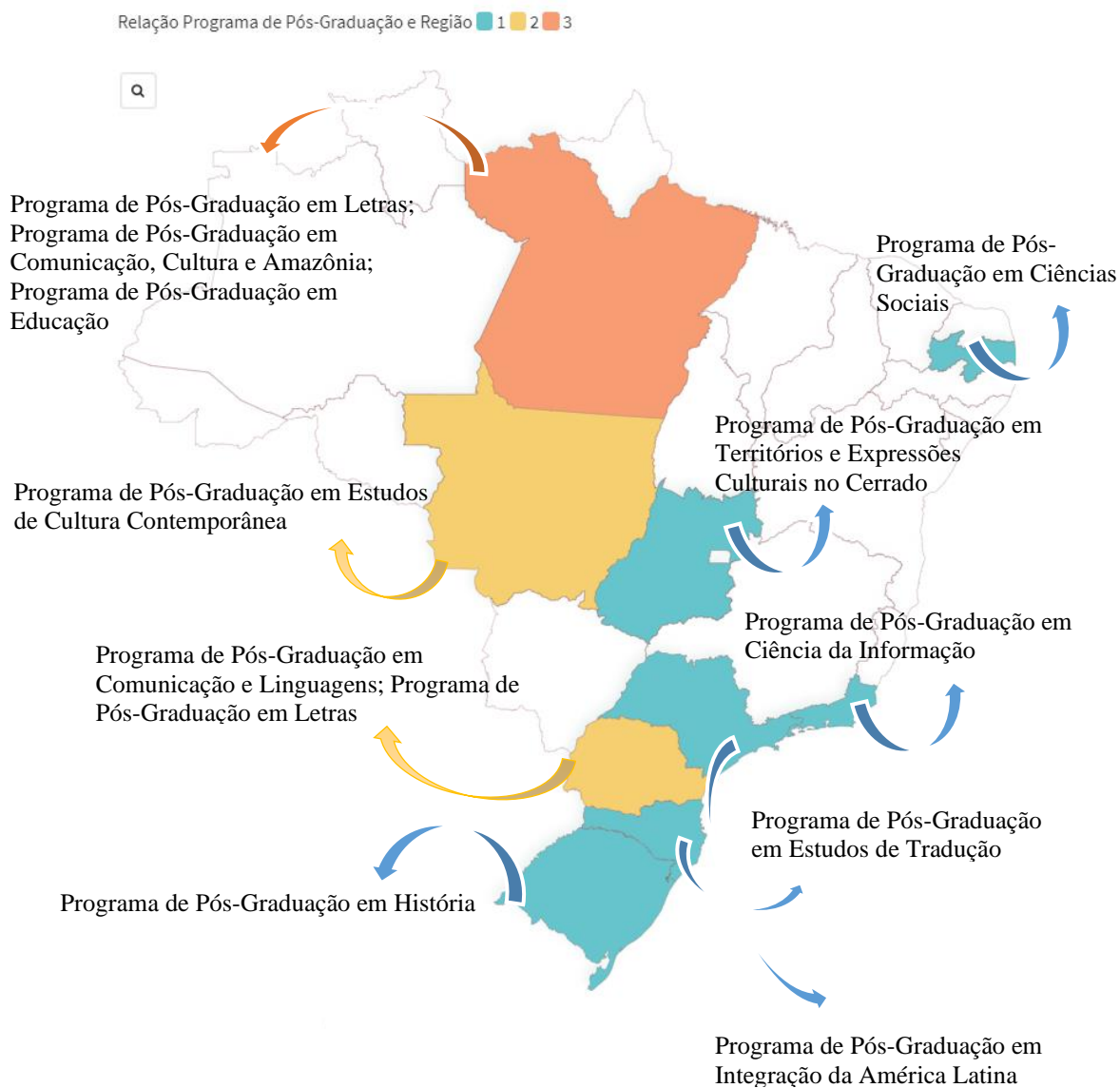


Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos Programas de Pós-Graduação, evidenciou concentração de defesas de duas dissertações e uma tese na região norte do Brasil (UFPA). Apenas uma tese foi verificada na

Instituição com o maior conceito CAPES (UFRJ) das avaliações dos Programas, registrando defesas majoritariamente realizadas em Instituições com conceito CAPES 4.

Figura 10 – Mapeamento dos Programas de Pós-Graduação por região brasileira



Fonte: Elaboração própria.

Os dados apresentados se inscrevem na verificação da quantificação de sujeitos interessados nos objetos dos Estudos Culturais e Estudos Decoloniais, quais emergências e tensões dos campos e como essas produções científicas, desenvolvidas sobretudo no campo da Comunicação, têm aproximado o debate dos EC ao ED. Entretanto, verificou que a Comunicação, enquanto área trans e multidisciplinar, não poderia sofrer, na presente pesquisa,

um reducionismo da ciência da positivista e considerar apenas estudos realizados dentro da Comunicação.

Foi necessário abarcar aspectos gerais que envolvem as premissas das práticas comunicacionais e os objetos de estudo que são mediados por ela [a Comunicação] em outros campos de saberes e em investigações realizadas por cientistas que partem das premissas e epistemologias da Comunicação de modo a ampliar o *background* das teorias e práticas que envolvem as mediações sociais e culturais dos indivíduos em redes discursivas e constituição das subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo principal atender ao objetivo de compreender e analisar como as produções científicas brasileiras têm aproximado os Estudos Culturais, realizados em Comunicação, ou com aporte das práticas comunicacionais, com os estudos de orientação Decolonial. A proposta, satisfatória ao cumprimento do objetivos propostos, partiu de um problema de pesquisa que emerge da inquietude de como os estudos realizados no Brasil pautam-se sobre a égide de uma ciência positiva e que, portanto, corroboram com a fomentação de um saber colonial que naturaliza, essencializa e universaliza a ciência também como um projeto moderno constituída a partir da canonização de epistemologias que se inscrevem numa cultura progressista do saber.

As dissidências propostas pelos estudos de orientação pós-colonial, entretanto, relativiza as essências universais e lança mão para uma produção do saber que considera a subjetividade dos povos dominados, causando distensão nos denominadores que compõem a cultura – que é da ordem das preocupações, legitimações e limitações da ciência. Nesse sentido, os Estudos Culturais, como um campo de investigação que proporia a relativização da cultura e dos sentidos que a permeiam, faz surgir estudos ainda mais sofisticados e nascentes em territórios colonizados.

Considerando a amplitude e segmentações da América Latina, essa monografia não buscou esgotar, ou mesmo legitimar de forma contraditória, como os Estudos Culturais têm implementado a perspectiva Decolonial em pesquisas. Delimitando o recorte para o Brasil, o ensejo da pesquisa verificou quais os fatalismos da produção científica brasileira e buscou oferecer um panorama sistêmico e rigoroso acerca do problema de pesquisa.

Dentre os fatalismos verificados, constata-se constantes comparações do contexto brasileiro com experiências de outros países, ausência do fornecimento de críticas acerca de determinados elementos analisados e uma necessidade extrema do uso de literaturas internacionais, o que contribui para uma séria ideia de que o Brasil é retrógrado nas mesmas produções realizadas pelos autores. Além disso, não foi possível verificar propostas de intervenções exequíveis em quase nenhuma das obras para a Decolonização das práticas comunicacionais ou mesmo dos veículos que mediam a formação da opinião pública e corrobora a constituição das subjetividades e norteiam a esfera pública.

Embora tenha utilizado filtros nas plataformas de busca do conjunto amostral, as buscas retornavam com obras que não atendiam ao objetivo da pesquisa, sendo possível observar que

o uso do termo *Comunicação* aparecia como sinônimo de *Discurso*. Por isso, reitera-se, a escolha dos métodos e a realização de dupla leitura de cada obra selecionada para a constituição do *corpus*.

O estudo optou pela inserção de obras que envolviam as práticas comunicacionais e suas mediações no que diz respeito a gênero, identidades, consumo, cultura popular, literatura, representações etc., não fazendo restrição de estudos realizados apenas em Comunicação ou por comunicadores. Nesse sentido, a Comunicação foi pensada como uma ciência interdisciplinar que está imbricada a outros campos de saberes. Todavia, percebeu-se que o uso dos Estudos Culturais por autores que não são das áreas Comunicação carece de melhores aportes, pois usos inconsistentes e a redução dos EC como sinônimo de estudos de cultura, ou seja, como se não tivessem um rigor epistemológico e metodológico dos EC, foram notadamente verificados.

Considerando que a maioria das obras não se aproxima ou aproxima-se parcialmente da perspectiva Decolonial, sobretudo no *modus* de como essas produções estão envoltas pela colonialidade do saber em seus interdiscursos, conclui que as produções científicas brasileiras não têm aproximado estudos sobre os fenômenos/objetos/temáticas mediados pelas práticas comunicacionais, enredados pelos Estudos Culturais, com as proposições dos Estudos Decoloniais. Verificou-se fatalismos nas escolhas lexicais e nas formas de legitimação do saber e do ser – tendo o *alter* como objeto de investigação e exploração.

Destarte, desconhecendo trabalhos que faça a junção de Estudos Culturais e Estudos Decoloniais, e considerando que ambos são campos imbricados e embebidos de objetos de estudo correlativos, propõe-se que novos estudos sejam desenvolvidos, a fim de que seja criada um Modelo Epistemológico que possa avaliar e evitar os fatalismo científicos e empíricos em dinâmicas relacionais que fruem da Comunicação, bem como prospectar meticolosas evoluções sejam realizadas para a Decolonização dos veículos de comunicação hegemônico.

A opinião pública, as subjetividades e as tensões dos imaginários sociais são mediadas por esses espaços que ocupam lugar de centralidade na formação dos sujeitos que não precisam mais, na contemporaneidade, estarem acorrentados pelas colonizações discursivas que os afetam sobre o discurso de objetividade e progresso nacionalista – que se inscrevem em novas configurações e visibilidades da colonialidade do ser, do saber e do poder e se assentam nas distopias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. de S. Didáticas decoloniais no Brasil: uma análise genealógica. **Revista Educação**, v. 45, pp. 1-24, 2020. Disponível em: < <http://oaji.net/articles/2021/253-1617056519.pdf> >. Acesso em 26 abr. 2021.

ABREU, F. B. **Memória e História em El país de la Canela de William Ospina**. 2018. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

AGUILAR, M. A. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve recurso de sua história e proposta. **Conhecimento Online**, Ano 9, Vol. 1, pp. 36-44, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/460> >. Acesso em 21 abr. 2021.

ALMEIDA, C.; MASSARINI, L.; MOREIRA, I. C. Representações da ciência e da tecnologia na literatura de cordel. **Bakhtiniana**, v. 11, n. 3, p. 5-25, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/bak/a/smgG7VksTtn7x3QDXcbKWbb/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 31 maio 2021.

ANIBAL, Q. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

ASSIS, W. F. T. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Cadernos CRH**, v. 27, n. 72, pp. 613-627, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/mT3sC6wQ46rf4M9W7dYcwSj/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 16 mar. 2021.

BACKES, J. L.; PAVAN, R.; FETZNER, A. R. Paulo Freire e os estudos culturais: Pistas para convergências possíveis. **Práxis Educativa**, v. 16, p. 1-16, 2021. Disponível em: < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16539> >. Acesso em 30 jun. 2021.

BAPTISTA, M. M. “Estudos culturais: o quê e o como da investigação”, **Carnets**, Cultures Littéraires: nouvelles performances et développement, n° spécial, automne / hiver 2009, pp. 451-461. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/carnets/4382> >. Acesso em 18 fev. 2021.

BARBOSA, J. F. A.; SANTOS, M. S. T. Comunicação, economia criativa e desenvolvimento local: a experiência do ‘Núcleo de Comunicação Bombando Cidadania’. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 2, p. 61-80, 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/interc/a/WySpwCWZhHsg6KDXgcHQHFr/?format=html&lang=pt> >. Acesso em 1 jul. 2021.

BARBOSA, V. L. E.; D’ÁVILA, M. I. Colonialidade e práticas cotidianas em Minas Gerais – Brasil. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, pp. 86-102, 2017. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n1/07.pdf> >. Acesso em 26 abr. 2021.

BICUDO, M. A. V. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. **Revemat**, v. 9, pp. 7-20, 2014. Disponível em: < <http://mariabicudo.com.br/resources/ARTIGOS/Meta-an%C3%A1lise%20seu%20significado%20para%20a%20pesquisa%20qualitativa.pdf> >. Acesso em 23 abr. 2021.

BOAVENTURA, K. T. **Recepção e Estudos Culturais: uma relação pouco discutida**. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Brasília, Brasília, DF.

BOAVENTURA, K. T.; MARTINO, L. C. Estudos Culturais Latino-Americanos: convergências, divergências e críticas. **Intertexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, pp. 3-19, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/12802/8692> >. Acesso em 21 abr. 2021.

BOLAÑO, C. Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre a economia política e estudos culturais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 78, pp. 223-239, 2021.

Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/184938> >. Acesso em 26 maio 2021.

BONÁCIO, D. Representações da masculinidade em crise: legados pós-modernos. In. TASSO, I.; NAVARRO, P. (Orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**, 2012. 304 p.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 2, pp. 121-136, 2011.

BRASIL, J. A. CABECINHAS, R. Diálogo intercultural e relações intergrupais na Europa: contributos dos Estudos Culturais e da Psicologia Social. **Comunicação e Sociedade**, p. 89-103, 2019. Disponível em: < <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1038> >. Acesso em 28 ago. 2021.

BRIGNOL, L. D. Tecnicidades e Identidades Migrantes nos Usos Sociais das Mídias: Uma Aproximação à Diáspora Senegalesa no Sul do Brasil. **Revista Dados**, v. 64, n. 2, p. 1-36, 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/dados/a/gNWyz9bKLJh79zCVYbJZkz/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 24 ago. 2021.

BRUNO, M. M. G.; LIMA, J. J. M. S. As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 1, p. 127-142, 2015. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382015000100127&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em 1 de jun. 2021.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016 >. Acesso em 12 abr. 2021.

CARDOSO, V. P. **Ciência brasileira nos principais sites de notícia: Um retrato colonial**. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT.

CARVALHO, A. B. G. P. de; ALVES, T. P. Narrativas dos professores nas redes: o percurso dos professores na Educação Básica. **Educar em Revista**, v. 36, pp. 1-25, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/er/a/st6TR3J4bdK43SrDWWHfHFq/?lang=pt> >. Acesso em 28 maio 2021.

CASANOVA, P. G. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, A. A.; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. (Orgs.). **A Teoria Marxista Hoje – Problemas e Perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. 528 p.

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da 'invenção do outro'. In: LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. 130 p.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003. 77 p.

CEVASCO, M. E. Estudos Culturais: fim de linha ou aposta na relevância?. In: FILHO, F. F. L.; BAPTISTA, M. M. (Orgs.). **Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Santa Maria: UFSM, 2016. 382 p.

CORDEIRO, F. R.; KRUSE, M. H. L. A produção do currículo do final da vida por meio do dispositivo pedagógico da mídia. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1193-1205, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/rmYpYbCP6Y5Myh9n9nxzpbx/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 31 maio 2021.

COSTA, B. S. L.; RIBEIRO, S. S. A representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 54, pp. 101-121, 2018. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182018000200101&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em 31 maio 2021.

COSTA, J. C. Augusto Comte e as origens do Positivismo. **Revista de História**, v. 1, n. 3, pp. 363-382, 1950. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34860/37598> >. Acesso em 20 abr. 2021.

CUGOANO, Q. O. **Thoughts and Sentiments on the Evil and Wicked Traffic of the Slavery and Commerce of the Human Species**. Grã-Bretanha: Penguin Books, 1999. 244 p.

CUNHA, R. B. B e.; GOMES, R. Os jovens homossexuais masculinos e a sua saúde: uma revisão sistemática. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, s.n. 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/wZJ5cYchyLrgvmptgKMWKcP/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 31 maio 2021.

DANFÁ, L.; L. S.; TORRES, A. R. R. ALÉSSIO. Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África. **Athena Digital**, v. 21, n. 1, p. 1-29, 2021. Disponível em: < <https://atheneadigital.net/article/download/v21-1-danfa-alessio-torres/2342-pdf-pt/12769> > Acesso em 24 ago. 2021.

DAROS, O. A transição da crítica imanente para a transcendente nos estudos de Douglas Kellner sobre cinema e televisão. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 2, pp. 51-64, 2019. Disponível em: <

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442019000200051 >.

Acesso em 28 maio 2021.

DIAS, N. Imigração, patrimônios culturais e coesão social em contexto de subdiversidade.

Cidades – Comunidades e Territórios, v. 29, p. 1-16, 2019. Disponível em: <

<https://journals.openedition.org/cidades/1689?lang=en> >. Acesso em 30 jul. 2021.

DIMENSTEIN, M.; SILVA, G. N.; DANTAS, C.; MACEDO, J. P. S.; LEITE, J. F.; FILHO,

A. A. Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano.

Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 3, 2020. Disponível em: <

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/61905> >. Acesso em 25 ago. 2021.

DUSSEL, E. 1492: **El encubrimiento del Otro: hacia el origen del “Mito de la Modernidad”**. La Paz: Plural Editores, 1994. 175 p.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da

libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, pp. 51-73, 2016. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00051.pdf> >. Acesso em 23 abr.

2021.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais

afinidades do que disputas. **Matrizes**, v. 12, n. 1, pp. 99-113, 2018. Disponível em: <

<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137432/139746> >. Acesso em 15 mar.

2021.

FARIA, M. D.; CASOTTI, L. M. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência

como consumidoras: o drama dos personagens com deficiências nas telenovelas brasileiras.

Organizações & Sociedade, v. 21, n. 70, p. 387-4040, 2015. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302014000300003&lng=es&nrm=iso&tlng=es#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20das%20)

[92302014000300003&lng=es&nrm=iso&tlng=es#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20das%20](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302014000300003&lng=es&nrm=iso&tlng=es#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20das%20)

[cenas%20das,que%20eles%20pr%C3%B3rios%20desejam%20comer](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302014000300003&lng=es&nrm=iso&tlng=es#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20das%20). >. Acesso em 4 jun.

2021.

FERNANDES, E. R. Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre

Brasil e América do Norte. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 58, n. 1, p. 257-294, 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/dados/a/6dD4zfd8nb9f4dzYJnX6BQs/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 29 jun. 2021.

FERNANDES, W. R.; SIQUEIRA, V. H. F. Educação em saúde da pessoa idosa em discursos e práticas: atividade física como sinônimo de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, p. 371-385, 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/ctbPbqSww59SDbby5bn6kTw/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 14 jun. 2021.

GALLO, S. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 3, pp. 551-565, 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/MvmtfSMScW6MmJxZsqsPrzy/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em 9 abr. 2021.

GEIRING, M. E. Referenciação e hiperestrutura em textos de divulgação científica para crianças. **Linguagem em Dis(curso)**. V. 12, n. 3, p. 683-710, 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ld/v12n3/a03v12n3.pdf> >. Acesso em 11 jun. 2021.

GROSGOUEL, R. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

GUIMARÃES, A. D.; DINIZ, S. C. Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG. **Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, p. 1-16, 2019. Acesso em: < <https://www.scielo.br/j/urbe/a/mM78Hb5pHQ63bzCHH4xzZ4N/?lang=pt> >. Acesso em 30 jun. 2021.

HENRIQUES, M. N.; FILHO, F. F. L. Análise Cultural-Midiática: desafios e perspectivas a

partir do Grupo de Estudos Culturais e Audiovisualidades. In: MORAES, A. L. C.; JUNIOR, F. P. A.; FILHO, F. F. L. **Estudos Culturais na Comunicação Contemporânea**. 1ª Ed. São Paulo: Cásper Líbero, 2019.

HAMERMÜLLER, G. L. **Os Caciques Ñheçu e Sepé Tiaraju – o Mau e o Bom selvagem às vistas da Literatura e da História**. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, PR.

JUNIOR, N. C. P. Jacques Derrida e a Desconstrução: uma introdução. **Revista Encontros de Vista**, v. 5, n. 1, pp. 9-20, 2010. Disponível em: < <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4411/482484163> >. Acesso em 20 abr. 2021.

LIMA, N. Q.; SANTOS, M. S. T. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, v. 35, n. 2, p. 225-246, 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/interc/a/b5cW3qNdsg7cJhX38Jbv5dR/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 9 jun. 2021.

LOPES, J. A. Quem pariu a América?: trabalho doméstico, constitucionalismo e memória em português. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 10, n. 2, p. 94-123, 2020. Disponível em: < <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/RBPP/article/download/6900/pdf> >. Acesso em 23 jun. 2021.

LOVATTO, P. A.; LEHNEN, C. R.; ANDRETTA, I.; CARVALHO, A.D.; HAUSCHILD, L. Meta-análise em pesquisas científicas - enfoque em metodologias. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 36, pp. 285-294, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbz/a/TxB6XwXygrfKhPTmyyYMJrd/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 23 abr. 2021.

MACEDO, A. V. T. de. Funcionalismo. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 2, pp. 71-78, 1998. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25375> >. Acesso em 12 abr. 2021.

MALTA, R. B.; SANTOS, C. A.; SANTOS, E. A. A. Corpos que vendem produto: catálogos de cosméticos e assimetrias com a atual publicidade inclusiva. **Athena Digital**, v. 21, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: < https://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig_a2021v21n2/athdig_a2021v21n2p2624.pdf >. Acesso em 12 abr. 2021.

MARQUES, Â. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, v. 22, pp. 25-39, 2011. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7047/6056> >. Acesso em 12 jul. 2021.

MATOS, A. S. de M. C.; LEMOS, T. M. R. **Afrontando a lógica da colonialidade: por uma epistemologia desobediente. (Desobediências e Democracias Radicais: a potência comum dos direitos que vêm)**. Belo Horizonte: Initia Via, 2019. 208 p.

MATOS, N. A. **A representação da personagem Antoinelle em *Wide Sargasso Sea* (Jean Rhys – 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro – 2012): uma crítica feminista pós-colonial**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

MENEZES, S. P. **Quando o território descontrói o mapa: um encontro entre ciências sociais, arte e comunicação**. 2018. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB.

MERINO, X. A. D. Nueva corónica y buen gobierno i justicia: textualidades, subversión y resistencia en “zonas de contacto”. **Soletras Revista**, n. 38, 2019, pp. 408-430. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/43394/30861> >. Acesso em 23 abr. 2021.

MESSIAS, C. **Educação e Decolonialidade do Saber: um debate entre Michel Foucault e Enrique Dussel**. 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, SP.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, pp. 66-80, 2014. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74230601005> >. Acesso em 18 fev. 2021.

MIRANDA, A. P. M. **Teoria da Comunicação**. 2017. Disponível em: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/27104408/apostila-teoria-comunicacao> >. Acesso em 13 abr. 2021.

MIGNOLO, V. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

MOURA, F. A.; ARAÚJO, E. W. F. Práticas comunicativas, mídias e tecnologias: estudos cruzados entre Brasil e Angola. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, n. 1, 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/interc/a/QnDgw3jGG5Z9D7kb6bdCw4c/> > Acesso em 26 maio 2021.

MOURA, E. J. S. Arte/Educação Decolonial na América Latina. **Pedagogias Descoloniais**, v. 1, n. 21, pp. 31-44, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9689> >. Acesso em 26 abr. 2021.

NASCIMENTO, F. Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção. **Novos Olhares**, v. 7, n. 1, pp. 80-87, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/140941/141593> >. Acesso em 16 fev. 2021.

NEIRA, M. G. Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 35, p. 783-795, 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/YqRL45kX97wt98JcJyt5F6J/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 13 jun. 2021.

NERY, P. G.; REGO, T. C. Culturas da Infância: os modos como as crianças assistem e interagem com as séries de animação. **Educação em Revista**, v. 36, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edur/a/8gwQvVvtxKXjDvV54qMMY8b/?lang=pt#:~:text=Ao%20interagir%20com%20as%20s%C3%A9ries,o%20processo%20multimediato%20da%20recep%C3%A7%C3%A3o.> >. Acesso em 28 maio 2021.

NORONHA, D. P. de. A importância social da imagem – Reflexões sobre diferença, representação e poder em diálogo com um pensamento decolonial. **Illuminuras**, v. 20, n. 50, pp. 255278, 2019. Disponível em: < [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/80371-388532-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/80371-388532-2-PB%20(1).pdf) >. Acesso em 24 mar. 2021.

NUNES, M. S. **God Save The Queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook**. 2017. 362 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR).

OLIVEIRA, C. T. F.; COGO, D. ‘De primeiro, a gente lembrava...’ – Comunicação e interação de moradores do Assentamento Itapuú com o Movimento Sem Terra. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, v. 36, n. 1, p. 229-248, 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/interc/a/PYg4qngTzfbJZbnR6zMwdZk/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 6 jun. 2021.

OLIVEIRA, L. M. B. Sobre conquistas e tensões. **Estudos Avançados**, v. 38, n. 93, pp. 283-296, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ea/a/psKkGdMhr53xycFmd9YGwMs/?lang=pt> >. Acesso em 31 maio 2021.

OLIVEIRA, L.; FIGUEROA, J. V.; ALTIVO, B. R. Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interepistêmicos. **Revista Galáxia**, v. 46, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/gal/a/9MXqXf3nd5BNH3VpDjcwR7b/?lang=pt> >. Acesso em 26 maio 2021.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 73 p. Disponível em: < https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf >. Acesso em

11 set. 2021.

OROFINO, M . I. O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo.

Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 13, n, 1, p. 369-381, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2015000100023 >. Acesso em 25 ago. 2021.

ORTIZ, R. Estudos Culturais. **Tempo Social**, v. 16, n.1, pp. 119-127, 2004. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMMTCRVFY99PTFrj3h/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 12 abr. 2021.

CÂNCIO, R. N. de P. **Para além da aldeia e da escola: Um estudo decolonial de aquisição da Língua Portuguesa pelos indígenas Wai-wai da Aldeia Mapuera, Amazônia brasileira**. 2017. 275 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA.

PRUINELLI, L.; LUCE KRUSE, M. H. Mídia e doação de órgãos: a produção de sujeitos doadores. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 4, p. 86-93, 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Zcgys5Q9vLRTPvh6GWgbM4K/?lang=pt> >. Acesso em 25 ago. 2021.

QUIJANO, A. “Colonialidad del poder y clasificación social”. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

RAIMONDI, G. A.; MOREIRA, C.; BARROS, N. F. O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, pp. 1-14, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/fjhqTTt4gcGsjkqYZ3Z8DjP/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 28 maio 2021.

ROCHA, P. H. B.; MAGALHÃES, J. L. Q de.; OLIVEIRA, P. M. P. de. **Decolonialidade a partir do Brasil** – Volume I. São Paulo: Editora Dialética, 2020. 381 p.

SAID, L. O. S. **Buenas América Latina Digital : o Ensino de História da América Latina e os atravessamentos da cultura digital na sala de aula**. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado

em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Porto Alegre, RS.

SAMPAIO, S. M. V. Educação Ambiental e Estudos Culturais: entre rasuras e novos radicalismos. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, p. 1-19, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edreal/a/HfCZSr9yPxDRJfcbncFmzDL/?lang=pt> >. Acesso em 5 jul. 2021.

SANTOS, R. W. C. **Pioneiros e duendes: desenvolvimento e integração na Amazônia a partir dos filmes documentários de Jean Mazon**. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

SANTOS, Y. T. Raça, racismo e racialidade: A resignificação etimológica de uma pseudo-sociologia e a reverberação do espetáculo racial no contexto brasileiro. **Revista Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 5, Ed. 10, Vol. 2, pp. 78-95, 2020. Disponível em: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/raca-racialidade> >. Acesso em 21 abr. 2021.

SILVA, D. C. P. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Géledes: interseccionalidade, posicionamentos e interacionais e reflexividade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 3, p. 407-442, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982020000300407&tlng=pt >. Acesso em 23 ago. 2021.

SILVA JÚNIOR, J. F. da. **Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk**. 2019. 238 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

SILVA, S. L. C. **DramaturgiaS a partir de criADORES: Desmontagens de percursos criativos nas artes da cena**. 2019. 154 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea). Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos**

Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, F. B.; ALBUQUERQUE, G. R. Narrativas e amazonialismo: representações da Amazônia nos relatos de viagens de Paul Walle. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 39, n. 82, p. 46-63, 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882019000300043&tlng=pt >. Acesso em 30 ago. 2021.

SILVA, L. M.; SOUZA, A. M. R.; ALMEIDA, F. S. Linguagem, Literatura e Construção de Identidades em Práticas Pedagógicas: O Ensino de Línguas Estrangeiras em uma Perspectiva de Resistência. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 93, p. 1-26, 2018. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/326558993_Linguagem_literatura_e_construcao_de_identidades_em_praticas_pedagogicas_O_ensino_de_linguas_estrangeiras_em_uma_perspectiva_de_resistencia >. Acesso em 29 jul. 2021.

SILVA, K. T. **O Ensino da Arte no Ensino Fundamental a partir da Lei 11.646/08 e das Narrativas Indígenas**. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades). Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO.

SOUZA, J. L. **Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín**. 2019. 454 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

SOUZA, M. A. R.; WALL, M. L.; THULER, A. C. de M. C.; LOWEN, I. M. V.; PERES, A. M. O uso do *software* IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Escola de Enfermagem**, v. 52, pp. 1- 7, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reensp/a/pPCgsCCgX7t7mZWfp6QfCcC/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 12 abr. 2021.

SOUZA, M. R. F.; MONTEIRO, G. V. Os Estudos Culturais: o Real Midiático, o Real Cotidiano e a Pós-Modernidade do Mundo em Rede. **Revista Eletrônica Mutações**, 2017. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/3600/pdf> >

>. Acesso em 9 abr. 2021.

SOUZA, M. T. de.; SILVA, M. D. da.; CARVALHO, R. de. Revisão Integrativa: o que é e como fazer?. **Revista Einstein**, v. 8, n. 1, pp. 102-106, 2010. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt> >.

Acesso em 10 set. 2021.

STEFFEN, L. S.; HENRIQUES, M. N.; FILHO, F. F. L. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 43, n.3, p. 21-39, 2020. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/interc/a/Jf4VcrCqtKwpLLW5jrN6Rwn/abstract/?lang=pt> >. Acesso em 27 maio 2021.

STEINBRENNER, R. M. A.; CASTRO, E. M. R. de. Desenvolvimento e pensamento pós-colonial/decolonial: revendo conceitos e práxis. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2133-1.pdf> >. Acesso em 18 de fev. 2021.

STEFFEN, L. S. Um encontro com os Estudos Culturais: o percurso de descobertas e desafios de uma pesquisadora em formação. In: MORAES, A. L. C.; JUNIOR, F. P. A.; FILHO, F. F. L. **Estudos culturais na Comunicação Contemporânea**. 1ª Ed. São Paulo: Cásper Líbero, 2019.

SUBTIL, F. A abordagem cultural da Comunicação de James W. Carey. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, v. 37, n.1, p. 19-44, 2014. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/interc/a/6nNFF5bGkHtGbBWSRV9rSTL/?lang=pt> >. Acesso em 8 jun. 2021.

TELES, V. da S. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. **Tempo Social**, v. 2, n. 1, pp. 23-48, 1990. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/ts/a/sshm6whMhgZSMk7tmQ8CsQx/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 12 de jul. 2021.

TREMBLAY, G. Criatividade e pensamento crítico. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 255-266, 2011. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/interc/a/mgHwhHpzKhvGQrfV7YNPTsm/?format=pdf&lang=pt> >
Acesso em 11 jul. 2021.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. 308 p.

WALTER, R. Vozes Ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação. **Revista Ilha do Desterro**, v. 74, n. 1, p. 327-345, 2021. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/73796> >. Acesso em 25 ago. 2021.

WORTMANN, M. L. C.; SANTOS, L. H. S. dos.; RIPOLL, D. Apontamentos sobre Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, pp. 1-22, 2019. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n4/2175-6236-edreal-44-04-e89212.pdf> >. Acesso em 21 abr. 2021.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VILELA, R. S. Estudos culturais e interfaces objetos, metodologias e desenhos de investigação. In: FILHO, F. F. L.; BAPTISTA, M. M. (Orgs). **Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Santa Maria: UFSM, 2016. 382 p.